



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

PRESENÇA DO LÉXICO BANDEIRANTE NO FALAR RURAL
FORMOSENSE

WEIDER ROCHA DE ABREU

Brasília – DF

2009

WEIDER ROCHA DE ABREU

**PRESENÇA DO LÉXICO BANDEIRANTE NO FALAR RURAL
FORMOSENSE**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística, área de concentração *Linguagem e Sociedade*, pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Instituto de Letras – IL, Universidade de Brasília - UnB.

Orientadora: Profa.Dra.Marcia Elizabeth Bortone.

BRASÍLIA (DF)

Instituto de Letras da UNB

Março de 2009

WEIDER ROCHA DE ABREU

PRESENÇA DO LÉXICO BANDEIRANTE NO FALAR RURAL FORMOSENSE

Brasília, 19 de março de 2009.

Banca examinadora:

Dra - Marcia Elizabeth Bortone- LIP/UnB

Presidente

Dra - Ellen Fensterseifer Woortmann- DAN/UnB

Membro externo

Dra – Stella Maris Bortoni-Ricardo- FE/UnB

Membro interno

Dra – Enilde Faulstich- LIP/UnB

Membro suplente

Dedicatória

Dedico esta pesquisa a minha mãe, a minha orientadora Marcia Elizabeth Bortone, aos representantes e integrantes da cultura Caipira no Brasil, aos moradores do Vale do Rio Paranã, a minha querida família, a meus amigos e Professores.

Agradecimentos

A Deus.

Aos moradores do Vale do Paranã, pela comunhão com sua riqueza cultural.

À Professora Marcia Elizabeth Bortone, exemplo de luta e competência profissional, que sempre esteve presente, provendo a orientação e o apoio necessários à realização deste trabalho.

Aos Professores do curso de mestrado e colegas do Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGL, pela amizade e pelos momentos juntos nesses anos de estudo.

A minha irmã Vanete Rocha que sempre esteve disposta a me ajudar nesta dissertação.

ABREU, Weider Rocha de. **Presença do Léxico Bandeirante no Falar Rural Formosense**. 2009. 130p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Brasília. Brasília 2009.

RESUMO

Esta pesquisa objetiva aplicar os estudos sociolingüísticos interacionais, de forma a traçar o perfil sociolingüístico dos moradores da zona rural do nordeste goiano, por meio de uma descrição etnográfica que priorize a compreensão das identidades desses sertanejos, específicos do núcleo rural de Formosa-Go e adjacências. O trabalho busca explicitar a oralidade dessas pessoas que carregam um repertório lexical, que apresenta, dentre vários determinantes, características arcaicas em seu léxico deixadas nas rotas das bandeiras. E realçam os comportamentos interacionais nos diferentes ambientes onde ocorrem, como os familiares, institucionais e outros. A partir da análise do “corpus” encontrado, foi possível verificar a contribuição lingüístico-discursiva referente à formação lexical dessa comunidade influenciada pelas trilhas das bandeiras que riscaram o interior do Brasil em período colonial.

Palavras-chaves: sociolingüística interacional; léxico bandeirante; cultura rural.

ABREU, Weider Rocha de. **Presença do Léxico Bandeirante no Falar Rural Formosense**. 2009. 130p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Brasília. Brasília 2009.

ABSTRACT

The objective of this research is to apply interactional sociolinguistics studies, to form a sociolinguistic profile of the people that live in the northern rural area of Goiás, through ethnographic description that highlights the comprehension of the surrounding areas. The study tries to demonstrate the lexical repertoire of these people, which presents among many determiners, their archaic lexical characteristics held over from the first explorer's routes. And bring to light the interactional behavior in different environments in which they occur, such as in the family circle, institutional, and so on. Starting with the analysis of the corpus that was created, it was possible to verify the linguistic speech contribution relating to the lexical formation in this community that was influenced by the first explorer's trails that spread out into the central areas of Brazil during the colonial period.

Key-words: interactional sociolinguistics; Bandeirante lexicon; rural culture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1 – Festa do Divino	55
Figura 2 – Entrega da Bandeira do Divino	61
Figura 3 – Culinária da Festa do Divino	63

LISTA DE TRANSCRIÇÕES

TRANSCRIÇÃO 1 – trecho de entrevista com senhora sobre identidades culturais _____	43
TRANSCRIÇÃO 2 – trecho de entrevista com moradora rural _____	45
TRANSCRIÇÃO 3 – trecho de entrevista com senhora sobre procuração em anexo _____	46
TRANSCRIÇÃO 4 – trecho de entrevista com senhor sobre a pressão dos latifundiários nas terras rurais _____	46
TRANSCRIÇÃO 5 – trecho de entrevista com senhor sobre traição _____	50
TRANSCRIÇÃO 6 – trecho de entrevista com senhora sobre Festa de Santa Rosa _____	52
TRANSCRIÇÃO 7 – trecho de entrevista com senhor sobre a Folia do Divino na cidade de Formosa – GO _____	52
TRANSCRIÇÃO 8 – trecho de entrevista com senhor sobre o carro de boi _____	56
TRANSCRIÇÃO 9 – trecho de entrevista com senhor sobre a culinária típica da região do Nordeste Goiano _____	61
TRANSCRIÇÃO 10 – trecho de entrevista com senhor sobre lendas conhecidas na região, como por exemplo, Mudança de Ouro, Lobisomem e Mula sem Cabeça, Nego d’água Rumãozim _____	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1 Sociolingüística Interacional	14
1.1.1 Repertório Lingüístico de uma comunidade de fala.....	14
1.1.2 Histórico da Sociolingüística.....	15
1.1.3 Discurso e Interação.....	17
1.1.4 Implicações Sociointeracionais.....	19
1.1.5 Redes de Relações Sociais	22
1.2 Filologia Bandeirante	25
1.2.1 Aspectos Teóricos da Filologia Bandeirante.....	25
1.2.2 Breve Histórico sobre a Formação do Português Rural.....	31
II A PESQUISA	34
2.1 Metodologia	34
2.2 Contextualização do ambiente de pesquisa.....	37
III - ANÁLISES ETNOGRÁFICAS E LEXICAIS	43
3.1 Comunidades Rurais e suas Identidades Socioculturais	43
3.1.1 Discurso rural e abuso de poder.....	44
3.1.2 Mutirão e Traição.....	48
3.1.3 Religiosidade e Festejos.....	52
3.1.4 Meio de locomoção.....	56
3.1.5 Culinária.....	61
3.1.6 O real e o imaginário dos causos rurais.....	63
3.2 Análise do Léxico Bandeirante Presente nas Comunidades	66
3.2.1 Léxico e Contextualização.....	69
3.2.2 Léxico de origem latina.....	75

3.2.3 Léxico de origem indígena	80
3.2.4 Léxico de origem africana.....	81
3.3 Concluindo	82
IV- Considerações Finais.....	83
V - Referências.....	85
VI - Anexos	89

INTRODUÇÃO

Por meio dos pressupostos da sociolinguística interacional e da filologia bandeirante, esboça-se nesta dissertação o perfil sociocultural de algumas comunidades rurais do nordeste goiano, a partir da focalização das identidades sociais, culturais e históricas, consideradas como evidência de aquisição de normas compartilhadas que compõem o cenário da rota do ouro, dos tropeiros, dos aventureiros e dos bandeirantes que fizeram o movimento de ida para o sertão, o qual envolve os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

A percepção do “corpus” deste trabalho acadêmico está destituída do preconceito que estabelece a variante rural como desvio inaceitável em relação à norma padrão. Logo, as características do discurso encontrado são vistas como marcas de identidade do grupo, de fortalecimento da expressão da comunidade e de resistência à cultura urbana.

Verifica-se, no decorrer das análises, a contribuição lingüístico-discursiva referente à formação do léxico no Brasil do período Colonial. A observação do desempenho lingüístico da comunidade esclarece que ainda há termos que fazem parte do repertório do grupo, entretanto caíram em desuso na variação urbana da língua portuguesa no Brasil. Assim, a análise etnográfica evidencia um léxico que permanece no domínio dos moradores mais antigos.

Os momentos de interação verbal com moradores da região estudada possibilitaram registrar o léxico que fez parte do repertório lingüístico das comunidades que margeavam e compunham as antigas trilhas bandeirantes. Desse modo, é importante ressaltar que a linguagem das trilhas constitui o objeto principal do Projeto Filologia Bandeirante, coordenado pelo professor Megale (2000), no qual buscou pistas da língua utilizada no processo de povoamento das áreas interioranas do Brasil, desde os primórdios da colonização.

Segundo Megale (2000, p.10):

Há interesse em toda a gama de natureza dos dados que comprovem a arcaicidade da língua nas trilhas das bandeiras. O Projeto se propõe resolver a dificuldade de identificação da natureza arcaica desses dados, bem como situá-los, na medida do possível, na História da língua.

A partir do contato intenso com os moradores das fazendas do nordeste goiano, principalmente do Vale do Paranã, região que é cortada pelo rio Paranã, considerado como uma grande veia de água e vida para aquela região, e do apoio da orientadora Prof^a Dr^a Márcia Elizabeth Bortone neste trabalho acadêmico, a comunidade de fala rural que compõe o município de Formosa-Go e outros do nordeste goiano, saiu do seu anonimato, uma vez que se iniciaram o registro e a divulgação de vocábulos que estão em processo de desaparecimento, através da automação do meio rural e da descaracterização que essa comunidade tem sofrido no decorrer dos séculos.

Esta pesquisa está ligada à análise etnográfica e à lexicologia que, juntas, pretendem estabelecer uma melhor compreensão da linguagem como reflexo da cultura dessas comunidades rurais e rurbanas¹ integrantes do nordeste goiano. O ponto de partida é o município de Formosa-Go, seguido de municípios adjacentes e, excepcionalmente, das rotas bandeirantes.

O aspecto semântico e a origem histórica de vocábulos selecionados são analisados na linguagem caipira do Vale do Paranã. Tal seleção, após estudo, reflete a identidade do sertanista e a formação da sua realidade sociolingüística, por meio de observação participante nos ambientes naturais dessa comunidade.

A análise etnográfica sobre os aspectos históricos, sociais e lingüísticos contribui para a emersão da variação lingüística com traços arcaicos do português. Logo, é perceptível a riqueza que os rincões do nordeste goiano guardaram por séculos, em cada atividade de fala regida sob o paradigma do pretérito lingüístico que ainda sobrevive na oralidade, mesmo na contemporaneidade.

Esta pesquisa toma como base, portanto, a linguagem dos habitantes rurais do Vale Paranã, e reveste-se da exteriorização de determinantes que condicionam a diversidade lingüística, ou seja, a identidade sociolingüística do falante. Portanto, os fatores sócio-históricos que compõem essa variação lingüística retratam as transformações que sempre acompanharão qualquer língua.

¹ Termo usado por Stela Maris Bortoni (1985) que designa as comunidades urbanas de tradição rural.

As páginas iniciais da fundamentação teórica abordam aspectos, ora intitulados, ora subtitulados, tais como: a sociolingüística interacional, a comunidade rural formosense e a rede de relações sociais, a filologia bandeirante e os aspectos históricos na formação do português rural. Após a reflexão teórica, apresenta a seguinte disposição: metodologia, contextualização do ambiente rural e a análise etnográfica e lexical dos vocábulos.

A conclusão deste trabalho acadêmico permite avaliar o alcance dos objetivos propostos, assim como apresentar aos interessados em geral, a oculta realidade sociolingüística do caipira formosense. Finalmente, mais uma situação lingüística, antes destituída de registro e análise sai do anonimato pelo reconhecimento da identidade de um povo que até agora se via sem voz.

I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Palavras iniciais

Este tópico traduz os princípios da Sociolingüística Interacional, especificados por Gumperz (1988). Em seqüência, as redes de relações sociais, os aspectos da filologia bandeirante e considerações a respeito da formação do português rural são abordados através das vozes de outros estudiosos de não menor valor. A partir da aplicação das áreas citadas no início deste parágrafo, o conhecimento científico sobressai através da exposição analítica do repertório lexical encontrado.

1.1 - A Sociolingüística Interacional

1.1.1 - Repertório lingüístico de uma comunidade de fala

A diversidade de fala sempre foi o objeto principal dos estudos sociolingüísticos. Através desta premissa, é necessário apresentar a fala de Hymes (1986:38) que retrata a diversidade lingüística como um auxílio comunicativo nas interações verbais cotidianas, no sentido de que, em uma atividade de fala, os interlocutores, no intento de ordenar em categorias os eventos de fala, de inferir, e obter expectativas do porvir, se baseiam em conhecimentos e estereótipos oriundos de diversas maneiras de falar. Por fim, Hymes denomina esse conjunto de informações internalizadas como condição de manutenção do envolvimento conversacional e eficácia persuasiva.

Heteroglossia é a representação textual das diferenças sociais, portanto, quanto a esta premissa, é imprescindível expor a observação de Mikhail Bakhtin (1895 – 1975), a qual diz que em qualquer momento de sua evolução, a língua é estratificada em dialetos, em linguagens sócio-ideológicas – linguagens de grupos sociais, linguagens profissionais e genéricas - em linguagem de gerações e assim por diante.

Quanto à comunidade de fala, em decorrência de sua importância nesta dissertação, convém mostrar a definição desta expressão a partir de Hymes (1986: 54), a qual diz que comunidade de fala é um grupo de pessoas que compartilham regras de conduta, interpretação

e regras inerentes à interpretação de pelo menos uma variedade lingüística. Consoante a esta definição, é necessário destacar que o conhecimento lingüístico nas interações depende da força de contato, assim como das redes sociais. Neste contínuo de análise, é necessário comentar o conceito e as características de competência comunicativa sob a ótica de Hymes (1974:75), o qual defende a idéia de que a competência comunicativa consiste em uma série de habilidades, inclusive de conhecimento gramatical. Hymes, em função dessa defesa, diz que dentro da matriz social em que é adquirido o sistema gramatical, a criança adquire o sistema de seu uso, no que se refere a todos os componentes de eventos comunicativos inseridos de atitudes e crenças pertinentes.

“Etnografia”, que tem na sua formação o morfema grego ‘*ethnos*’ – + grafia, refere-se ao registro descritivo das características antropológicas, sociais, lingüísticas, etc, de um determinado grupo ou povo em suas atividades cotidianas. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p.38), o termo etnografia foi marcado por antropólogos no final do século XIX, para se referirem as pesquisas feitas sobre os estilos de vida de comunidades desconhecidos na cultura ocidental.

“Repertório lingüístico”, dentro da noção de competência lingüística apresentada por Hymes (1974), representa o conjunto de todas as variantes, dialetos e estilos de uma comunidade de fala, e consecutivamente, os determinantes que levam o falante a fazer determinada escolha. De acordo com essa caracterização, é notório que uma falante pode excluir ou ocultar a determinada seqüência discursiva em seu falar, devido ao receio de ser criticado de forma negativa.

1.1.2 - Histórico da sociolingüística

Figuroa (1994) faz importantes observações quanto à Sociolingüística Interacional, a qual apresenta o seu desenvolvimento tardio na história, especificamente no século XX, somado aos aspectos de amadurecimento adquiridos através dos estudos da sociologia da linguagem, da etnografia da comunicação e da sociolingüística laboviana. A partir dessa enunciação teórica, é necessário fazer um direcionamento para a análise interacional, ponto primordial desta pesquisa, pois implica a abordagem qualitativa que se realiza por meio de observações diretas de situações reais do discurso. Logo, tais observações são centralizadas

no evento discursivo, considerado como um modo de atividade social, situado em um ambiente específico, e relacionado à vida cultural da comunidade em que ocorrem os desempenhos discursivos.

A Sociolingüística Interacional apresenta John Gumperz (1988) como um dos grandes precursores do estudo da sociologia da linguagem e sua obra clássica *Discourse Strategies: studies in Interactional Sociolinguistics I* (1988). Ele interpreta regras da linguagem ligadas aos fatores sociais que contribuem para formação e processo de interação verbal. Portanto, esse estudioso busca o complemento em outras áreas de pesquisa, como a Antropologia Social, Etnografia, Análise do discurso, as quais reforçam os estudos da Sociolingüística Interacional para a compreensão da linguagem e seu contexto.

Citada no parágrafo anterior, a obra de Gumperz é de fundamental importância para a análise do grupo rural pesquisado, pois são muitos os elementos que caracterizam e compõem a diversidade lingüística de uma língua. Como exemplo dessa maleabilidade lingüística, há a língua portuguesa brasileira, da qual a diversidade sociocultural resultou a variante usada por comunidades rurais do interior do Brasil. Portanto, a obra de Gumperz (1988) proporciona subsídio salutar a esta pesquisa, uma vez que, além de vasta gama teórica, estabelece o pressuposto de que a participação em interações verbais, assim como as respectivas criações e os amparos implicam conhecimentos e habilidades que ultrapassam a competência gramatical indispensável ao processo decodificativo de mensagens pequenas e segregadas, o que remete a análise do corpus aos níveis de interpretações.

Pesquisas sociolingüísticas realizadas em comunidades rurais da Índia, Noruega, e nos Estados Unidos revelam grupos estigmatizados pelo seu falar, mas que possuem forte identidade sociocultural. Diante da complexidade de interpretação desses grupos, e de respectiva analogia quanto aos conhecimentos morfológicos e fonológicos repassados por Saussure e seus dialetólogos quanto às fronteiras gramaticais e populacionais, torna-se significativa a seguinte assertiva de Gumperz² (2002, p.6):

² But the more I learned about the nature and functions of conversational strategies, the more I became convinced that sócio-cultural differences and their linguistic reflections are more than just causes of misunderstanding or grounds for pejorative stereotyping and conscious discrimination.

Quanto mais eu aprendi sobre a natureza e as funções das estratégias conversacionais, mais eu me convenci que diferenças socioculturais e suas reflexões lingüísticas são a causa de inadequações interpretativas ou consideradas como estereótipos pejorativos e preconceituosos.

A reflexão acima demonstra a necessidade de se respeitar o léxico e a correspondente interpretação desse léxico, pois é notória a presença de diferentes origens socioculturais na construção de uma “mesma língua”, que mal interpretada, ocasiona a desconstrução social e discursiva. Logo, essas palavras são confirmadas em outras postulações do capítulo Convenções de contextualizações, de Gumperz (1988), as quais retratam as pistas de natureza sociolingüísticas. Tais pistas lingüísticas são sinais de intenções comunicativas ou de inferências de intenções conversacionais do interlocutor. Podem ser divididas em pistas lingüísticas: a alternância de código, de dialeto ou de estilo; em pistas paralingüísticas: o valor das pausas, o tempo da fala e as hesitações; em pistas prosódicas: entoação, o acento, o tom; em pistas não-vocais: direcionamento do olhar, o distanciamento entre os interlocutores e suas posturas, e a presença dos gestos.

1.1.3 - Discurso e interação

O ambiente discursivo, retratado pelas normas culturais compartilhadas, reveste-se, inicialmente, do processo de aquisição da língua materna, que ocorre nos primeiros anos de vida de um indivíduo. Consecutivamente, em decorrência da necessidade de adequação ao mecanismo de aculturação e bom convívio, o indivíduo, membro de seu grupo social, começa a refletir o contexto cultural no qual está imerso e suas implicações. A língua é criada e recriada em cada momento de interação verbal, ou seja, a cada vez que o indivíduo elabora e organiza a própria língua, contextualizada no seu ambiente cultural. Desse modo, constrói-se a base lingüística em função da interação dos membros que participam dessa realização verbal, pois há uma língua viva para a qual não cabe uma visão elaborada sob o prisma da exclusão ou preconceito. A esse respeito, Gumperz³ (2002, p.154) afirma que:

Há teorias que ressaltam a necessidade de uma relação extralingüística, um conhecimento sociocultural para interpretar a gramática de uma língua em

³ Existing theories visualize the relationship of extralinguistic, sociocultural knowledge to grammar in one of two ways. The first is the anthropological traditional of ethnography of communication, where socio-cultural knowledge is seen as revealed in the performance of speech events defined as sequences of acts bounded in real time and space, and characterized by culturally specific values and norms that constrain both the form and content of what is said.

um de dois caminhos. O primeiro é a antropológica tradicional da etnografia da comunicação em que o conhecimento sociocultural é visto e revelado na performance dos eventos discursivos definidos como seqüências de atos que ultrapassam em tempo real e espaço, e caracterizado por valores e normas culturalmente específicos que direcionam ambos conteúdo e forma do que foi dito.

A compreensão de uma variante lingüística inicia-se com o conhecimento prévio do discurso de uma comunidade. Logo, a etnografia passa a ser o meio descritivo do discurso que revela normas culturais compartilhadas e aspectos lingüísticos típicos dos seus falantes.

Gumperz⁴ (1982, p.1) salienta que: “A sociolingüística interpretativa desenvolve abordagens de interação humana que contam com regras que jogam o fenômeno comunicativo no exercício do poder e controle, assim como na produção e reprodução da identidade social”. Conforme estas palavras, a interação verbal reveste-se de um jogo de poder que cria e recria a identidade de um grupo no processo de comunicação. Logo, sabe-se quão necessária é a busca de mais explicações sobre o fenômeno comunicativo, o qual tem o seu início na obtenção de respectivas respostas desdobradas nas práticas discursivas e no ambiente de ocorrência.

Gumperz (2002, p.209) define a competência comunicativa como o conhecimento lingüístico e convenções comunicativas que os falantes possuem para criar e sustentar a cooperação conversacional. Essa definição permite ir a postulações correlatas: as elocuições podem ser compreendidas de diversas formas, ou seja, as convenções podem dar sentidos diferentes a uma mesma enunciação. A enunciação tem determinada significação em função do momento de interação; e através da pesquisa sociolingüística, o ato de registrar e investigar aspectos específicos do processo comunicativo (verbal e não-verbal) espelha o contexto sociocultural. Portanto, o objetivo da análise etnográfica está na ocorrência da atividade lingüística que segue respectiva ordenação e contexto, ou seja, na abordagem da etnografia da fala, a situação conversacional deve ser vista, principalmente, pela existência de regras culturais convencionais de fala que são adequadas para uma determinada circunstância de ocorrência.

⁴ “The develop interpretative sociolinguistic approaches to human interation which account for the role that communicative phenomena play in the exercise of power and control and in the production and reproduction of social identity”.

Segundo Gumperz (1982, 155), os estudos da linguagem em uso são concentrados naquilo que Hymes chama de atividade de fala. Dessa atividade, incluem-se as informações sobre o local em que ocorre o repertório lingüístico, as variações da língua, dialetos e estilos empregados em uma comunidade. Por fim, a assertiva anterior pode ser retratada da seguinte forma: as atividades de fala são frutos do meio ambiente em que ocorrem.

A atividade de fala é designada por Gumperz (1982, p.166) como um conjunto de relações sociais elaboradas a partir de um conjunto de esquemas em relação a algumas metas comunicativas. A atividade do discurso pode ser caracterizada através de frases descritivas, como “discutindo política”, “conversando sobre o clima”, “contando história a alguém”, e “palestrando sobre lingüística”. Na atividade de conversa informal, estabelece que os tópicos mudam-se livremente, sem prejuízo do significado, pois as pistas lingüísticas asseguram a fiel compreensão.

A unidade fundamental de observação na análise interacional é a situação, (cf.GOFFMAN, 1964:134). Em situações interacionais, o indivíduo pode se comportar de uma forma verbal e não-verbal, com uma intenção comunicativa que busca um entendimento final.

As situações interacionais de fala são parcialmente estilizadas e orientadas por um desempenho usual que requer regras fixas, como, por exemplo, cerimônias de batismo, casamento ou fúnebre, entre outras. Normalmente, esses comportamentos discursivos estilizados atuam como um definidor da situação onde ocorrem. Porém, as situações interacionais podem ser marcadas por momentos não estilizados e que não requerem regras fixas, como, por exemplo, os diálogos sem compromisso, os quais permeiam a vida diária de qualquer indivíduo.

Podem ser analisadas as situações de fala que foram designadas por Hymes (1972:56) como eventos de fala. Em qualquer comunidade, como, por exemplo: uma reunião de professores e pais de alunos, uma entrevista para obter emprego ou uma consulta médica, o evento de fala requer algumas limitações; pois, em situações de ocorrência de determinada fala, não se espera ouvir algo fora do contexto, o qual não caracterize situações e eventos de fala.

Gumperz e Blom (1972, p.41) ao descrever os padrões de fala de uma pequena comunidade da Noruega (Hemmesbertget), relataram: “Eles são alvos de freqüentes comentários e piadas, e parecem desempenhar um papel importante para a manutenção da identidade local”. Em suas descrições, identifica-se a manutenção da identidade de um grupo estigmatizado em maior intensidade na zona rural, uma vez que a característica sociolingüística do grupo está vinculada às relações interativas. O estudo apresenta uma análise criteriosa de identificadores próprios da fala, assim como do caráter implícito das relações sociais. Logo, tal intento investigativo propicia uma ferramenta a mais para a análise dos diferentes discursos.

1.1.4 - Implicações sociointeracionais

Bortone (1996, p.25) diz:

Para o sociolinguista, a ênfase deve ser dada aos padrões da forma de fala como uma evidência de uma aprendizagem prévia pelo falante da aquisição de normas culturais compartilhadas. O interesse nas atividades de fala pode ser concebido como parte, tanto do interesse etnográfico nos padrões culturais do discurso, como no interesse etnometodológico da produção e organização local da fala.

A reflexão acima confere ao sociolinguista a possibilidade de analisar os padrões da forma de fala como destaque de uma aprendizagem cultural concebida previamente pelo falante, em face à aquisição de regras culturais compartilhadas. Os padrões de ocorrências de fala tornam-se um índice de determinação da assimilação das atividades de fala interativas e o respectivo interesse é concebido, ora como etnográfico, ora como etnometodológico. Dessa forma, Bortone ratifica a necessidade do estudo descritivo do desempenho lingüístico das diferentes etnias e de suas particularidades antropológicas e sociais.

A sociolingüística busca, também, investigar e compreender a língua em vários contextos sociais e culturais, nos quais a linguagem é o reflexo de identidade, ou seja, há a definição da comunidade lingüística. Esta explicação é conferida a Bortone (1996, p.23) em sua análise a respeito dos trabalhos de Worf (1936) e Sapir (1925): seus estudos marcam-se

pela ênfase no valor positivo da diversidade lingüística e cultural e na avaliação do papel do componente cultural na determinação da estrutura das línguas.

Com o intuito de apontar parceiros teóricos à lingüística em foco, torna-se essencial citar Jean Dubois (1998, p.133), o qual define comunidade lingüística:

Chama-se comunidade lingüística um grupo de seres humanos que usam a mesma língua ou o mesmo dialeto, num dado momento, e que podem comunicar entre si. A comunidade lingüística não é homogênea: compõem-se sempre de um grande número de grupos que têm comportamentos lingüísticos diferentes. O conceito de comunidade lingüística implica simplesmente que sejam reunidas certas condições específicas de comunicação, preenchidas num dado momento por todos os membros de um grupo e unicamente por eles; o grupo pode ser estável ou instável, permanente ou efêmero, de base social ou geográfica.

Dubois conceitua comunidade lingüística sob a percepção da competência e desempenho, as quais se remetem à acepção dada à heterogeneidade, em virtude dos contextos sociais e culturais. Novamente, encontra-se a exposição das diferenças lingüísticas que levam aos ‘padrões de forma de fala’, retratados por Bortone (1996).

Sapir (1985, p.7) diz que é verdadeira a concepção da linguagem como um meio essencialmente perfeito de expressão e comunicação para todos os povos conhecidos. Em ambientes conhecidos de ocorrências lingüísticas, é notório que a supremacia da linguagem em face aos outros mecanismos de comunicação é a que mais se insere de perfeição, dada a sua condição de dirimir equívocos. Desse modo, é primordial a leitura da caracterização feita do ato comunicativo por Dubois (1998, p.129):

(1) pelos participantes da comunicação, cujo papel é determinado pelo ego (ou eu), centro da comunicação; (2) pelas dimensões espaço-temporais do enunciado ou contexto situacional: relações temporais entre o momento da enunciação e o momento do enunciado (os aspectos e os tempos); relações espaciais entre o sujeito e os objetos do enunciado, presente ou ausentes, próximos ou remotos; relações sociais entre os participantes da comunicação, assim como entre eles próprios e o objeto do enunciado (os tipos de discursos, os fatores históricos, sociológicos, etc.).

Bortone diz (1996, p.23):

A necessidade de um conhecimento mais aprofundado do funcionamento do processo comunicativo deveu-se a diversos questionamentos não solucionados pela sociolinguística quantitativa, como o papel que o fenômeno comunicativo desempenha no exercício do poder, controle, produção e reprodução da identidade social ou como a ideologia entra na prática discursiva criando um espaço interacional no qual o processo subconsciente de inferências pode gerar uma grande diversidade de interpretações, ou ainda porque a linguagem estigmatizada de alguns grupos tende a persistir mesmo em face das pressões educacionais e sociais para a padronização.

Bortone, em face ao fenômeno comunicativo descrito, salienta a importância do estudo científico de fatos lingüísticos que ainda não são contemplados em definitivo pela Sociolinguística. O modelo padrão não alcança a todos, portanto sua força elitista pode ser um indicativo de segmentação social e os que não a dominam podem se privar ou serem privados de direitos e presença cidadã. O grau de letramento em qualquer situação de enunciação pode favorecer ou não a interação.

Esta estudiosa refere-se a um aspecto primordial na análise sociointeracional: trata-se do espaço interacional no qual o mecanismo do subconsciente de inferências gera uma grande possibilidade de interpretações. Desse modo, as variações lingüísticas e interpretações pertinentes podem ocasionar inferências diversas quando os sujeitos da fala são de meios lingüísticos diferentes. Com esta especificação teórica, a diversidade do léxico, tanto na sua forma, como na sua abstração, é motivo de análise, pois a interação e o respeito decorrem da permuta dos ambientes lingüísticos.

1.1.5 Redes de Relações Sociais

Milroy (1980, p.6) diz que grande parte dos trabalhos desenvolvidos sobre redes de relações sociais é dominada pela influência de Willian Labov, cuja pesquisa inicial é enraizada num plano de fundo dialetológico. Nos famosos estudos Martha`s Vineyard (feito em 1961) e New York City (1966), Labov utilizou o plano de fundo de um trabalho anterior para localizar suas próprias observações em tempo real ou histórico, o qual iria ajudá-lo quanto às direções das mudanças lingüísticas.

Milroy (1980, p.10) retrata a variação sociolingüística como um elemento lingüístico (na prática, geralmente fonológico) que varia em tempo determinado, não somente com outros elementos lingüísticos, mas também com um número de variáveis extralingüísticas independentes, como a classe social, idade, gênero, grupo étnico e estilo contextual.

Milroy (1980, p.19) esclarece que os recursos disponíveis para a manipulação incluem variedades de baixo prestígio e estigmatizadas, que podem ser usadas, se o orador assim desejar, para indicar lealdade a uma comunidade local e rejeição a valores metropolitanos e nacionais. Percebe-se através deste posicionamento que a linguagem estigmatizada pode ser usada como uma barreira a influências externas, a qual se torna ponto determinante de segregação.

Milroy (1980, p.19) faz a seguinte analogia: diz-se ao invés de supor um continuum sociolingüístico com uma posição vernacular na parte inferior e um dialeto de prestígio no topo, com movimentos lingüísticos de indivíduos geralmente em uma posição vertical, é possível ver o vernáculo como uma força positiva: deve estar em conflito direto com as normas padronizadas, utilizadas como símbolo pelos falantes para carregar poderosos significados sociais e, portanto, resistente a pressões externas. Trata-se de mais uma postulação de Milroy quanto à capacidade de segregação, identidade e resistência social do dialeto.

Milroy (1980, p.19) considera que os grupos de network não são somente densos, como cada indivíduo tende a ser conectado a outros, em mais de uma capacidade – como uma relação de co-empregado, familiaridade ou amizade. Esse tipo de network (onde há ligação entre indivíduos) pode ser chamado de multiplex, se contrastada com o tipo ligação, a uniplex, própria da elite que tende a associar-se com as pessoas locais, em uma única capacidade.

Os estudos de comparações detalhadas, de Milroy (1980, p.32), sobre a interação de um pequeno grupo, revelam que residentes da mesma pequena cidade são segmentados em grupos – ou networks – que de fato não dividem as mesmas normas lingüísticas. O significado social carregado pelo dialeto é diferente para cada grupo. Logo, tais estudos permitem dizer que a interpretação do ambiente de fala deve inserir de conhecimento a respeito das normas de realização, pois cada evento de fala constitui-se de peculiaridades.

Para interpretar o comportamento lingüístico da comunidade em análise é fundamental entender e identificar a rede de relações sociais (cf. Milroy, 1980). Sua teoria modela os comportamentos interacionais nos diversos domínios nos quais ocorrem, portanto, para compreender as características das redes de contato (networks), torna-se essencial conhecer as suas relações com a língua e respectivos reflexos na formação de comunidades de fala, com traço mais aberto ou mais fechado.

De acordo com a distinção binária que a análise da estrutura network possui, Milroy conceitua comunidades que apresentam relações “multiplex”, característica dos sistemas sociais fechados e tradicionais, nos quais há contatos entre os membros de uma comunidade que se cruzam em ambientes familiares, profissionais. O conhecimento entre esses indivíduos é amplo e intensifica a rede de relações sociais.

Diferentemente, as comunidades de fala não tradicionais, possuidoras de uma relação “uniplex”, apresentam uma baixa intensidade de contato entre os membros que as integram. Tal forma de relação social não oferece uma situação que proporciona o reconhecimento entre os indivíduos em diversos ambientes sociais.

Bortoni-Ricardo (2005, capítulos 8 e 9) apresenta uma gama de informações sobre as redes de relações sociais e os problemas no processo de aprendizagem da língua materna no Brasil, em face à clientela diversificada nas escolas, à falta de política educacional que trate de forma realista a pluralidade sociolingüística e à importância do uso de recursos analíticos da antropologia social, à análise da clientela diversificada para a produção do perfil sociolingüístico dos alunos. Essas informações servem de pilares à análise de comunidades que ainda conservam o seu léxico, pois estabelecem caminhos que, se observados, levam a registros que respondem de forma fiel ao desempenho lingüístico e suas circunstâncias.

A sociolingüista e etnógrafa, citada no parágrafo anterior, explicita uma característica de nuance intrigante nas sociedades modernas: as variedades lingüísticas desprestigiadas conservam-se nas comunidades urbanas, mesmo sob a constante influência da norma-padrão. Essa característica é colocada como fator marcante, mesmo em países onde a alfabetização é universal, por volta de algumas décadas. Aponta, ainda, uma condição que leva a análise dessas sociedades a uma explicação plausível: há a coexistência das variedades lingüísticas

com a variedade de prestígio. Logo, esse fenômeno pode ter sua explicação pautada nos estudos de redes (*networks*) da antropologia social.

Bortoni-Ricardo faz algumas considerações salutares sobre o paradigma do estudo de redes: com objetivos analíticos, esse modelo teve seu desenvolvimento na antropologia, a partir da década de 1950, com o propósito de obter maior intensidade na explanação da análise das interações. Retrata Mitchell (1969 *apud* Bortoni-Ricardo, 2005, p.84), que o interesse sobre os estudos das pessoas envolvidas na rede, deve focar-se, primordialmente, nos liames existentes nas relações mútuas das pessoas, como condição de explicação do comportamento.

A partir das considerações anteriores, outras particularidades de grande importância para a compreensão dos estudos de redes são citadas por tal estudiosa. Primeiramente, expõe que a relação entre os traços morfológicos e o comportamento social, sob os ditames do estudo sistemático, teve seu marco inicial nos estudos de Barne em 1954, quando este apresentou o conceito de densidade de redes e o grau de redundância nos vínculos. Consecutivamente, explica os termos ‘uniplex’ e ‘multiplex’: o primeiro refere-se ao vínculo singular entre duas pessoas, ou seja, quando alguém se relaciona com outra, apenas em uma situação ou capacidade, exemplificada em empregado-padrão; o segundo termo refere-se às múltiplas formas de relacionamento que alguém pode desenvolver, exemplificadas em parentes, colegas de trabalho, vizinhos e outros.

1.2 - Filologia Bandeirante

1.2.1 - Aspectos Teóricos da Filologia Bandeirante

O Projeto Filologia Bandeirante, organizado por Heitor Megale (2000) e outros pesquisadores, tem como seu marco o primeiro volume da série Estudos. Esse tomo contém a reunião de vários trabalhos esclarecedores do estado da língua nas rotas das bandeiras. Por fim, ressaltam-se os diversos pesquisadores que contribuíram com seus trabalhos de pesquisas, discutidos e apresentados na primeira reunião geral do projeto realizada no Caraça, em outubro de 1998.

O Projeto em questão pretendeu pesquisar e analisar os dados lingüísticos do português na trilha das bandeiras. Esse “caminho” caracterizou-se pela movimentação humana que partiu rumo ao sertão em busca de metais preciosos, demarcação de terras e escravização de índios. Por conseguinte, muitos se instalaram às margens dessa trilha, e outros bandeirantes e tropeiros retornaram às regiões (SP, MG, GO, MT), que ainda estavam em processo de colonização, nos séculos XVII e XVIII. Por fim, dentre os integrantes da trilha bandeirante, os que ficaram na região do nordeste goiano trouxeram tradições e características lingüísticas dos seus estados e/ou países. Essas diferenças se enraizaram em comunidades de fala que se formaram nas picadas bandeirantes.

O Projeto Filológico apresenta como referência inicial de rota a grande bandeira de 1674. Em seguida, expande a pesquisa para as demais rotas que surgiram em decurso do desbravamento dos sertões. Há nesse feito filológico, o registro e a interpretação dos traços de um português arcaico que é fruto de um falar pertencente ao período do Brasil colônia. Desse modo, o falar descrito no Projeto Filologia Bandeirante representa uma forma de resistência sociocultural das comunidades rurais que se estabeleceram como ilhas lingüísticas no interior do Brasil.

As pesquisas sociolingüísticas reconhecem os falares que são distribuídos ao longo das trilhas. Portanto, com o intuito de formar um Atlas lingüístico detalhado dos falares que compõem a língua portuguesa brasileira nas últimas décadas, a fala da região de Goiás tornou-se objeto de pesquisa da Universidade Federal de Goiás, em meado do século XX. Logo, essa pesquisa iniciou-se com um trabalho intitulado “Estudo de dialetologia portuguesa: a linguagem de Goiás” elaborado por Teixeira (1944).

Essas pesquisas realizadas inserem-se dos atributos da “ecologia da língua” (Couto, 2007). Devido à diversidade regional, há influências lingüísticas diversas no estado de Goiás. Couto (2007, p.42) define ecologia da língua: “Estudo das relações entre língua e meio ambiente (social, mental e físico).”

Megale (org, 2000 p.10) profere:

Tanto as formas mais antigas, como essas desaparecidas, há menos tempo, interessam sobremaneira aos propósitos do projeto, independentemente da

natureza de seus dados, se lexicais, se fonéticos-fonológicos, morfo-sintáticos ou semânticos. Há interesse em toda a gama de natureza dos dados que comprovem a arcaicidade da língua nas trilhas das bandeiras. O Projeto se propõe resolver a dificuldade de identificação da natureza arcaica desses dados, bem como situá-los, na medida do possível, na História da língua.

Independente da natureza dos dados, Megale ressalta que os interesses desse Projeto não se devem ater às respectivas naturezas. Sob esse propósito, o *corpus* é analisado em vários pontos da trilha bandeirante, o qual apresenta um arcaísmo que tem sofrido mudanças diacrônicas, conforme as influências sociais, históricas e lingüísticas de cada época, mas que não perdeu sua essência arcaica. Logo, a identificação da natureza arcaica dos dados encontrados é uma dificuldade a ser vencida.

Megale (2000.p.15) diz em seu texto *Bandeira e Bandeirante*, que:

O projeto já identifica no leito das trilhas marcas de uma movimentação demográfica que fornecem dados que se espera tornem-se progressivamente elucidativos de uma língua portuguesa em processo de substituição das diferentes línguas nativas, genericamente reunidas sob a denominação de língua geral.

No Projeto, Megale retrata as marcas de movimentação demográfica, a partir do mapeamento realizado no primeiro ano de sua ocorrência. O mapeamento permitiu a obtenção de dados esclarecedores de uma situação progressiva de substituição das diversas línguas nativas, denominadas na forma sintética de língua geral. Desse modo, as muitas horas de estudo e gravações de descrições orais dos participantes do Projeto de Filologia Bandeirante proporcionaram o registro do processo de assimilação entre diferentes contatos.

Há a necessidade de se conhecer um posicionamento teórico muito importante de Silva Neto (1950.89-91), citado por Mendes, no tópico intitulado “Os Bandeirantes falavam a língua geral”: Segundo Silva Neto (1950: 89-91), até pelo menos o início ou meados do século XVIII, havia um predomínio quase da língua geral ou koiné de origem tupi “(...) *foi essa koiné, falada na costa, que invadiu o interior com as bandeiras e as entradas*”.

Essa posição teórica de Silva Neto remete à língua falada por aqueles que buscaram as riquezas minerais do interior do Brasil ao conceito de *coinë*, vocábulo de origem tupi que

significa língua geral. Couto (1996, p.97) define coinê como uma língua que serve de intermediário entre falantes de língua mutuamente ininteligíveis, “As coinês, trata-se da convergência de dialetos de uma mesma língua, quer eles sejam mutuamente inteligíveis quer não”.

É perceptível que as bandeiras e as entradas levaram uma grande quantidade de pessoas de várias nacionalidades para o interior do Brasil em busca de riqueza e glória, no qual muitos perderam suas vidas em confrontos ocorridos nesses sertões. Enfim, essa língua geral (coinê) corrobora o vínculo entre falantes da costa e os das trilhas bandeirantes.

A força dos colonizadores foi tenaz, pois exterminou muitas tribos e silenciou línguas milenares. Silva (2004:74) reforça a idéia da importância da comunicação no período colonial:

A larga difusão documentada do uso do que se chama língua geral, se seguindo, num primeiro momento, a frente de colonização dos padres catequistas, corporificada nos aldeamentos indígenas e nos Colégios da Companhia de Jesus e depois ultrapassando esses limites para vir a ser, como se costuma afirmar, a língua da colonização dos interiores brasileiros pelos bandeirantes partindo de São Paulo, essa língua geral ter-se-ia transmitido pela oralidade, sem controle de escolarização sistemática e em situações de aquisição imperfeita, no sentido de que nesse contexto de aquisição estariam indivíduos pertencentes a situações bilíngües (português/língua geral) ou multilíngües (português/língua geral/ línguas indígenas e/ou africanas).

A idéia anterior expressa uma linha cronológica da língua intitulada geral: inicia-se com a colonização dos padres catequistas frente aos aldeamentos e Colégios da Companhia de Jesus, e segue para o interior do Brasil através das Bandeiras. Entretanto, a difusão dessa língua geral destituiu-se de escolarização sistemática, o que permitiu uma aquisição imperfeita.

Sergio Buarque de Holanda (1999, p.125) afirma:

Entre os paulistas do século XVII fosse corrente o uso da língua-geral, mais corrente, em verdade, do que o próprio português. Nada impede, com efeito, que esses testemunhos aludissem, sobretudo às camadas mais humildes (e

naturalmente as mais numerosas) do povo, onde a excessiva mistura e convivência de índios quase impunham o manejo constante de seu idioma.

Consoante à citação anterior, é notória a sobreposição da língua geral. Houve comprometimento da originalidade da fala nativa perante a colonização. Logo, concebeu-se no período de colonização uma fusão lingüística, étnica, cultural de povos europeus e ameríndios, denominada anteriormente por Silva Neto (1950) em citação, como koiné.

Os bandeirantes tiveram fundamental importância na migração lingüística. Porém, é preciso expor o valor da figura feminina, pertencente à sociedade paulista: os homens bandeirantes que partiram rumo ao sertão deixaram suas mulheres como um elemento de estabilidade dos afazeres domésticos. Essa situação levou à formação de pólos familiares mantenedores da língua geral paulista, devido ao elo lingüístico estabelecido por essas mulheres com seus servos ou criados que dominavam apenas a língua tupi.

A respeito do comentário sobre o sistema matriarcal no parágrafo anterior, é importante apreciar a enunciação de Holanda (1999, p.124) que reproduz a situação das crianças em meio a um ambiente de fala plural.

Atraído periodicamente para o sertão distante parte considerável da população masculina da capitania, o bandeirismo terá sido umas das causas indiretas do sistema quase matriarcal a que ficavam muitas vezes sujeitas as crianças antes da idade de doutrina e mesmo depois. Na rigorosa reclusão caseira, entre mulheres e serviçais, uns e outros igualmente ignorantes do idioma adventício, era o da terra que teria de constituir para elas o meio natural e mais ordinário de comunicação.

De acordo com os relatos de Alincourt (2006, p.78) o gentio Goiás era persuadido a ter como bode expiatório as mulheres, prática pertinente à violência colonialista:

Prosseguiu Bueno nos seus trabalhos, que eram interrompidos de contínuo pelo gentio Goiás, que se tinha fortificado no terreno junto à confluência do rio Vermelho, com o dos Bugres: foi, pois indispensável domar, e afastar daqueles contornos a estes bárbaros, e usando-se do estratagem de se lhes prenderem as mulheres, deles se obteve o intento desejado.

Luís d'Alencourt comenta em seu diário a relação dos primeiros paulistas com os índios encontrados nas rotas criadas pelos bandeirantes (2006 p.72-73):

Nada havia naquelas remotas épocas que pudessem quebrantar o desejo das descobertas, e alguns paulistas audazes se expuseram à fome, à sede, às feras e a milhares de incômodos, entranhando-se por sertões desconhecidos, para cativarem os índios, e para depois os venderem nas povoações vizinhas ao mar, chegando a haver em S.Paulo casa que possuíam mais de seiscentos destes miseráveis: eis os motivos, que fizeram descobrir Goiás, e outros muitos lugares no interior do Brasil.” (...) “... o cativo dos índios foi o único fim das primeiras entradas, e aqueles desgraçados, que se não podia agrilhoar com manha, ou força, eram mortos.” (...) “ Outros paulistas, por iguais razões às de Correia, vagaram pelo sertão, e entre eles se distinguiu com particularidade Bartolomeu Bueno da Silva, natural da vila de Paranaíba, que seus compatriotas mencionaram como um herói: este homem astucioso, duro por natureza, e acostumado ao trabalho, penetrou em 1682, sem que o embaraçasse o peso de uma larga idade, até ao lugar do pacífico gentio goiás.(...) Grande foi o ódio, que os selvagens conceberam ao primeiro Bartolomeu, e em razão, de seus enganos, e ardis o apelidaram Anhanguera, que vem a dizer Diabo Velho; foi ele o que, entre todos os antigos sertanistas, soube melhor que nenhum inventar, pôr em prática diversos estratagemas para iludir os índios, a fim de os cativar; e além do da aguardente, de que já falei, outro me ocorre não menos notável, e que pinta bem a sua astúcia, e a credulidade indiana.

A partir do processo de constituição social, histórica, e lingüístico dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, surgiu à necessidade de entender como esses processos de formação têm suas explicações na linguagem usada por comunidades rurais, as quais foram construídas ao longo dos séculos e dos caminhos rumo aos sertões. De fato, os estudos ligados à sociolinguística interacional e às pesquisas da Filologia Bandeirante ajudam a compreensão e a preservação da cultura ligada a tradições rurais. Concernente a estes aspectos, é necessário destacar a importância das histórias que se tornaram veículos de conservação cultural devido à transferência oral dos fatos, ao conhecimento da terra, à natureza e à própria identidade.

Pelas razões abordadas nos parágrafos anteriores, é preciso que os estudos sociolinguísticos detalhem, analisem e registrem as variações lingüísticas que são estigmatizadas por muitos, principalmente pelos detentores do processo lingüístico de instituições educacionais. Desse modo, as situações apontadas nas referências teóricas, especialmente as presentes neste capítulo, associadas aos retratos dos ambientes pesquisados e

expostos na análise do corpus deste trabalho científico, passam a integrar os dados da sociolingüística.

1.2.2 Breve histórico sobre a formação do português rural

A realidade sociolingüística do ambiente rural pesquisado e os fatores sociais e históricos influenciaram diretamente a formação e composição do léxico que ainda pode ser encontrado em uso por moradores mais antigos, em situações específicas de atividade de fala. É necessário que o tempo pretérito seja abordado para elucidar a variante lingüística inserida em características arcaicas da língua portuguesa. A arcaicidade encontrada reveste-se de diversidade histórica, social e lingüística. Desse modo, a fala encontrada, estigmatizada e de pouco prestígio, é própria de pessoas menos escolarizadas e com menor mobilidade social, as quais se encontram no interior e na zona rural do Brasil.

No Brasil colônia, a língua portuguesa teve como objetivos, alcances econômico, religioso e político. Entretanto, a imposição da língua portuguesa como língua da administração, do ensino e da catequização não impediu que grande parte da população sertanista continuasse a falar as línguas nativas.

Silva (2004:80) relata que os antecedentes lingüísticos, provavelmente, foram a forma de comunicação mais usada no interior do Brasil, a qual equivale a um pré-caipirismo: “Parece provável que, na evolução do regime de escravidão indígena ao longo do século XVII, tenha desenvolvido uma forma ancestral do dialeto caipira, aliás, fortemente marcado pela presença de palavras de origem guarani”.

A conseqüência da convivência lingüística, abordada no parágrafo anterior, é um ambiente de diversidade cultural e de inúmeros empréstimos lexicais, sintáticos e semânticos na construção do português rural. As influências de línguas ameríndias, africanas e ibéricas deixaram suas marcas no vernáculo brasileiro, o que possibilitou identificar as variações regionais que por motivos fenomenológicos da língua, que não é o objetivo de estudo aqui, fazem o português brasileiro possuir características lingüísticas diferentes do português de Portugal.

Naro e Scherre (2007:84) respondem que a diferença lingüística entre o português de Portugal e do Brasil está essencialmente ligada ao contexto social, desse modo, dizem: “No Brasil houve ruptura da norma da comunidade de fala com a nativização da língua, o que permitiu maiores graus de liberdade à evolução da variação”. Consoante ao proferimento do início deste parágrafo, é importante expor o comentário apresentado no livro de Ilari e Basso (2006), “O Português da Gente” que retrata a condição de fragmentação lingüística do Brasil colonial, a qual levou os catequizadores a adotarem a língua geral:

Apesar da variedade de línguas indígenas presentes, a criação de “línguas gerais” era facilitada, no Brasil, pelo fato de que as línguas nativas da costa, pertencentes em sua maioria ao tronco tupi, apresentavam uma relativa uniformidade; foi a partir dessas línguas que se criaram as línguas gerais brasileiras. Uma delas teve grande difusão na região Sudeste e continuou sendo falada em São Paulo até o início do século XX.

É inegável que na comunidade rural do interior do Brasil, há a influência da cultura africana, pois nas fazendas o negro estava presente como mão de obra escrava, influenciando a culinária, o falar, a religiosidade e outros costumes que compõem o cenário das rotas bandeirantes pelo interior do sertão brasileiro. Logo, pode-se perceber que ainda há muitas comunidades remanescentes de quilombos, como a comunidade rural de Tabatinga, em Minas Gerais, a qual apresenta uma forte presença lexical de origem africana, e a comunidade Kalunga que abrange vários municípios do norte de Goiás.

A partir da informação do parágrafo precedente, pode-se afirmar que os escravos de origem africana, estiveram presentes nos vários ciclos econômicos do Brasil, como da cana-de-açúcar, nos séculos XVI e XVII; no ciclo do ouro, nos séculos XVII e XVIII, os quais foram levados para o interior paulista, Minas Gerais e Centro-Oeste. Logo, a citação de Silva (2004:128) é imprescindível:

Contrariamente ao que ocorreu com os indígenas, os africanos e afro-descendentes estão no patamar de 60% da população do Brasil entre os séculos XVII ao XIX. Tendo de abdicar de suas línguas de origem, como referido, não tinham eles escolha: tiveram de aprender; num processo de transmissão lingüística irregular – na designação da crioulistica atual – a língua da colonização. Certamente, junto com o pequeno contingente de indígenas integrados ao processo colonizador; são eles que vão dar forma ao português geral brasileiro, antecedente, como penso eu, do português popular ou vernáculo brasileiro.

Essa citação reflete a situação lingüística que os africanos e os afros-descendentes se encontravam, pois tiveram que deixar sua língua de origem e passar a interpretar um português adquirido de forma irregular por meio da oralidade. Essa situação lingüística colaborou para caracterização do português rural. Pois, os grupos afros passaram por um processo sócio-histórico de forte ligação com a cultura rural brasileira, o que traz mais uma contribuição para a formação do falar caipira, variante de muitas influências. Logo, Naro e Scherre (2007:186) ressaltam:

O português brasileiro não é o português simplificado ou o português com influência africana; é o português com as suas raízes originais, rurais e populares, transplantado para uma terra mais fértil e conseqüentemente com um desenvolvimento mais intenso.

Principal formador e difusor do português rural, o caipira, que além de nos revelar um português marcado pela influência dos povos europeus, africanos e ameríndios nos apresenta como “fruto típico” do seu ambiente interiorano. Esse sertanista apresenta um mundo peculiar da vida rural e uma herança musical própria, digna de conhecimento: as modas de violas, músicas sertanejas de raiz, folguedos, rezas e outros. Portanto, essa diversidade de expressão é o veículo propagador da variante caipira.

Gumperz (1982, p.39) resalta que as diferenças lingüísticas marcam a identidade social e são perpetuadas de acordo com as normas e tradições. Dessa forma, manter viva a cultura caipira dessas comunidades rurais é uma forma de perpetuar costumes e tradições ligados ao campo, ou seja, é um modo genuíno de fazer uso da variante sertanista, a qual contempla seu ambiente natural.

II. A PESQUISA

Este capítulo faz uma breve reflexão sobre a metodologia adotada na presente pesquisa, assim como, estabelece elos entre as pressupostos teóricos que circundam o discurso das comunidades rurais pesquisadas. Consecutivamente, esta seção apresenta análises lingüística e sociocultural dos grupos, nas quais o processo de formação e desenvolvimento que resgata um período histórico-cultural muitas vezes esquecido pelas novas gerações.

2.1- Metodologia

O estudo preliminar foi feito com a comunidade rural formosense e municípios vizinhos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada nos moldes da pesquisa sociointeracional, a qual estudou aquele ambiente cultural. A metodologia adotada reuniu e organizou o conhecimento produzido na interação entre os sujeitos e os pesquisadores, e sob o ângulo lingüístico, estabeleceu-se o perfil sociocultural do grupo.

No primeiro momento desta dissertação, há o processo de compreensão dos valores subjacentes ao discurso do grupo em análise etnográfica, especificamente, por meio de entrevistas informais.

Em relação ao segundo momento, é imprescindível a leitura da subsequente sinopse: apresenta o levantamento do léxico utilizado pela comunidade, e em seguida, é feita análise diacrônica do vocabulário, na qual coexistem os aspectos da história da língua e as nuances, de sua evolução. Nesse momento, ocorre a tentativa de explicação da formação da variante rural, assim como, a difusão pelo sertão. Por fim, há Identificação e análise dos traços pertencentes à época das bandeiras, seguidas do enquadramento da identidade do sertanejo que carrega o antagonismo entre o padrão e a variante rural.

De acordo com Gumperz⁵ (2002) “Etnógrafos da comunicação têm coletado descrições novas e valiosas a respeito do processo comunicativo em diversas culturas que

⁵Gumperz (2002)“Ethnographers of communication have collected new, highly valuable descriptive information documenting the enormous range of signalling resources available in various cultures, as well as many culturally specific ways that rules of speaking vary with context.”

variam de acordo com as regras de uso de cada contexto lingüístico específico”. Essa função descrita serviu de parâmetro para o desenvolvimento da pesquisa de campo da qual originou esta dissertação.

Para a coleta do “corpus” e respectiva descrição, foi utilizado o procedimento de observações participantes. Entretanto, para se levantar todo o processo interacional em seus momentos específicos de ocorrência na comunidade estudada, contou-se com o auxílio da descrição etnográfica. A análise etnográfica está focada na ocorrência da atividade lingüística, nos hábitos diários, seguidos de rituais comunicativos. Somente por meio da pesquisa etnográfica foi possível registrar o léxico que esteve presente em um período marcado pelas entradas das bandeiras paulistas em regiões habitadas pelos índios goyases. Logo, a partir da exposição lexical, a compreensão do desenvolvimento histórico e do ambiente sociolingüístico rural dá voz e memória à cultura rural do nordeste goiano.

Muitos fatores foram considerados nesta pesquisa etnográfica, que de acordo com Erickson (1986:81), em relação à caracterização da metodologia da pesquisa etnográfica, pressupõe:

- __ Participação do pesquisador no cotidiano dos indivíduos que compõem a comunidade pesquisada.
- __ Registro dos acontecimentos por meio de gravações e outras formas de documentação do material a ser colhido.
- __ Reflexão analítica e descrição detalhada dos dados coletados.

Consoante aos pressupostos de Erickson, retratados no parágrafo anterior, há na decorrência da pesquisa, exemplos de análises etnográficas feitas em ambientes rurais e urbanos. Tais exemplos identificam-se com os trabalhos de Bortone em *Linguagem e Identidade Social*, na comunidade Olhos D`águas, situada em Minas Gerais, e apresentado como tese de Doutorado na UFRJ. Mesma identificação ocorre em relação ao trabalho de Bortoni–Ricardo, pesquisa que analisa as identidades e redes sociais de comunidades urbanas na periferia de Brasília, formadas por migrantes de origem rural.

Milroy⁶ (1980.33), em *Language and Social Networks* se posiciona nos seguintes termos: “Deve ficar claro que há diferentes métodos etnográficos da comunicação como exemplificado por Blom e Gumperz. Obviamente, os resultados das investigações necessitam de um conhecimento prévio dos valores locais da comunidade pesquisada antes de começar a análise”.

A partir do pronunciamento acima, esta pesquisa de campo não comprometeu os resultados finais ao retratar os problemas da comunidade de fala. Foi imprescindível rever a escolha do método de estudo, com o intuito de alcançar o mais adequado ao ambiente lingüístico em estudo. O recurso utilizado se embasou na etnografia, o qual abordou a comunidade de fala em face ao comportamento lingüístico e valores culturais que esclarece o seu comportamento social.

A busca pelo registro do repertório lexical foi uma das dificuldades enfrentadas, pois era impossível ficar por horas gravando e esperando que alguma palavra em desuso reaparecesse, por isso não foi desenvolvida nenhuma nova técnica de análise, e sim, fazer anotações. Com esse procedimento, de forma lenta, o léxico, em desuso atualmente, ressurgia de forma repentina, em momentos de interação verbal com moradores sexagenários. Houve o registro do léxico que reapareceu no período de doze meses de pesquisa. Portanto, o uso das anotações e transcrições foi a melhor forma de transpor os dados qualitativos encontrados através de perguntas do tipo aberta.

⁶ Milroy (1980.33) “It should be clear that rather different field methods from those discussed so far are necessary for the study of ‘ethnography of communication’ in the manner exemplified by Blom and Gumperz. Most obviously, the researches needed to know a great deal about local values and the local social system before they could even begin their analysis”.

2.2 A contextualização do ambiente de pesquisa

As alterações sofridas pelos moradores da zona rural do município de Formosa e adjacências ocorreram em face aos aspectos ecológicos, de produção, transporte, lingüísticos e oriundos do impacto da mudança da Capital Federal do Rio de Janeiro para o estado de Goiás.

Em decorrência dos aspectos citados no parágrafo anterior, ressalta-se que as transformações nos aspectos econômicos, sociais, e lingüísticos foram visíveis em todo o Planalto Central, principalmente em Goiás. Entretanto, mesmo sob os ditames de todas essas transformações nessas últimas décadas, os moradores da zona rural do Nordeste goiano ainda se relacionam de forma Multiplex. Tal forma é caracterizada por Milroy e Bortoni-Ricardo como um tipo de sistema tradicional que reforça sua cultura popular local, assim como o uso do vernáculo típico que integra as famílias e conserva a história familiar. Logo, o léxico encontrado expõe a coesão sociocultural do grupo sob a pressão da modernidade e da norma padrão.

No paradigma da antropologia social, Bortoni-Ricardo (2006, p.85) demonstra que as redes densamente inter-relacionadas apresentam uma função de reforço, coesão, integração social e lingüístico entre os membros que compõem essas redes. Percebe-se que a partir dos estudos de redes, a relação de integração entre os indivíduos na região rural pesquisada é denso, o que passa a ser um indicador de ocorrência de traços lingüísticos não-padrão, típicos de grupos tradicionais que não aceitam facilmente a pressão da cultura dominante, portanto, apresentam uma maior conservação da variedade lingüística popular.

O levantamento do repertório de fala de moradores, sexagenários da região que apresentam pouca ou nenhuma escolaridade, devido à dificuldade de encontrar uma instituição de ensino na zona rural, demonstrou como interagem com a sociedade urbana e com o tão valorizado e “imponente” português padrão.

O rio Paranã situa-se como divisor de terras, em uma das margens está o grande latifundiário com sua variante sertaneja ou caipira, mas que não é ridicularizado pelo fato de ser detentor de poder financeiro e status social. Na outra margem, encontra-se uma

comunidade extremamente ligada às tradições do sertão goiano e ao trabalho com a terra. Vivem em suas pequenas propriedades, na qual trabalham com a monocultura, alegram-se com festas típicas, mas convivem com o complexo de inferioridade, pois usam uma variante que destoa da norma monitorada.

O nordeste goiano é um lugar de grande diversidade lingüística a ser explorada e estudada. Tal lugar apresenta em sua diversidade lingüística, heranças de um grande número de imigrantes de vários estados, pois fora dormitório dos antigos tropeiros que vieram de Minas e São Paulo, os quais carregaram consigo os costumes e respectivas variantes lingüísticas. Ali, muitos se instalaram, e constituíram suas famílias nos municípios de Formosa, São João da Aliança, Cabeceira de Goiás, Posse e Flores de Goiás, dentre outras.

O Projeto Filologia Bandeirante tem como ponto de pesquisa a rota do ouro, no final do século XVII e durante o século XVIII. Os pontos de referências são cidades que se distribuem ao longo das trilhas originárias de São Paulo. Heitor Megale/Silvio de Almeida Toledo Neto (2004) demonstram essa lista de cidades que seguem esse *continuum* conservador de traços da língua antiga: no estado de São Paulo, as cidades de Taubaté, Guaratinguetá Cunha, Cachoeira Paulista; no Estado de Minas Gerais, as cidades de Baependi, São Tiago, Ibituruna, Bom Sucesso, Campanha, Ouro Preto, Pitangui, Paracatu; no Estado de Goiás, as cidades de Catalão, Vila Boa, Pirenópolis, Pilar, e no Estado do Mato Grosso, a cidade de Cuiabá.

Os relatos de Dona Maria Theodoro de Sousa (Dona Lica), hoje com 90 anos, nascida em uma fazenda próxima ao povoado do JK, município de Formosa-Go, residente atualmente na cidade de Formosa, ainda casada e já com os seis filhos crescidos, fazem ressurgir antigos *causos* que tem uma forte ligação com as rotas bandeirantes, pois os lugares citados conferem com as cidades pertencentes ou influenciadas pela trilha.

Essa senhora conta que seu pai, João Theodoro de Sousa, chegou nessa região, objeto desta pesquisa, acompanhado de três filhas do primeiro casamento. Acredita-se que sua primeira esposa veio a falecer no trajeto. O caminho foi percorrido com uma grande tropa de muares, gado *vacum*, alguns carroções de bois, várias bruacas, antigos baús, e alguns escravos que restaram dos negócios feitos no decorrer da trajetória do Estado de São Paulo até a instalação no município rural de Formosa-Go. Ela expõe que o pai sabia ler, escrever e por

esse motivo, fazia os registros de casamentos dessa região rural. Relatou que seu pai casou-se com Antônia, provável descendente de índios Goyases da região, e moradora da zona rural do Rio Preto. Dessa forma, essa segunda esposa, com a qual João Theodoro teve sete filhos, era a mãe de Dona Lica. Antônia, mulher de pouca conversa, sempre usava alguns cachimbos para fumar, todos com a face de um índio talhado em sua parte frontal. Lica dizia que seu pai constantemente mandava uma tropa de muares, na qual tinha uma mula chamada Rainha que usava ornamentos em prata e um enorme penacho na cabeça, era a guia, sempre a frente da tropa, à cidade de Paracatu-MG e Januária-MG. Esse trajeto era feito por vários dias, até retornarem com as bruacas e baús cheios de mercadorias e carregamentos de sal, produtos que só encontravam nas cidades com maior desenvolvimento comercial. Outra rota feita pela tropa de muares, guiada pela mula Rainha, era a trilha que ligava as cidades de Formosa, Santo Antônio do Descoberto, Luziânia e Pirenópolis, as quais estabeleciam relações de comércio.

Esse é um dos relatos (causos) de antigos moradores da região rural, os quais contribuem para entender e reafirmar o forte contato que as comunidades rurais tinham com os centros urbanos que cresciam nas rotas do ouro. Logo, fora criado um contato lingüístico em permanente circulação por essas antigas trilhas.

Muitas das informações aqui relatadas foram obtidas por meio dos diálogos com antigos moradores através dos “causos”, narrativas bastante curiosas a respeito dos costumes e comportamentos lingüísticos desse grupo rural. Esses “causos” representam um meio de interação verbal que tem como base a confiança mútua entre as pessoas que os contam e as que os escutam. Por fim, esses momentos de oralidade não têm suas histórias registradas em textos escritos.

A formação do povo que mescla o município de Formosa origina-se de várias etnias, entretanto, neste trabalho, apenas as mais marcantes são destacadas: primeiramente, a dos índios Crixás que viviam na região do vale do Paranã, de acordo com o relato da expedição do Anhanguera que passou por Formosa, em 1722; depois, a de brasileiros de origem européia e africana. Infelizmente, acredita-se que os primeiros habitantes mencionados foram massacrados por razões inerentes à colonização.

A origem do Arraial dos Couros, atual cidade de Formosa-Go, está ligada ao deslocamento de famílias que fugiam da febre amarela, mal que assolava os moradores de

Santo Antônio do Itiquira, situado na região entre o rio Itiquira e o rio Paranã. Logo, dos dois arraiais, de forma lenta, um prosperou e o outro se extinguiu. Essa situação é relatada pelo historiador formosense, Olimpio Jacintho (1979, p.20):

Essa transferência deve ter sido depois de 1732, porque os habitantes do arraial abandonado deviam ter permanecido nele por alguns anos, apesar de serem dizimados por febres: deve ter sido mesmo no meados do Século XVIII que esses habitantes se estabeleceram em couros (...).

Dentre as várias histórias sobre a origem do nome de Formosa, uma história bem popular sobre a origem do nome Couros surge: os antigos habitantes do arraial usavam o couro do gado para cobrir e repartir os cômodos das casas, assim como pelos tropeiros que faziam do posto fiscal, antigo registro da Lagoa Feia, datado de 1736, lugar de controle da passagem de pessoas, ouro, gado e muares, oriundos da Estrada Geral do sertão, atual estrada Colonial. Logo, fizeram desse antigo registro próximo à bela Lagoa Feia, um lugar de seus acampamentos de descanso e de parada estratégica para os comerciantes e tropeiros da época. De acordo com Jacintho (1972, p. 19), em contato com antigos moradores descendentes do Arraial Couros:

Houve, no meados do Século XVIII, na margem esquerda do ribeirão Paranã, um povoado, situado por baixo da barra do ribeirão - Itiquira, afluentes da margem esquerda daquele. Esse povoado, que tinha a denominação de arraial de Santo Antônio (dele existem taperas de casas e de uma capela), foi edificado em local inabitável: entre várzea paludosas e o mal afamado ribeirão - Paranã que depois de receber inúmeros afluentes, é um dos maiores tributários do rio Tocantins. Os habitantes desse povoado, vendo-se dizimados, todos os anos, pelas febres intermitentes, transferiram-se para localidade, onde se acha a cidade de Formosa, distante oito léguas dali, por ser salubre e porque nela se estacionavam os negociantes ambulantes de fazendas, ferragens, sal e café, que vinham, sobretudo de Minas Gerais, e, receosos das febres do Paranã, ali esperavam que os paranistas viessem trazer-lhes gado, couros, sola e salitre, para permutarem suas mercadorias.

Percebe-se que houve uma movimentação entre os protoarraiais no município de Formosa, pois se sentiram ofendidos por males causados pelas temidas febres (maleita). Enquanto isso houve outra movimentação entre os velhos caminhos que ligaram regiões de Minas Gerais com os municípios que compunham o nordeste goiano. Logo, foi criado um período de contato lingüístico entre comunidades que usavam variantes de não prestígio das regiões Nordeste e Sudeste.

As pessoas que faziam parte desse deslocamento humano eram ligadas à criação de gado e ao comércio de produtos básicos, como sal e outros mantimentos necessários àqueles grupos que habitavam a região do nordeste goiano. O modo precário e insalubre das movimentações humanas, causado pela distância existente entre os grandes centros do Brasil colônia, formou uma colcha de retalhos cultural e lingüística no Planalto Central brasileiro.

Por longos anos, essas comunidades de fala viveram momentos de ostracismo lingüístico. O contato com a língua padrão ocasionado pela pressão de instituições educacionais religiosas instaladas no município de Formosa, logo após o período colonial brasileiro, aumentou ainda mais a separação lingüística e a exploração dos que usavam uma variante lingüística de não prestígio.

Os momentos marcantes para o fortalecimento do município formosense na região do nordeste goiano podem ser ordenados da seguinte maneira: em 1736, houve a criação do Registro da Lagoa Feia (posto fiscal); em 1749, O Padre Antônio Mendes Santiago, do Bispado de Pernambuco, celebra a primeira missa para os primeiros moradores do arraial de Couros; em 1767, o Padre Antônio Francisco de Mello, pertencente à paróquia de Luziânia, celebra a missa na Casa de Orações de Couros; em 12 de abril de 1834, o Arraial de Couros se torna julgado; em 1843, o julgado é elevado ao título de Vila Formosa da Imperatriz, e como não tinha prefeitura, a câmara tomava as decisões, tendo como primeiro presidente da Câmara o Sr. Lázaro de Mello Álvares; em 1877, Formosa recebeu a visita do Visconde de Porto Seguro, com o ideal de transferência da Capital Federal para o Planalto Central; em 14 de setembro de 1892, a equipe liderada pelo Sr. Luis Cruls Chega a Formosa para avaliação da região e demarcação do quadrilátero Cruls.

No parágrafo precedente, constatou-se a cronologia de acontecimentos que antecederam o período da República no Brasil. Tal período coincide com o momento em que Formosa e adjacências receberam muitos tropeiros, viajantes, comerciantes e aventureiros à procura de ouro, assim como, com o de estabelecimento de grandes latifundiários. Portanto, tratou-se de um tempo do Brasil Colônia, em que as estradas eram riscadas pelos carroções de bois e marcadas pela força da pisada do gado curraleiro.

As antigas estradas fizeram à comunicação do nordeste goiano com a Bahia, com o nordeste de minas, com o atual estado do Tocantins e todas as outras regiões do estado goiano. Essas antigas rotas que integraram as comunidades que cresciam no Planalto Central tiveram intenso trânsito nos pontos que ligaram os interiores com o litoral. Consoante às linhas precedentes, o livro denominado *Viagem pela Estrada Real dos Goyazes*, de Rocha Jr, Vieira Jr, e Cardoso(2006), vivencia e comprova na análise do diário deixado por José da Cunha Diogo, em 1734, as relações estabelecidas entre os bandeirantes do séc XVIII. Segundo a análise, na data de vinte de junho de 1734, José da Costa Diogo e Joaquim Barbosa anunciaram que se encontravam nas margens do São Francisco e dali seguiriam para o Serro Frio. Quando souberam que o caminho para os Goyazes estava livre, decidiram-se prosseguir, pois acharam que nesse último caminho, teriam melhor sorte. Logo, por descoberta do ouro, abriu-se em 1730, por ordem real, o primeiro caminho oficial que ligava os Goyazes a São Paulo.

III. ANÁLISES ETNOGRÁFICAS E LEXICAIS

Palavras iniciais

Este capítulo apresenta a análise sociocultural da comunidade de fala pesquisada, a qual traz em seu discurso uma competência comunicativa não reconhecida fora de seu meio social. As atividades socioculturais e o léxico contextualizado no ambiente rural são revelados em respectiva formação histórica, social e lingüística.

3.1 - Comunidades Rurais e suas Identidades Socioculturais

Os dados da pesquisa foram coletados em áreas rurais do município de Formosa no Estado de Goiás e de outras áreas rurais de alguns municípios já mencionados. Dessa forma, a composição do nordeste goiano partilha de um mesmo processo de formação social, cultural e lingüístico que constrói a identidade do caipira que tenta manter suas tradições.

Bortone (1996) informa que a noção de atividade de fala tem sido muito usada para estudos da análise conversacional. Desse modo, é importante ressaltar que no material produzido por esta pesquisa, há a contemplação da concepção de desempenho e organização social, dado de grande importância na análise conversacional, segundo tal estudiosa. Na entrevista abaixo, percebe-se a relação de desconfiança e desconforto que o morador da zona rural sentiu ao receber alguém do meio urbano em seu ambiente:

Pesquisador (P): *_O senhor acha que por morar na roça era discriminado?*

Entrevistado (E): *“_Ora! É discriminado! I ôta qui nê m aquelas pessoa qui..., a genti morava qui na fazenda, né! Aí, teve as pessoa qui ela morava na cidad`. Eli chegava aqui, eli já paricia qui quiria mandá !... né! Já di mandá na genti puque sabia qui cê era da roça!... ucê era anafabeti, né ... aí eli já pricia qui eli tinha usura di tomá aqueli pratinônio seu ô pá vê se tinha uma criação... isso é o qui mais acunticia !...”*

Consoante à referência teórica, mais palavras de Bortone se ratificam na análise do fragmento de fala transcrito. O ato conversacional exemplificado representa poder, controle, identidade e possibilidade negativa de interação social. A situação dialógica reflete a

usurpação em decorrência da opressão lingüística; entretanto, não há o desconhecimento da situação de prepotência lingüística pelo falante da variante desprestigiada, talvez haja a impotência perante a astúcia dos usuários da norma padrão. A situação de tirania lingüística é identificada e o medo da usurpação é perceptível na fala do morador retratado. Por fim, é notória a compreensão do falante caipira referente ao poder detido nas mãos dos falantes da norma monitorada.

Fazer do discurso uma forma de agradar ao próximo é uma das características marcantes dos moradores da zona rural. Segundo a fala transcrita no parágrafo anterior, o informante sentiu-se ofendido com o discurso de pessoas do meio urbano que não respeitam a realidade lingüística e social do meio rural de Formosa. Por fim, essa transcrição apresenta pistas paralingüísticas, ou seja, em alguns momentos, as pausas refletem angústia e/ou consternação, enquanto o olhar inquisidor, pista não-vocal, remete a expectativa de solidariedade e justiça.

A falta de respeito leva ao conflito que afasta a efetiva interação verbal e cultural de dois grupos em contato. Por essa razão e por outras de igual importância, é comum encontrar pessoas do meio rural que permanece em silêncio quando estão na presença de grupos urbanos, o qual cria um interstício lingüístico. Logo, esse intervalo reflete uma comunidade caracterizada por um sistema social fechado e tradicional, exemplificado na não interação entre a Folia do Divino urbana e a rural, portadoras de base comum de ocorrência.

3.1.1 - Discurso Rural e Abuso de Poder

Há duas vertentes para classificar uma língua e suas variantes, a padrão, idealizada por pessoas ilustres e influentes, imposta como o melhor caminho para alcançar as vantagens do ápice da pirâmide social; e outra, a que se refere ao lado lingüístico pertencente aos nativos de uma determinada região. Esta vertente difere da primeira por apresentar em sua formação histórico-social, o isolamento, o contato restrito com grupos abastados e resistência quanto ao que pode gerar descaracterização. Logo, o grupo analisado nesta pesquisa está inserido na segunda vertente, pois ora, demonstra seu léxico; ora, o esconde; ora, usa outra variante, camuflando-se em função de sua sobrevivência lingüística e sociocultural.

O fragmento de fala de uma originária moradora rural, atualmente residente na cidade de Formosa, ratifica a veracidade do parágrafo anterior:

_ Óia, ocêis num fica falandu essas coisa que a genti fala, não. Se não ocêis acostuma e fica falandu tambeim. Aí é ruim. Todu mundu vai vê e vai comentá. E tem genti que fica di ôiu, querendu pruveitá.

A astúcia dos que sabem do poder da fala eloqüente, realizada sob os ditames da norma padrão, cria preconceitos inclusive nos próprios usuários da variante caipira, pois esses conhecem a força da persuasão e da opressão de formas lingüísticas elitizadas. Por conviverem com estereótipos negativos quanto ao desempenho de fala, os caipiras escondem o desempenho lingüístico originário em algumas situações de interação.

Muitos são os entraves para os falantes rurais analisados. Um deles é o fato de algumas pessoas, de forma amigável, com falsa cordialidade, passam a usar o mesmo dialeto rural para ganhar confiança. Tal atitude artilosa, às vezes, impressiona o caipira; o que se torna pior, quando somada ao choque do poder financeiro e político local. O golpe é certo. Retiram-se as terras e criações dos sertanejos em face às frases orais e escritas ludibriantes, pois não conhecem as armadilhas construídas em períodos subordinados e vocábulos desconhecidos. Muitos adeptos da língua padrão, em prol do poder a qualquer custo, se tornam grandes latifundiários. A lei do mais forte, do caçador e a caça, do letrado e o iletrado se reafirma. Por fim, constrói-se encima das variedades lingüísticas uma hierarquia social.

Consoante ao fragmento do discurso caipira apresentado, a definição de Gumperz (2002:209), sobre competência comunicativa, assim como outras observações sobre aspectos conexos, subjazem em relação à condição dos falantes desenvolverem recursos de criação e sustentação conversacional. Porém, há uma interação comunicativa falseada quando um dos interlocutores é o sertanejo, objeto desta pesquisa, pois apenas aceita a imposição lingüística de prestígio. Quando o caipira questiona algo, sabe que em seu discurso não há nem voz nem poder para lutar pelos seus direitos, logo, prefere acatar o que a variação lingüística de prestígio determina.

Várias famílias tiveram usurpados seus bens e posição socioeconômica, devido aos percalços da imposição lingüística. Muitos dos caipiras analisados tiveram que mudar para cidade por força de pessoas influentes respaldados por cartórios. O respaldo dado correspondia à montagem de escrituras que determinava os apadrinhados os legítimos donos de certas regiões. Logo, as famílias seculares que ali se encontravam foram expulsas e a manutenção de seus costumes em repassar pela oralidade as histórias de família, ora constituídas de costumes, ora de crenças, perdeu o decurso.

Em linhas subseqüentes, encontra-se o exemplo de uma pessoa letrada que usa do seu conhecimento lingüístico para se autodeterminar como procurador de uma viúva, moradora da zona rural e analfabeta. O indivíduo letrado vende parte de terras sem o conhecimento do verdadeiro dono e ao mesmo não lhe repassa o dinheiro da venda. É um exemplo que corresponde à afirmação de Gnerre (1995), a qual diz que uma variante lingüística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes. Portanto, a variante vale como reflexo do poder e da autoridade que os seus usuários têm nas relações econômicas e sociais. Conforme a procuração apresentada no anexo desta dissertação, a explanação dos três parágrafos anteriores, é imprescindível a leitura de duas narrativas biográficas, relatos de recortes da vida de dois sertanejos, para a continuação da análise:

Relato de uma senhora de 80 anos sobre sua indignação a respeito da procuração em anexo

_Sua mãe, Dona Antonia Theodora Lima, recebeu o dinheiro das terras vendidas ?

_Eu num lembriu cumé qui foi... mar minha mãe num recebeu essi dinheru não... porque se ela tivesse recibido ela tinha repartidu cum us fiii dele tudo, né, era herderu..

_Eu lembriu que minha mãe nunca recebeu dinheiru. Meu pai morreu, minha mãe vivia era às custa minha mar de meu maridu. Ela morreu dentu di nossa casa...

_Eu num lembriu comu que foi... (feita à procuração) minha cabeça hoji tá pió meu fiii... eu lembro qui minha mãe ficô sem nada, como tem Jesus Cristo nu céu... ela viveu toda a vida as custa nossa...

_Eu sei qui esses ôtu ... essa terra de Vereda Grandi o véio, (...), tomô possi di tudu, ficô cum tudu, minha mãe ... ficô sem nada! Tomô conta, us bichão ricu foi fechanu, fechanu...

_Dipois qui meu pai morreu qui Totó (primo) falô prá nóis... eli ainda falô assim si nóis tivessi dinheru nóis ainda ranjava um bucadu, num ranjava tudu não. Mar um bucadu nor ranjava!... mais qui é qui vali um pobri mexê cum ricu... é gasta atôa, nu fim nun acha é nada!

_Meu irmão falô qui u dotô passô a mão ni tudu...

Relato de um homem de 65 anos sobre sua resistência a pressões de grandes latifundiários

_As pessoas da fazenda eram discriminadas por falar diferente? ...Sofriam com isso?

_Ora! É discriminado! I ôta qui néim aquelas pessoa qui..., a genti morava qui na fazenda, né! Aí, teve as pessoa qui ela morava na cidad`. Eli chegava aqui, eli já parícia qui quiria mandá!... né! Já di mandá na genti puque sabia qui cê era da roça!... ucê era anafabeti, né ... aí eli já pricia qui eli tinha usura di tomá aqueli pratinônio seu ô pá vê se tinha uma criação... isso é o qui mais acunticia !...

_Acontecia muito?

_Acunticia! Puque?! ...Qui aqui hoji, tá dessi jeitchu!... puque teim acunticidu essas coisa. ... Avêis a pessoa chegá i dizê: falá assim: Issaqui é meu! Eu comprei! I tomava.

_Tomava?

_Tomava! Isso aqui ... uquê? Eu já fiquei seim um pedaçu da fazenda! Foi levandu! Comu dizê! Êzi qui mandava nu cartório... você é bôbu... Ocê num intendi di nada... sabia lá o qui era cartório! Então Êzi arrumava lá umas iscritura frarça i chegava falanu assim: issaqui é meu... I êzi falava: não maizi issaqui eu comprei... então cêis aqui não teim nada... cêis qui é pocêru!

_Chamavam vocês de posseiros?

_Di possêru... Isso aconteceu cum nóis... cumigo i quar todumundu aqui... as terra ia diminuinu uai! Ficanu us tampim puque foi acunticidu... Aqui puque garrô di duru! Quais tinha briga... quais qui um ia pu cemitério!...

_E se você fosse no cartório e falasse: lá é meu! Não pode fazer isso não!

_Maizi eli num acredita. Puque? Puque quem manda é u dinheru.

Fica claro nas duas entrevistas que esse caipira, por sua simplicidade e ligação com a terra, foi discriminado por “arranhar os tímpanos” de quem diz dominar um português “correto”. No primeiro texto, a narradora se viu impotente diante dos fatos de usurpação, pois

não via na sua condição de viúva, caipira e pobre, força para lutar na defesa de sua dignidade e bens. Entretanto, no segundo texto, o narrador, apesar da consciência de sua situação de analfabeto, luta pelos seus direitos através do segundo nível de leitura da realidade, na qual os implícitos são identificados nas atitudes ardilosas e observação e observações medíocres dos aproveitadores. Enfim, na primeira situação, houve a sujeição, enquanto na segunda, houve relativa resistência.

3.1.2 – Mutirão e Traição

Esse tópico desenvolve-se a partir de algumas entrevistas, objetos de análise etnográfica, as quais apresentam temáticas diversas, desdobradas em ambiente físico, sociocultural e lingüístico. Os discursos colhidos sobre momentos da vida diária da comunidade rural de Formosa e adjacências pertinentes, inserem-se de características que revelam a interação, a religiosidade, costumes, danças, solidariedade e meio de transporte e fala que marcam esse meio rural.

Alguns trabalhos de cunho etnográfico provaram a sua importância em tornar conhecido o discurso e seu contexto. As redes sociais e seu repertório lingüístico resgatam a identidade sociocultural de uma comunidade de fala que pode se perder com o passar dos séculos. É necessário ressaltar as palavras de Bortone (1996, p.24) a respeito da importância da análise etnográfica na sociolingüística interacional, pois fica evidente em seu proferimento que um dos objetivos auxiliares da análise etnográfica é a identificação da distribuição da competência comunicativa dentro do grupo. Os atos dos sertanejos analisados no texto Traição - /treição/, seguidos da informação de Alincourt (2006) sobre mutirão- /muchiron/, permitem a ratificação das características de redes sociais, pois se percebe que nas narrativas encontram-se exemplos reais de interação, baseados em solidariedades múltiplas, segregação do domínio urbano e forte identidade cultural.

Antes da apreciação das entrevistas analisadas nos parágrafos precedente, é necessário condensar algumas informações preliminares: entre o município de Vila Boa de Goiás e a região conhecida como São João do Pinduca, atualmente, Serra Bonita, viviam alguns sertanistas, ora nativos, ora migrantes, que desde época anterior à construção de Brasília, tinham o costume de formarem *mutirão* para trabalharem nas roças de milho, mandioca, arroz

e feijão, as quais apresentavam algumas etapas em sua realização. A primeira etapa referia-se à escolha do local onde haveria o plantio; a segunda englobava o roçar seguido de derrubadas de matas densas; a terceira destinava-se às queimadas que se resumiam no ato de encoivarar, dito pelos caipiras como /encorvará/, referência à situação de organização da matéria orgânica a ser reduzida a cinzas, enfim, o local estava pronto para o plantio.

O mutirão masculino acontecia quando as roças de arroz, feijão, milho e mandioca se encontravam tomada por ervas daninhas. A comunidade sensibilizada se reunia com o propósito de limpar as plantações. Logo, as tarefas eram divididas entre os integrantes do mutirão em partes chamadas de eito /eitcho/ e, após o fim do trabalho, todos se divertiam até o amanhecer, sob o som da sanfona e viola, e apreciação de bebidas e comidas próprias. Quanto ao mutirão feminino, refere-se à confecção de tecidos de algodão destinados às vestimentas e usos domésticos.

As duas formas de mutirão representam um ato de ajuda mútua nos afazeres rurais. Pelo prisma lingüístico, essas formas reforçam o modo multiplex que caracteriza essa comunidade, ou seja, são exemplos de fortalecimento da interação sociocultural das famílias. Por qualquer ângulo, revelam união, troca de experiências, diversão através de cantigas e danças, que acompanham o trabalho no mutirão.

Na jornada feita por Luís d`Alincourt, em 1818, pelas antigas trilhas que ligavam o Porto de Santos à cidade de Cuiabá, foi descrita de forma belíssima em seu diário, “Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá, o momento em que os sertanistas pronunciam o vocábulo /muchiron/ - mutirão, a qual soava de forma estranha para os ouvidos de Alincourt. Entretanto, mesmo diante da estanheza, justificou em seu diário que tal palavra tratava-se de uma variante lingüística indígena e descreveu o ambiente de sua ocorrência (Luís d`Alincourt. 2006 p 29):

Na passagem de Capivari contam os moradores meia jornada da vila de Jundiaí, à de Campinas: o rio corre, neste lugar, ao sudoeste: junto a ele há um pouso, ou rancho (assim chamam a uns telheiros levantados em certas paragens, em que se abrigam as cargas das tropas) e uma casa, em que, nesta ocasião havia um grande número de pessoas, de ambos os sexos; por ser costume juntarem-se muito para o trabalho a que chamam *muchiron* na linguagem indiana; e assim passam de umas a outras casas, à medida que vão findando as tarefas: o trabalho consiste em prepararem, e fiarem algodão, e fazerem roçado para as plantações. Desta sorte se emprega a

gente pobre, nos meses de setembro, outubro e novembro; e as noites passam-nas alegremente com seus toques e folias.

Traição - /treição/

_ Fala um pouquinho, agora da traição. A traição...

_ *A treição é u siguinti: u treiqueiro como eles falava, ele arrumava o pessuali todinho sem o dono du serviçu sabê. I era supresa. A pessoa ficava enganadu.*

Ali u treiqueiru saia na vizinhança tudo, arranjava o povo. Ele fazia aquela biscoitera. Eu mesmo fiz isso muito... eu ganhei treição, eu dava treição... eu fazia mutirão. Então, u treiqueiru cuidava o pessoali e eli fazia a dispesa até o lanche da merenda, como o povo falava. Depois di armoço tem a merenda num é! ... até a merenda era puconta du treiqueiru, que era pá dá prazu pu dono que recebeu a supresa arruma as coisa. Si ele num tinha! ... traveis tinha te pobri, qui num dava conta. Purisso nós fazia sim: queim ia dá a treição arrumava a dispesa, era biscoitchu, era café, era pinga, era fugueti era tudo... aquilo era uma festa durante o dia, o povo trabaino, gritano, cantano lá, i uma pessoa qui andava cum a charera. Charera ce sabi u qui é? Cheia di pinga nu meio da turma lá com o copo...

_ Então o povo trabalhava, mas tomando uma pinguinha?

_ *Tomava! Treição e mutirão era cum pinga.*

_ Depois do trabalho, então ali...

- *Depois qui tabaio todumundu ia pa suas casa trocava di ropa i vinha pá festa. Ali as muié já tinha fiadu muitchu pq u mutirão eles faiz u fiadu, aquilu é u dono qui cuida, num é? e u treiqueiro levava tudo, a turma di homi cum inchada e as muié cum roda e balaio di al`gudão.*

_ Então, na traição a mulher ficava cuidando da fiação?

_ *É... as traíçuera, a turma qui ia e quem levava tudo pronto, pra faze ali, al`gudão, roda, uns arco que batia al`gudão, u arco é um pau inverga assim e marra um cordão numa ponta i ota nota, ali pega nu cordão e vai batenu al`gudão, depois do al`gudão batido vai pá carda pá fica bom pa fia, ali era assim.*

_ Todo mundo era conhecido, na região do Paranã?

_ *Ali, era só os conhecidu. Todo mundo conhecia todo mundo, era amizade grande, mesmo. Uma vizinhança grande. Fulano era fii di fulano casado cum fulana fia di fulanu. O povo da roça era da roça só tinha cunhicimento na cidade assim com os povo di loja pa compra pano, us corti, as chita, as fazenda qui hoji chama di ticido.*

O conteúdo do texto “treição” apresenta aspectos comuns ao fragmento do diário de Alincourt (2006), gênero que descrevia o contato do autor com a palavra /*muchiron*/ - mutirão e o que esta palavra apresenta. A partir da analogia dos dois conteúdos dos textos precedentes, é pertinente dizer que o termo /*treição*/ - traição apresenta os seguintes pontos comuns com o termo /*muchiron*/ - mutirão: a distribuição do trabalho entre homens e mulheres, comidas típicas e cachaça. Os dois termos se diferem na prática nos seguintes aspectos: em /*treição*/ ou traição, o dono da roça não sabe que terá ajuda até o momento em que todos os solidários chegam de surpresa e começam a limpeza da roça; em /*muchiron*/ - mutirão, termo apresentado por Alincourt, e associado ao significado do Nordeste rural de Formosa, permite dizer, sucintamente, que o dono da roça convida os vizinhos para limparem a roça em troca de festa noturna.

O texto /*treição*/ e o texto de Alincourt (2006), sob a observação de Bortone (1996, p.37) leva a seguinte consideração: são textos que retratam redes de relações sociais fechadas, as quais funcionam como mecanismo de reforço da identidade social. A interação lingüística é real, face-a-face e reitera os vínculos, Logo, as semelhantes situações dos textos promovem o isolamento cultural e geográfico, assim como, repelem a inovação.

A corroboração dos dados dos discursos anteriores deste subtítulo ocorre em mais um exemplo de fala representado da caracterização do mutirão: a área das roças era dividida em eitos - /*eitchus*/, na qual os familiares, amigos e toda vizinhança se alternavam na limpeza, motivados pela cachaça, causos, músicas entoadas e criadas nos momentos de trabalho e interação verbal. Logo, o fragmento de entrevista subsequente é o objeto de confirmação desse evento sociolingüístico.

_ Como era o mutirão antigamente?

_ U mutirão eru u siguinti: a pessoa tava cum a roça nu matu... passanu di limpa...aí saia nus vizim, na vizinhança, cunvidanu: oh! Tali dia eu vô fazê um mutirão, puque minha

roça ta morrenu matu...quando dava nu dia... primeru ele ia arruma as dispesa... matava capadu e galinha, carni di porcu cum gairoba...

3.1.3 - Religiosidade e festejos

Comentário de uma Mulher de 49 anos sobre a festa de Santa Rosa, município de Formosa.

_É nove dia di novena, lá im Santa Rosa...

_Vô pegá a foinha dessi anu pa vê ur dia!

_Aqui só teim di dormíli e quattru

_Dia vinti novi é u derraderu dia da novena, i reuni o pessoali pra falá u dia da missa qui cumeça di notchi.

_Nu mermu dia vinti novi dá ur nome das criança, pra batizá no ôtu dia, 30.

_Teim uma fulia tomém qui intrega na igreja a bandera.

_Teim trer bandera, di Santa Rosa, di São Sebatiãum i di minimu Deus.

Comentário de homem de 60 anos, nascido e criado na roça, a respeito da Folia do Divino.

_ Como começa a Folia do Divino?

_ Ela cumeça da arvorada. Cumeça... faizi a arvorada, dipois que arvóra. Aí! Agora cuntinua nu giru... cantanu nas casa, fazenu canturiu de bença pus vizim... Cê tá intendenu?... e aí aveis teim aqueles dia marcadu. A veis a prumeça é cum treis dia, ôta veis é cum quattru dia, ôta veis é cum seis dia... Sabi?... e aí arvóra nu período daqueles seis dia, aí quando termina aqueles seis dia... aí disavóra... ta intendenu?...

_ Hoji ta senu um primeru dia di giru. Já arvôro hoji... i essi é u primeru pôsu! Agora... sai daqui amanhã di por du almoçu e vai pu ôtu pôsu, já é lá nu parqui Vila Verdi (Formosa). Aí dumingu di por du almoçu lá, volta pá trais pra disavóra aqui... qui disi num caba nunca ... ondi saiu a arvorada...

_ A arvorada é um tipu... a saldação di cruzeru já é ôtu tipu... saldação di lapinha é ôtu tipu, ... agora é a saudação di lapinha! ... pu que nu cruzeru canta é u padecimento... e na lapinha é nascimento... i mutchas vêis pedi u agazai tumeim, aveis num pedi... é só ladainha.

_ Agazai é ôtu canturiu... faizi um canturiu pu donu da casa incruindu pedi u agazai... ta intendenu?...Aí dipois dissu se fô cantá u agazai, aí veim a ladainha, dipois da ladainha

vein a janta, dipois da janta teim u benditu da mesa qui agradece a mesa, qui agenti fala qui ta agradecenu u pão... aí terminô u benditu, aí vai cantá as cuzinhera, dipois das cuzinhera vai canta u mussungueru, dipois du mussungueru... aí volta... aí... só pá brinca catira e curralera...

Dentre as festas religiosas, a que tem mais destaque é a Festa do Divino. Evento que pode ocorrer na cidade e no ambiente rural. A Festa do Divino com característica caipira ocorre da seguinte forma: os devotos, após percorrem várias fazendas, entregam as bandeiras na Catedral de Formosa. Entretanto, esse evento festivo, denominado “Folia da Roça”, apresenta a seguinte ordem de realização: a composição é feita por foliões escolhidos no fim da festa do ano anterior; grande concentração de foliões, montados em seus muares, acompanha em fila, a caixa (tambor) e a bandeira; e, no decorrer dos dias, são servidos cafés da manhã, almoços e cafés da tarde. Tudo é ofertado por fazendeiros que, muitas vezes, o faz como forma de promessa ao Divino Espírito Santo.

A Festa do Divino caipira representa momentos de interação verbal intensa entre seus integrantes. Trata-se de uma relação social “multiplex”, conforme caracteriza Milroy (1980:51). Esse sistema social fechado e tradicional, caracterizado por tal estudiosa, é evidenciado nos comportamentos que reforçam o dialeto e os costumes dos sertanejos em análise.

Esse evento festivo rural de cunho religioso traz em seus rituais marcas específicas: uso de cavalos e muares para percorrer do início (Alvorada da bandeira) ao fim (entrega da bandeira na cidade), comidas típicas, danças como a catira e curraleira “curralera”; cantigas - “canturius” e modas de violas para animar as “mussungas” (barracas improvisadas). Essa festa inicia-se sempre no mês de maio e se diferencia da Folia Sulena, a qual representa mais um tipo de festa de cunho religioso. Logo, o discurso subsequente retrata a respectiva diferença:

_ Como é a Folia Sulena ?

_ A fulia sulena gira só u caxêru i u retratu , só duas pessoa, a sulena... Ta intendenu?... qui aí num teim canturiu, é só fazenu as visita cuns retratu nas casa i tiranu as ismóla... sabi! Mas ai aí num teim canturiu ! Aí chama sulena pu que ela gira caladu... num teim cantu...

_ Teim muitos aqui qui as veizi gira a folia sulena uns patru dia, dipois arvóra ela di ternu... é pu que di ternu é assim... oh! É qui canta us hinu, agora sulena num canta pu que é só u caxêru i u al`feri...

Paralelamente à Folia ou Festa do Divino caipira, há outros aspectos a serem especificados: como forma de resistência à perda do ambiente físico rural, moradores da periferia da cidade, realizam os pousos de folia, nos quais os donos das casas recebem a bandeira do Divino, seguida dos tocadores de viola com seus “canturius”; “canturius”, tipo de cantiga realizada por dois violeiros, e cada violeiro têm seu ajudante, escolhido na hora da primeira apresentação, em frente ao cruzeiro. Terminadas as cantigas e orações do cruzeiro, os foliões entram para a casa onde saúdam e fazem o “canturiu do altar”... Os “canturius”, na maioria das vezes, não podem ter suas letras transcritas, pois apresentam palavras em latim e são cantados de forma chorosa e melancólica. Logo, esse evento musical não pode ter a letra e a melodia diferenciadas, pois tudo se funde em um sussurro melancólico. Ao qual se atribui à performance, o contato com tribos indígenas que influenciaram o cantar dos caipiras e duplas sertanejas goianas.

Nesses pousos de folia que ocorrem na periferia de Formosa, pessoas oriundas do núcleo rural, que por algum motivo tiveram que residir na cidade, trouxeram rituais religiosos, compartilhando-os com várias famílias e, dentre elas, com as que perderam ou deixaram suas terras. A duração da folia é repleta de causos e encontros calorosos agregados ao traço marcante do dialeto caipira que ocorre nas interações. Todos são bem recebidos, principalmente quando os visitantes fazem uso da mesma variação lingüística, como prova de atenção e respeito a essas pessoas que carregam marcas de um dialeto de não prestígio.

_Qual a diferença da catira a curralera?

_ ... É pu que a catira só usa ar duas viola, u restu é só na parma i nu pé... i a curralera usa us istrumentu tudu... tá intendenu? I é mais cumpricada tumeim pá brinca, num é quarquer pessoa qui... brinca... Já catira num entra aquela rabêra di queim num sabi! I aí chega u miíi todú mundu! Há há há...

_ Essa turma di hoji é mais curralera... é... sempi, aí dipois qui termina essi trabái, aí pu que mitchas veis vai até u dia maincê ! Esse trabaiu da catira e da curralera! ...mais aqui a famía acabô di jantá vai imhora, intão fica pôcu, quais só fulião di arvoráda memu... aí vai brinca...

_ Aqui é mema coisa, só qui nacidade é poquinho genti e dá roça é aquli mudidão di genti, tudu mundu di cavalu e aqui é giradu di a pé, pu que é di casa im casa i é poquinho genti... mais a divindadi é a mesma... coisa qui é du divinu ispritu santu...

No momento de interação verbal, os moradores relatam sua religiosidade, festejos, suas danças e foguedos. É perceptível, embora não explícito na transcrição, um enorme respeito por todo o processo de realização desses acontecimentos, os quais começam com o convite feito oralmente às pessoas que mantêm vínculos com tais processos culturais. O fortalecimento da identidade lingüística é nítido nesses rituais, pois todos usam uma mesma variante lingüística em ambiente em que não cabe o rechaço lingüístico. O discurso precedente a este parágrafo demonstra que a comunidade em análise representa a rede multiplex, a qual reforça as normas lingüísticas utilizadas.

Os termos “catira” e “curradeira” - /curralera/ representam momentos de danças, entretanto, o primeiro caso, o da catira, apresenta um grau a menos de dificuldade em relação à curradeira, pois aquela usa duas violas, palmas e batidas de pés no assoalho, e esta utiliza mais instrumentos e algumas pessoas que não sabem o seu processo.

No discurso exemplificador das danças catira e curradeira, é notória a presença de pistas lingüísticas, pois o segundo o interlocutor, o caipira, faz pausas diante da hesitação em transpor a seqüência narrativa, assim como ao dizer que Deus é um só diante da diversidade das danças e do ambiente rural e urbano. Logo, associado às pistas, há o sentimento de religiosidade, que caracteriza o segundo interlocutor ao fazer considerações sobre a onipresença divina.



Figura 1: Festa do Divino
Fonte: Autor da Pesquisa

3.1.4 – Meio de locomoção (carro de boi)

Com a tecnologia cada vez mais desenvolvida, a utilidade dos carros de bois e antigos carroções usados na colonização das regiões sudeste e centro-oeste do Brasil passa a ser desnecessária para muitas fazendas. Esse meio de transporte torna-se obsoleto na atualidade, entretanto, em épocas passadas, era usado no trabalho rural e no deslocamento das famílias entre os estados, principalmente para as viagens e peregrinações religiosas. O carro de boi é um meio de transporte cada vez mais raro, mas pode ser encontrado como ornamento ou ainda em escassa utilização em pequenas fazendas caipiras.

A entrevista subsequente, colhida de um morador da zona rural saudosista, expõe como o carro de boi está mais difícil de ser visto na lida do campo.

Pesquisador(P): Desde quando você conhece um carro de boi?

Entrevistado(E): *Como assim cê fala?*

P: Desde pequeno... se faz muitos anos?

E: *Ah, desde piquenu!*

P: Você já tocô?

E: *Já!*

P: Quem te ensinou os macetes?Pá...

E: *É criado tudu cum esses povo mais vei, né... antigamente...depois ai eu aprendi trabaia cum eles...*

P: Poque hoje agente num vê mais isso, né?

E: *Vê, não! Muito difícil né? Nagum lugar, né, cum povo mar vei ainda teim, us fiii ainda num jogo fora, né...*

Pesquisador(P): Começar por essas rodas... o nome aqui das peças?

Entrevistado (E): *Essa aqui é o meião... da roda...*

P – Aí você me conta... qual é a função desse meião?

E – *O meião é função do exu,né.*

Nas frases anteriores, o entrevistado usa a partícula, /né/, como condição de manter o canal da interlocução.

P – Sei...

E – *Né! ... Meião é esse, aqui é combota qui trata.*

P – Combota!

E – *É! Ar duas, né, pega duas... u meiãõ fica nu meii,né e as combota...*

P – Esse aqui é o...?

E – *É u exu. É a cabeça, né. U exu.*

P – Essas pontas?

E – *Essas ponta, mermo é cunha di arrochu.*

Em muitas fala, o caipira entrevistado utiliza apenas um identificador do plural.

Na fala anterior, apenas o pronome demonstrativo “esses” é usado no plural.

P – Di arrochu?

E – *É... pra arrocha u carru.*

P – Essa aqui?

E – *Essa aí é a chapra.*

P – A chapra...como é feito isso aqui?

E – *De ferro né... cê chapra ele pra num estraga a roda...*

P – Essa aqui não tem umas pontinhas...?

E – *Essa aqui é uns cravim mermo, de ferro, né, que bate né, pra segura a chapra...*

P – pra dá mar firmeza?

E – *Pá dá ma firmeza...*

P – Essa parte, Sino! Do carro de boi, aqui do centro?

E – *Eu vô fala! Aqui.*

P – Ce pode falar que eu vô anotando, num tem problema, nenhum!

E – *Ãrram! Esse aqui é o cabeçaio,... cabeçaio é qui poim ur boi lá na frent`, sabe! ... aqui é ur buraco di botá us sueru ...*

P – Sueru!cê usa issu aqui pra quê, sueru?

E – *Sueru é pá cê coloca as coisa i num caí du carru...*

P – Hum...

E – *Intendeu! é , né...ã cê poim uns pau, aqui,i num cai. Ce vai carrega...carrega um miiií secu, pega umas taboca, tira uns pau... vara elis bem varadim pá elis num caí ... entendeu...*

P – Aí coloca...

E – *Coloca, é ... aqui é u chumaçu.*

P – chumaçu!

E – *É i u cocão...*

P – chumaçu e cocão é pra quê?

E – *É, u cocão é pra modi num istraga u...a chêda.*

P – A chêda!

E – *É, tem a chêda tameim.*

Consoante às palavras de Amaral (1976, p.63), o vocábulo /chêda/, de origem celta, representa a permanência dos mesmos hábitos, costumes e idéias dos interioranos de duzentos anos atrás. Essa conservação de vocábulos representa a teimosia do caipira, ou seja, a sua resistência em face ao novo, a qual resulta em um falar arcaico.

P _ ... Chêda! Onde ela fica?

E – *É esse aqui! É us lateral du carru.*

P – Ah!... us lateral aqui?

E – *É... dá cheda,né! E aqui é us cocão pá num istraga u exu! I u Chumaçu aqui é pá firma u exu pá num saí, né! Du luga, né!*

P – Du luga.

E – *É! Oh, esse aqui é us tabuadu dela, du carru.*

P – ah, issaqui é us...?

E – *Tabuadu, du carru, casu taba, né!*

P – Ah,sei!

E – *Essa aqui é as chavera, pá coloca na canga, né, pá nun sai u cabeçai, trata ele di chavera...*

P – Então essa ponta, aqui...

E – *Teim uma chavera, na ponta.*

P – chavera fica na ponta?

E – *É*

P – a chavera fica...

E – *A chavera fica na ponta du cabeçai, aqui ondé qui poim ur boi. É isso...*

P – Hum...

E – *Cabô! Agora, fico a canga?...É...canga dur boi, esses aqui é us...*

P – A canga dos bois servem pra ...?

E – *Pá pô num cabeçai! ... “Ela vai fica nu cabeçai poim aqui nu tambueru... esse aqui trata di tambueru.”*

P – Essas cordas...(?)

A interrogação deu-se pelas pistas gestuais na fala destacada.

E – *Essas corda!*

P – Qual é a função do tambueru?

E – A fução du tambueru é pá coloca u carru nu cabeçai, pá u boi puxá!

P – E onde ficam os bois?

E – Us boi fica aqui, Ó! Um di cá i um di lá! Sabe! Um du ladu um du ôtu! Ai puxá u carru...

P – Eles são amarrado onde? Esses bois... O que da firmeza neles? O que não deixa eles escapulirem?

E – Aqui, pu cá dá brocha... oh! Esse aqui Canzil`.

P – A brocha serve pra quê?

E – Pra canga num sai du pescoçu deli!

P – E a ...

E – O canzil` tamém pá canga num sai do pescoço... o canzil`fica dus ladu...dus pescoçu du boi.

P – E, aqui cabem quantos bois?

E – Dois

P – Então fica um de cá?

E – E ôtu di lá... ó qui ó comu qui amonta ele lá...oh! ... u tambueru vein aqui na ...nu cabeçai...tá venu!

P – Aah!...

E – E esse aqui é a chave qui eu falei qui coloca, ai, ta venu a chavi...chavena... tá venu?

P – Estou vendo, então a chave...

E – Arriba ela pá riba e trava aqui dentu.

P – Ah!...intendi! Então como isso é chamado?

E – Chavera.

P – Essa...

E – É u “tambueru”.

Ao vocábulo destacado, /tambueru/, se relaciona à análise de Amaral (1976, p.63), feita ao termo /tamoeiro/, acrescenta-se a este a seguinte informação: há o acréscimo da consoante /b/, presença das vogais /o/ e /i/.

P – Esse...

E – Canga é... esse aí é um canzil e as brocha... acho qui só.

O entrevistado do texto precedente a este parágrafo é morador da zona rural de Posse-Go, fazenda Macaúba, tem 33 anos e apenas começou a freqüentar uma escola rural, mas logo abandonou devido à necessidade de trabalho. Ele relata, a seu modo, os nomes das peças que compõem um carro de boi que, atualmente, perdeu sua função nas fazendas que se tornaram empresas. O entrevistado faz uso do português não padrão, e através do léxico, nomeia as peças do carro de boi que tende a desaparecer com a automação rural. No discurso, o entrevistado não faz uso da palavra nome e sim, da expressão “trata di”, para se referir aos nomes das partes desse milenar meio de transporte. Enfim, o sertanejo entrevistado esclarece que ainda usa o carro de boi no trabalho rural, pois mantém costumes ensinados pelos mais velhos de sua família.

A comunicação é de fundamental importância no processo cultural e social de qualquer povo. Em relação aos moradores da zona rural do nordeste goiano, a comunicação mantida estabelece as normas culturais compartilhadas e o léxico arcaico. A partir da comunicação, palavras foram transportadas de um tempo pretérito, o dos bandeirantes e tropeiros, às fronteiras regionais e culturais. Dessa forma, o discurso precedente remete à transmissão oral do conhecimento cultural do grupo, repassado por várias gerações; pois, o sertanejo em questão, revela que ainda mantém a utilização do carro de boi em função de ter aprendido tal lida com pessoas mais velhas de sua família. Consoante à entrevista, é pertinente citar Park (1971, p.60): Grupos de famílias ou sindicato, toda forma de sociedade, enfim, excetuadas as mais passageiras, tem uma “história de vida” e uma tradição. É pela comunicação que esta tradição se transmite.

Os indivíduos que compõem os grupos rurais do Nordeste goiano utilizam a interação comunicativa na ajuda mútua em seus afazeres diários, o que confere a esses indivíduos, o caráter de unidade cultural. É pela comunicação que conservam os costumes, os quais integram a unidade cultural de seu meio ambiente. Park (1971, p.63) faz importante observação sobre a comunicação, a qual confere a esta, o ato de operar como um princípio integrador e socializador. A partir desse posicionamento teórico, é imprescindível dizer que os habitantes dessas regiões rurais do nordeste goiano, ao se comunicarem, fazem uso de uma variante lingüística que transmite os seus procedimentos culturais. Tal explanação se ratifica

no discurso precedente a estes três últimos parágrafos, pois o falante retrata as partes do carro de boi, utilizando-se de sua forma peculiar de interagir verbalmente.

Observa-se, na entrevista sobre o carro de boi, um léxico muito remoto. O uso do carro de boi remete a um passado que permanece vivo em raros momentos do cotidiano rural. Dessa forma, é notória a ancianidade lexical através dos seguintes vocábulos: “chumaçu”, cuja origem está no Latim Tártaro (plumacium); “cocão” que vem de cocca, ‘embarcação do séc XIII, ou do Latim Medieval ‘caudex’, tronco de árvore; “Chêda”, de etimologia celta, refere-se as laterais do carro de boi; “canga”, segundo Houaiss provém do celta.



Figura 2: Entrega da Bandeira a Cavalo na Catedral de Formosa
Fonte: Autor da Pesquisa

3.1.5 – Culinária

Relato de senhor de 64 anos sobre os momentos vividos na fazenda e o tempero *GiQuitaya*. (Toda fala é exclusiva do entrevistado.)

_Eu trabaiei no lado di baxo da fazenda onde era chamado antigamenti de cueitezeiro...

_Nois fizemo muinta roça lá...acabava di cumê a malmita i ia cuidá du alqueiri qui nor tava prantanu...

- _Cuitezeiro é o pé que da cueité ! Mar dá umas vazia linda!*
- _Agora o lugar eles puseru o nome di Barra alta.*
- _Foi depois qui mudei di lá qui`elis puseru essi nom`i.*
- _Eu num teim certeza mar acho qui é essi nom`i ...*
- _Cê já cumeu gequitaya ?*
- _Pregunta sua mãim se ela cunnheci ?*
- _Eu fízi pá um amigo e el`i acho bãõ di maizi...*
- _Aí el`i chego, estúrdia, pidinu pá fazê gequitaya! I eu dissi vãmu uai...*
- _Pá fazê pega a banha do porco. A banha do porco fica dibaxo, intrimeio da custela e o toicinho, o toicinho dá maizi torresmo, a deferença é qui a banha pôim no fogo ela derreti e o toicinho é duro e demora...*
- _Pá quem gosta di pementa é uma cumida boa! Quem gosta maizi de pementa coloca muinta... quem gosta de mar pôco, põem pôco! Dá um paladáre na cumida...*
- _Se cuzinhá mal`i ela perdi! Só ieu qui sei fazê aqui!*
- _I só podi sê feita cum banha!*
- _Dexei pra pô essa parti pruderraderru!*
- _Nus caso de armuça é só pô na cumida quenti! Num servi na cumida fria, é só pô um tiquinhu inrriba! Tamém serve pra pô nu frango, enrriba da cumida!*
- _É só compra us apreparu pra fazê!*
- _Pementa, sal`i, açafirão, cebola de cabeça, cuetu, cebola verdi, pementa do reino, alho.(banha!) Bota um feche de cuetu na banha...*
- _Todo conté temperu podi misturá! Mar teim que tê a ciênça! ...*

Essa entrevista revela léxicos com traços antigos da língua, como /paladare/, /apreparu/, /enrriba/, /derraderu/, /deferença/, /esturdia/, /prantanu/. Esses exemplos são encontrados em textos antigos, como os de Camões. Entretanto, tais achados ainda podem ser encontrados no falar de moradores rurais pesquisados.

Um achado reveste-se de relevância: a palavra /giquitaya/ de origem indígena, aparece em relatos da época em que as regiões Sudeste e Centro-Oeste estavam recebendo bandeirantes e aventureiros em busca de riquezas. Tal vocábulo refere-se a um tipo de tempero que é obtido através da mistura da pimenta, sal e diversas ervas e/ou banha de porco, a qual serve para acompanhar diversos pratos, entre eles, o da mandioca ferventada.



Figura 3: Culinária da Festa do Divino
Fonte: Autor da Pesquisa

3.1.6 O real e o imaginário dos causos rurais

Mudança de ouro

O povo na região do Paranã acreditava que tinha mudança de ouro? Como que acontecia essa mudança de ouro?

Aconticia assim, u oru vinha di passagem, ele passava das banda, passava na porta das casas, clarianu a casa todinha e sumia, a noite, só a noite. Ali, ele ia imbora. Ao contrário pelo que os antigo ia falano era oru. Vinha aquela tochona assim, oh! Parecenu uma lua, cheia, cê sabi que é lua cheia,né! Bem forte! Aquela tochona assim passava beranu a casa, otra passava pru fora clareanu. Adonde ele passava, passava clareanu.

E como fazia se a pessoa ficasse com vontade de pegar o ouro?

É o que eles falava ocê atrai o oru com u sangue, cortava... pra aquele que tinha coragem, dava um taizim nu dedo e quando pingava o sangue atrai o oru e caia, assim era que eles falava, o sangue chamava o oru.

Lobisomem e Mula sem cabeça

O senhor podia contar como surgia o lobisomem e a mula sem cabeça?

Pois é, era esse tipo que eu to ti falano, que o povo falava, nun é, quando era sete mulher, uma virava mula sem cabeça e se tivesse sete homi, um virava lobisoni. Aquele qui virava lobisoni ele sai a noite, chegava adonde um animali espojava, espoja é u animali vira nun lugar assim... fica espojanu na areia, aquele lobisoni, aquela pessoa chegava tirava a ropa ,ali adonde aquele animali espojo, tirava a ropa as zavesa, jogava lá e rolava e espojava também, quando ele levantava dali ele era um porco, sempre era um porco, porção... Esse foi acunticidu, foi verdade, na casa do meu sogro, nesse tempo a casa era feita de enchumento. Assim, enchumento é ocê fazê uma paredi, corta vara com taboca e bati barro. Nesse tempo ele num tinha botadu barru ainda era só um lugar du enchumento pra modi encher gar u qui tava du ladu di fora, e já tinha toda quorerma, tinha u virado di lobisoni. Ai ele chego, us cachorru munto di cima, ele quai nem porco i ele pego a ispingarda pra atirar nu porco, mar minha sogra num dexo, e o porco virava a pessoa. Ai complicava! ...Não atira não que o lobisoni vira a pessoa.

E agora o caso da mula sem cabeça?

Esse é caso veio, a qui virava mula sem cabeça saia trinanu nu mundo di noite, cheia di fantasia, cheia di oru, a riata, a riata dela pricia se feita di oru... dava aquele brilho e ela passava direto, eu sei que pra ela num passa dicima do ce ... tinha que correr o esconde as ulha dus pé e das mão... puque se ela visse as unha ela vinha incima do ce. Ela passava diretu... todumundu acreditava... minha sogra viu ela danu aquelis urru guali burru, passava cum a tirinata...

Nego D`água

Outra história que eu já ouvi o povo conta é que no Paranã aparecia Nego d`água?

Nu corgo da Cana Braba tinha o nego d`água, tinha um poço pur nome capote, poço do capote, la paricia, tinha u nego d`água, nego mesmo, era na mesma pessoa, só que quando ce chegava ele pircibisse ocê ele batia dentu du poço i sumia, era um poço enorme, poço du

capote, todo mundo sabia que tinha. Ninguém, nem pescava lá...cumeedu. Ele pegaava ...era um negrão, pretim mesmo, só que era da água, ali era quali pexi, natureza di pexi...

Rumãozim

Lá na região do Paranã tinha muita história, tinha também do Rumãozim?

U Ruamãozim ataco na casa do meu avô, ele chego quebranu trem , jogano trem fora, quandu ataco la na casa du meu avô, meu avô colocava oratório pra reza, pensanu que era uma asombração, mas ele era batizado... porque Rumãozim, tudo era história...Ele teve na casa du meu avô, como eu tava ti contanu ele tinha que dexa a casa... Rumãzim panhava carne jogava lá fora, panhava açúcar jogava lá fora, panhava queijo jogava...

No contínuo da análise dos textos precedentes, da relação às palavras de Bortone, contextualizadas no corpus desta pesquisa, é necessário fazer a seguinte caracterização: nas comunidades rurais pesquisadas, as pessoas mais idosas, que possuem, em maior escala, o hábito de contar “causos”, repassam de forma oral, suas histórias de família, suas crenças, mantendo suas tradições rurais que perpassam gerações. Talvez, alguém que esteja fora do contexto em que ocorre a produção de histórias, ora revestidas de “ares” de fábulas, ora sob a visão “floreada” da realidade, não consiga entender o contexto. O mesmo pode ocorrer em relação aos que possuem a norma monitorada. Portanto, para que ocorram os processos de inferências, é preciso o conhecimento dos diversos “mundos” lingüísticos. Os causos exemplificados em parágrafos precedentes, e analisados neste parágrafo, representam o elo entre o real e imaginário expressado por várias pessoas, principalmente idosas, do meio rural, as quais contam suas histórias ou suas realidades, reproduzindo uma identidade fortalecida culturalmente, que sofre danos irreparáveis por fazer parte de grupos que dominam apenas uma variante lingüística estigmatizada, mas que conserva o brilho da criatividade e releitura de eventos físicos.

Os aspectos apresentados no Corpus desta pesquisa, sob a forma de subtítulos de Análises Etnográficas e Lexicais, necessitam de um posicionamento determinante, o qual foi auferido em Bosi (1995, p.324), através da caracterização de cultura popular e as suas implicações no modo de viver: alimentação, a relação entre homem-mulher na divisão de tarefas, crenças, festas religiosas, etc. Essas características vão ao encontro, respectivamente

dos seguintes fatos registrados: a /giquitaya/, tipo de tempero e a /jacuba/, espécie de mistura de farinha torrada com água ou leite, tipos de alimentação do caipira em estudo; no /mutirão/, homens e mulheres desempenham funções diversas, as quais qualificam tal termo em face dos gêneros masculino e feminino; as Folias do Divino da roça e as crenças sobre o Rumãozinho, Mudança de Ouro e Nego d'água reforçam a caracterização deste autor sobre cultura popular.

3.2 - Análise do Léxico Bandeirante Presente nas Comunidades

A partir do método da sociolinguística interacional e das leituras de diários de viagens realizadas durante os séculos XVIII e XIX, são retratados os aspectos geográficos, sociais e lingüísticos dos rincões goianos. A variante encontrada nas micro-regiões rurais do nordeste goiano representa o léxico proveniente da movimentação humana oriunda da região sudeste, especificamente dos estados de São Paulo e Minas Gerais.

No decorrer das análises dos diálogos, apareceram palavras que resistiram ao tempo e às mudanças sociais. Algumas dessas palavras ainda permaneceram nas lembranças de pessoas ligadas ao campo. Essa permanência, dentre outros fatores de ocorrência, pode ter sua origem ao fato de algumas pessoas não possuírem tempo e/ou dinheiro para freqüentar a escola, pois o tempo era destinado à lida nas roças.

A interação verbal analisada originou-se em face ao ouvir e falar do dia-dia, sem interferência do ensino sistematizado e de livros. Algumas palavras indígenas, atualmente em desuso, chegaram nessas regiões pesquisadas através das rotas das bandeiras. Consoante a esta explanação, há como exemplo, a instrução de um tempero caseiro, de nome /giquitáya/, feita por um morador da cidade de Formosa-GO, mas que sempre teve sua vida ligada às pessoas e manifestações culturais do meio rural. Esse tempero, explicado anteriormente em situação diversa, é fruto de trituração de sal, ervas, pimenta e/ou banha de porco. Esse preparo fica curtindo por algum tempo e, posteriormente é usado para acompanhar diferentes iguarias.

O léxico em análise pode ser encontrado no registro da viagem às minas de Cuiabá e Goyazes, feita pelo capitão João Antônio Cabral Camelo, no ano de 1727 e oferecido ao Intituto Histórico e Geographico brasileiro, pelo seu sócio correspondente, o Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen. Consecutivamente, as notícias de viagem que abordam a demarcação

dos limites da América Meridional, trazem um léxico conservado nas trilhas das bandeiras. A palavra (*Gequitáya*), conforme histórico anexado, ainda resiste ao tempo, pois aparecendo em relatos do ano de 1727, e pode ser encontrada, também, nos diálogos dessa pesquisa.

Os vocábulos que compõem a história lingüística brasileira fizeram a seguinte rota: partida da península ibérica, depois por trilhas bandeirantes e de ouro, e estradas coloniais até a chegada na região central do Brasil. O vocábulo bandeirante percorreu o trajeto até o município de Formosa através de desbravadores em lombo de muares, dos antigos carroções (carros de bois) ou dos pés grossos e calejados a procura de riquezas naturais desta região central do Brasil. Logo, o léxico rural do nordeste goiano sofreu variações em virtude de ambientes diversos do passar dos séculos.

Em virtude do trajeto e do tempo explanadas no parágrafo anterior, a palavra *taipeiro* - */taipêru/*, de etimologia árabe-hispânica, possui o significado de grande quantidade na variante pesquisada, o que difere do significado comum, o qual se refere ao processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher um tipo de gradeamento feito de paus, varas ou bambus, dentre outras utilizações.

Essas e outras tendências irão continuando, naturalmente, a obra incessante da evolução autônoma do nosso falar que persistirá fatalmente em divergir do português peninsular, e até do português corrente nas demais regiões do País. Mas essa evolução já não será a do dialeto caipira. Este acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem duvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o progresso novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares.

No continuo da análise do léxico bandeirante, surgem expressões que sugerem temáticas diversas, dentre elas, seguem as que se referem ao meio ambiente: “*abri uma aragem*”, significa que o sol apareceu no céu; “*as manga de chuva*”, pouca chuva em determinados lugares; “*chegá terra*”, colocar a terra nos pés das plantas; “*chuva de flores*”, forma de eufemismo para tratar o momento em que granizos caem no solo, pois devido ao sentimento de religiosidade, não é recomendável dizer chuva de pedras, uma vez que representa uma ofensa ao divino; “*solistanhado*”, referente ao sol forte, quente, reluzente; “*a serra tá pítanu*”, expressão que indica o momento de estiagem na serra, após intensa chuva, o qual faz com que haja vaporização e conseqüente visão ficcional de um ser que pita.

Neste tópico, há expressões que indicam atividades rotineiras: “*Chiriri capeta*”, forma de bater na porta; “*passá barrela nas panela*”, usar o barro, substância de fácil retirada após utilização, como fator de proteção às panelas que são levadas ao fogão à lenha; “*fazê dicuada*”, ato de coar a água misturada com as cinzas, a qual resulta em um tipo água ácida usada para fazer sabão; “*muitcha luitcha e briquita*”, utilização de muito esforço na realização de algo; “*garrá no cabu do catambu*”, é o mesmo que pegar no cabo da enxada para realização da lida da roça; “*untá ela*”, ir até alguém, ou seja, visitá-la; “*falar rosado*”, refere-se ao ato de falar firme, com bravura.

Esta seqüência de expressões possui temáticas diversas: “*dori di ventusidade*” refere-se aos gases criados no estômago; “*dá mixoxu*”, significa irritar-se; “*engoli a seco*”, é uma referência à aceitação de algo sem resmungar; “*borlé*”, é um tipo de fruta denominada fruta cera; “*galo sura*”, refere-se ao galo sem rabo; “*mané pelado*”, é um tipo de bolo feito com mandioca; “*neim vêla*”, refere-se ao ato proibitivo de algo, ou seja, de não pensar sobre determinada hipótese; “*no baxo du calado*”, trata-se de algo feito escondido; “*pilá arrôis*”, é o ato de socar o arroz; “*quando vér de que*”, significa agradecimento por algo feito; e “*levá uma tunda*”, significa ganhar uma surra.

O léxico do português brasileiro não é o mesmo lusitano. Esse léxico aparece como o resultado de uma interação vocabular, no qual muitas palavras se perdem no tempo, se adequam a novos valores e ganham usos diversos. A contextualização do léxico desta pesquisa mostra que vários vocábulos são extintos com o término de uma geração, principalmente quando se trata de grupos que carregam uma variante lingüística de não prestígio e registrá-los é uma forma de mantê-los vivos.

Nos arredores rurais de Formosa, encontram-se vocábulos que, segundo Amadeu Amaral (1976, p.64-65), vieram do português, do tupi e de outras línguas. A partir deste autor, entende-se que vários vocábulos formaram-se no Brasil especialmente pelo processo de derivação, pois através do deslocamento do povo paulista para longínquas regiões do território nacional. Desse modo, o falar caipira de São Paulo, inserido de neologismo derivados, é encontrado na região pesquisada, o qual pode ser analisado de seguinte forma: assuntar - /assunta/, referência ao ato de prestar atenção em determinado fato ou conversas; bestar - /bestá/, significa fazer papel de tolo ou ao ato de estar aproveitando o tempo sem

compromisso; desguaritar - /isguarítá/, refere-se ao fato de uma pessoa sair sem esclarecer seu destino; mamparrear - /mamparreá/, significa a realização de algo com pouca vontade.

3.2.1 - Léxico e contextualização

No Dicionário Moraes 1789-1949, dicionário da língua portuguesa, de Antonio de Moraes, percebeu-se que muitos dos vocábulos analisados estavam dicionarizados e outros, lexicalizados, pois aqueles apresentavam traços sêmicos diferentes do vernáculo. Além da verificação no dicionário, o vocabulário aqui selecionado é resultado dos discursos rurais, principalmente dos mini-contextos de entrevistas. Muitos dos vocábulos apresentado é atribuído à fala de uma moradora da zona rural, a qual contextualiza os vocábulos de acordo com a sua experiência de vida.

Seguem-se os vocábulos e os mini-contextos:

Adeporna: não encontrado no dicionário de Antonio de Moraes-1945 vol I. *Ádipo*, s.m.(do lat. *Adipe*-) Gordura,sebo.

Arribada, s.f.(de *arribar*). Acção ou efeito de arribar: - Nem eles daquela *arribada* foram a Malaca-, Diogo do Couto, *Décadas*, IV,1.6, cap. II. / Acto de arribar a algum porto com tormenta, ou necessidade, não sendo o seu destino, ou tornar ao lugar de onde saiu, antes de findar a viagem: - ...frei António embarcou-se para a nova Espanha, onde não chegou, porque a nau foi logo de *arribada*- Camilo, Santo da montanha,123, 4ª ed / fig: - ... como quer que tornemos, ainda que seja de arribada, enjeitados do mundo, nos recolhe(Deus), nos estima-, António de Vasconcelos, tratado do Anjo, II, 1.004. / Náut. Guinada do navio para sotavento./ Agr. Desmoronamento de cômodos, nas vinhas; sapada. / Beira do campo, em declive, sem parede. / *Rebanho disparado*.

Arribado, adj. e p. p. (de *arribar*). Recolhido, refugiado (o navio) em qualquer porto, por efeito de temporal ou *perseguição do inimigo*.

Arriba de, loc prep. Acima de; mais, passante: - arriba de dez-.

Aluir ou aluí: aluído, adj. (de *aluir*). Abalado, vacilado, pouco firme ou seguro. / *Derribado*, caído, desmoronado; arruinado: - limos e terras *aluídas* e levadas pelas chuvas e

torrentes e enxurradas-; Chuvas de tijolos à mistura com pedaços de ameias *aluídas* - Camilo, Caveiras da Mártir, 77,3 ed. – Diz da vasilha cujas aduelas ou os arcos não estão bem apertados.

Aluir 1 (u-i), *v. t.* (do lat. *Abluere*). Sacudir, abanar, abalar qualquer coisa que está fixa, fincada: - ... acertou de achar ali os paus não mui firmes, e tanto esteve *aluído* neles, que fez entrada-, João de Barros, décadas, II,9, cap.I; - os conselhos ...eram a alavanca mais bem temperada para *aluir* a independência da aristocracia e faze-la cair despedaçada- , Herculano, Monge de Cister, II, cap. 17, 79, ed. De 1918.

Aluir 2 (u-i), *v. int.* abalar-se : -não só não há-de cair... senão que nen há de *aluir* ou *inclinár*- , Manuel Bernardes, Sermões, I, 28, ed. De 1721. / Fraquejar, vergar, vir abaixo: - ... entrou o Zeferino muito enfiado, num espasmo, sentindo-se aluir pelos joelhos- , Camilo, Brasileira de Prazins, cap. 7, II9, ed. De 1882.

Apiançado, *adj.* Asmático, ofegante: -...numa vozinha lenta e branda na qual, por vezes, silvava desafinadamente uma palavra apiançada- Coelho Neto, Tormentas,240, 3ªed.

Acoitá: ver acoitar.

Acoitar 1, *v.t.*(de *coito*). Dar coito ou guarida a; acolher, agasalhar; o mesmo que *acoutarar*: - *acoitaram* em casa o perseguido, que ia fugindo-; Esconder, asilar: - ... bucar asilo... onde quer que os amigos os *acoitem*-, Garrett, Catão,IV, 7 ; - Ó tresquidão amena, ó grato asilo/ onde me ia *acitar* de acerbas mágoas- Garrett, Camões, c V, est. 5./ Brás. Dar guarida a namoros ilícitos. Cf. Viotti, Dicionário de Gírias Brasileiras.

Assungá: Assungar, *v.t.* Brás. Puxar para cima; levantar. / o mesmo que sungar.

Aragem: ver aragem.

Aragem, *s.f.* (de *ar* x desin. *Agem*). Vento brando, fresco; viração, bafejo: -... à luz da tocha que ardia a curta distância, e que a *aragem* movia-, Herculano, Eurico, 273, 24ª ed; - Assim ressoam os murmúrios da *aragem* nas frondes da palmeiras- , José de Alencar, Iracema, 46, ed. 1920. / Oportunidade, ensejo favorável: - aproveitou a aragem para conseguir o que desejava. Fig. Brás. Ir a *aragem*, acompanhar o movimento, as paradas de um jogador feliz. /

Cair na aragem ou ganhar a *aragem*, fugir. Burundanga, *s.f.* Palavreado confuso; algaravia. / linguagem menos polida, algaraviada: - É uma *burundanga* deslavada com brotoeja de solecismos e inchaços de hipérbole-, Camilo, Perfil do Marques de Pombal, 3I, 4ª ed. / Trapalhada, confusão. / Reunião de coisas sem préstimo ou sem valor. / Mixórdia. / Cozinhado mal feito ou pouco limpo ou repugnante: - ... olhou para os torresmos que se lhe afiguraram a descair para o ranço e os peixes, *burundanga* maior ainda, e novamente implorou que o deixassem-, Aquilino Ribeiro, *Volfrâmio*, 326.

Binga, *s. f. (do quibundo)*. Chifre. / Isqueiro de fuzil. / Estojo onde se guarda o isqueiro. / Corno preparado para servir de copo. / Ponta do chifre de boi, torneada e enfeitada, própria para guardar o rapé. / O mesmo que colibri. / Espécie de cascalho. / Homem casado a quem a mulher atraiçoa. / Caixa de rapé. / Marido ludibriado.

Chanfrar, *v.t. (do fr. Chanfrer)*. Cortarem semicírculos, em forma de meia lua. / Carp. Cortar com plaina ou garlopa as arestas de; fazer chanfros em. / Entalhar, dentar. / Gir. Ant. Dizer mal de (alguém) na ausência. / Gir. Brás. Ter relações sexuais; copular.

Espaduaado, *adj. e p. p. (de espaduar)*. Que tem a espádua deslocada.

Espádua, *(do lat. Spatula)*. Omoplata, ombro. -... longos cabelos anelados que lhe caíam pelas *espáduas*...- José de Alencar, Tronco do Ipê, 60, ed. De 1938. / A parte mais elevada dos membros anteriores dos quadrúpedes.

Empuca: não encontrado no dicionário DM-1789-1949

Entangado: ver entangar.

Entangar, *v.t. (de tanga)*. Por tanga em, vestir de *tanga*. / *Tanga*1, *s.f. (do quibundo)*. Pano ou avental com que os selvagens tapam as partes pudendas, desde o ventre às coxas: - As pretas, com uma *tanga* no ventre, a arregaçar-lhes um palmo dos vestidos- , Machado de Assis, Brás Cubas, cap. II, 49, ed. de 1945./ *Pedaço de pano das dimensões de um lençol, que servia de vestuário aos negros chegados ao Brasil.*

Embustido/Embosteiro: ver embuste.

Embuste, *s.m.* (*do fr. Embûche, do esp. Embuste?*). Mentira artificiosa; patranha; ardil para enganar e enredar: - diga-o a chave falsa do sobrinho. E a gazua do criado. _ Não contaís o *embuste* do amigo? -, D. Francisco Manuel de Melo, Apólogos Dialogais, II, 122.

Embusteirol, *adj.* (*de embuste*). Que usa de embuste; impostor, trapaceiro: É por câmbio de tantas maravilhas, embusteiros e traidor me considerais!, Porto Alegre (cit.de Laud. Freire, Dic., s.v.).

Gavár: ver gabar.

Gabar, *v.t.* (*do ital. Gabbare?*). Elogiar, louvar, enaltecer: - E que este desejo tomara ao Sábio de querer em sua ajuda, por lhe ele *gabar* a gente português...-, João de Barros, Décadas, I, 4, cap.III.

Gasapiá: não encontrado no dicionário DM-1789-1949.

Giquitáia: não encontrado no dicionário DM-1789-1949

Grimpa, *s.f.* (*do hol. grippen*) lâmina, ordinariamente de metal, móvel em torno de uma vertical, sob a acção do vento, cuja direcção indica; catavento. / Por ext. Qualquer remate na parte superior de edifício ou árvore: - E nas douradas *grimpas*/ Das cúpulas soberbas/ Piam nocturnas agoureiras aves-, Correia Garção, Obras Poéticas, 259, ed. de 1778. / A parte mais alta de qualquer coisa.

Grimpar, *v. int.* (*cf. o fr. Grimper*). Crescer em altura, elevar-se, alçar-se.

Isalô: não encontrado no dicionário DM-1789-1949

Jambrô: não encontrado no dicionário DM-1789-1949

*Jambo*¹, *s. m.* (*do lat. Iambio*). Pé de verso grego ou latino, composto de duas sílabas, a primeira breve e a segunda longa. / Verso *jâmbico*, / Poema satírico. / O mesmo que *iambo*.

Malacafento, *adj.* (*de malaca*¹). Adoentado. / Antipático, asqueroso.

*Malaca*¹, *s.f.* Brás. Nome genérico de qualquer doença.

*Malaca*², *s. m.* Membro de uma tribo de Angola, a oeste do Cassai e ao norte da região dos Bapendes ou peindes.

Pichoá/pichuá, s.m. Brás. Fumo ordinário, macaia ou macanha.

Picho, s. m. (*de pichel*). O mesmo que *pichel*./ Provinc. Pequeno pote de barro./

Carrapitode cabelo, no alto da cabeça.

Rabu-táio não encontrado no DM-1789-1949

Sura ou surucu: sem rabo. Ver suro.

*Suro*¹, adj. (do cast. *zuro*). Que tem rabo, derrabado: - Eu não juro nem esconjuro, / Mas galo negro suro/ Cantou ao meu monturu-, Gil Vicente, *Anto das Fadas*, em *Obras*, II, 296. / Pop. Frade suro, o que tinha coroa e não dizia missa.

Os mini-contextos apresentados nas entrevistas explicam o sentido dos léxicos selecionados. Após leitura, a entrevistada apresentou os respectivos significados:

- a) /arribada/ - A novilha ficou de arribada na beira da serra.
- b) /aluir/ - Esse menino tá precisano de aluir o passo.
- c) /apianaçada/ - A menina dormiu e acordou apianaçada.
- d) /acoitar/ - Aquela mulher sempre acoita os erros do marido.
- e) /arage/ - Passei perto da mata e senti uma arrage tão fresca!
- f) /burundanga/ - Ele só quer comer burundanga.
- g) /embuçucado/ - O tempo tá embuçucado.
- h) /binga/ - Essa binga não esta prestando.
- i) /espaduado/ - Aquele cavalo ficou espaduado.
- j) /empuca/ - Acho que onça gosta de ficar nas empuca!
- k) /entangado/ - O tecido que eu quero tem que ser entangado.
- l) /embosteiro/ - Eu conheço um vaqueiro que é muito embosteiro.
- m) /gavar/ - A madrinha ta sempre gavando o filho.
- n) /gasapiá/ - Aquele rapaz gosta de gasapiá minhas coisas do irmão.
- o) /gequitáya/ - Você sabe se a gequitáya leva muita pimenta?
- p) /grimpa/ - Eu só gosto da manga pegada na grimpa.
- q) /isalô/ - Aquelas burundangas que estavam na caixa isalô.
- r) /jambrô/ - Jambrô aquela roça de milho que ele plantou!
- s) /malacafento/ - Lá onde eu moro tem muita mulher malacafenta!
- t) /pichuá/ - Esse pichuá que você tem não serve pra mim fumar.
- u) /rabutáio/ - Comprei um gado e quando fui ver, era só o rabutaio.
- v) /mamparra/ - Ele só faz as coisas de mamparra.
- w) /mazarôio/ - Onde ta o mazarôio de garfo e colher?
- x) /Banzé/ - Cigarro também e chamado de banzé?

Nos momentos de interação verbal registrados nesta pesquisa, é perceptível que muitas palavras desconhecidas retornam como repertório lingüístico e uma geração sexagenária se alegra quando é motivada a manter sua variação lingüística como forma de interação, resistência de sua cultura e fortalecimento de suas raízes.

A Pesquisa etimológica feita no Dicionário eletrônico Houaiss possibilitou melhor suporte para a compreensão do léxico encontrado na fala dos moradores rurais pesquisados, A etimologia associada à interpretação do processo histórico de movimentação que levou séculos até alcançar os rincões do nordeste goiano, refletem o respectivo contexto de fala.

Três leituras foram fundamentais para comparar o léxico encontrado no nordeste goiano com realidades lexicais do século XIX, registradas em Memórias sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá por Luís d'Alincourt em 1818. Tais memórias registram as antigas rotas que ligam São Paulo ao Sertão goiano, os causos, os costumes, e o léxico. Mais realidades lexicais são apresentadas em outra obra publicada pela editora da Universidade Federal de Goiás, chamada Viagens às Terras Goyanas, que faz parte da coleção "Documentos Goianos" escrita por Oscar Leal. Este autor partiu de São Paulo, em 1882 e adentrou-se pelo sertão, registrando o comportamento do povo goiano. O município de Formosa esteve em seu trajeto, e ele termina o livro com um glossário de grande parte do seu léxico comum agregado ao glossário de Amadeu Amaral. Este autor registrou em o Dialeto Caipira (1920), como brasileirismo lingüístico corrente em São Paulo, vocábulos usados pelos roceiros ou caipiras. Os aspectos analisados nas três produções abordadas neste parágrafo podem ser encontrados em análises feitas em Megale (2000, p.67; p.9; p.104; p.219; p.219), através da transcrição de vários termos, dentre os quais, merecem destaque, /duentchi/, /fruta/, /bulir/, /tchega/. Finalmente, os exemplos encontrados no projeto do professor Heitor Megale, associados aos três textos precedentes permitem dizer que o léxico registrado apresenta uma forte ligação com o léxico desta pesquisa.

A grande maioria das palavras apresentada neste trabalho é de origem latina, trazida pelo colonizador europeu. Em segundo lugar, há as palavras pertencentes aos povos nativos do continente Americano, e por último, há uma quantidade lexical menor, oriunda dos povos africanos. A partir da precedente classificação encontram-se elementos de várias procedências.

3.2.2 - Léxico de origem Latina

O léxico de origem latina, descrito na seqüência deste tópico, possui a datação dos primeiros registros e etimologia, verificação que pode ser feita no anexo dessa pesquisa. Percebe-se que o arcaísmo lexical conservado por esse caipira está relacionado à teimosia de manter a identidade ligada aos costumes.

Abom: usado no lugar de bom.

Acochá: apertar, torcer.

Acoitá: esconder algo ou segredo.

Acuar: estacar, recuar ou ficar recantiado.

Alpendre: área da casa.

Alvejado: deixar o tecido branco.

Aluir ou aluí: sair do lugar, romper.

Amuntá: animal que se mete no mato, selvagem.

Andadura: forma de andar dos animais de sela.

Apiá: descer, hospedar-se.

Apiançadu: sem fôlego.

Apisuadu: Bolo que tem a massa pesada, que não fica fofo.

Apividi: Parte interna da abóbora que se joga fora.

Arage: céu aberto ou vento fresco.

Arapuca: armadilha para pegar passáro, ou estilo de telhado.

Areá: limpar um objeto.

Arreda: sai.

Arribá: levantar.

Arribada: animal que fica de fora do grupo ou esquecido no campo.

Armonca: almodega

Atarentado: ficar preocupado, doido.

Azucriná: importunar, atormentar.

Azulêgo: de cor escura, pintado de branco e preto

Babujo: sujo de saliva ou baba.

Baio: animal de cor amarelada.

Baita: grande, forte.

Bajulado: paparicado, adulado.

Bandê (i) ra: porção de espigas de milho, arroz ou feijão.

Bandô: suporte para colocar cortina.

Bandulaque: muitas coisas amontoadas, muito ornamento.

Barbela: cordão que prende o chapéu sob o queixo, ou pele sob a queixada de um animal.

Barrão: porco reprodutor.

Barrela: barro usado para passar no fundo das panelas.

Bassôra: vassoura

Baxuliado: cochicho.

Bença: benção.

Bimboca: tipo de grotta, quebrada, lugar apartado.

Bistunto: sem rumo.

Bitelo: forte, grande.

Bodoque: arco para aremeçar pedras.

Borlé: espécie de fruto do cerado.

Brabu: bravo

Brioso: elegante, garboso.

Briquita: lida com algum serviço.

Bruaca: saco de couro usado pelos tropeiros.

Bucadu: muito.

Calombo: inchaço.

Cambada: grupo de pessoas.

Cambito: perna fina.

Cambóta: peça que pertence à roda dos carros de boi, dar cambota (dar piruetas).

Campêro: espécie de veado

Campiá: procurar animal no campo

Cangóte: parte do pescoço

Canguim: avarento

Capado: porco castrado

Capenga: mancar da perna

Caxingano: mancar

Chanfrar: fazer cortes na madeira

Chêda: parte do carro de boi
Chincha: preso na corda, puxar com força
Chispa: sai
Chumaço: pedaço de madeira entre os cocões do carro de boi
Cisma: desconfiaça, presunção
Coará: roupa lavada posta ao sol
Cobrêro: alergia na pele
Cochonilho: fôrro que se coloca sobre a sela
Colerina: dor de barriga
Coretá: criticar, falar mal
Cotó: sem uma parte do membro do corpo
Culiado: junto, participar de algo
Dêca: dê-me
Desta: deixa estar
Deraderu: último
Diachu: interjeição (diabo)
Disbandáio: bagunça
Disarnar: sair do lugar, resolver algo
Discalquiado: sem idéia
Discambar: sair sem rumo ou direção
Distibilado: nervoso, inquieto
Embatumado: cheio
Embutido: embustice
Embusteiro: embuste, mentira artilosa
Embuçucadu: tampado, vestido com muitas roupas, embrulhado
Empanzinado: empanturrado
Entufado: cheio ou aborecido
Enriba: em cima, elevado
Esbirrá: teimar ou colocar esbirro
Escanchar: dependurar
Escrafunchar: procurar, querer saber algo
Esculateira: lata para fazer café
Espaduado: deslocamento da espadua
Espícula: perguntar

Espojar: deitar, cair no chão, rolar
Estambo: estômago
Estanhado: quente
Estivado: jogado, bagunçado
Estorva: atrapalhar
Estrupiado: machucado
Fexe: feixe
Feição: carinho por alguém
Fia: fiar
Fuá: confusão
Fuminá: sair sem direção
Gaitada: risada
Gaiofano: fazer galhofa
Gambira: fazer troca
Gava/gaba: falar bem
Gasapiá: pegar algo escondido
Grimpa: na copa, nas alturas
Grosolo: farinha encaroçada
Imberrado: cheio de birra, teima
Indez: ovo deixado no ninho como chamariz para outras galinhas
Isalo: perdeu, sumiu
Ispia: olhar
Ispiticado: jogado, espalhado
Jambrô: algo que não deu certo
Jofá: expelir ou lançar fora
Japona: agasalho
Labuta: trabalho árduo e penoso
Ladino: esperto
Latada: especie de grade horizontal para videiras ou plantas trepadeiras
Légua: medida de distância
Macega: campina suja, cheio de mato
Maçaroca: fio torcido, cabelo despenteado
Madorninha: cochilo
Madrucê: amadurecer

Manjarra: Pau que é amarrado na atiradeira dos bois para fazer o balanço

Malacafento: doente

Malamanhado: desarumado

Malino: que faz travessuras

Mandraca: macumba

Matula: espécie de marmita

Mazaroi: feixe

Michado: pouco

Mucunã: semente de uma planta

Murrinha: mal cheiro ou pessoa avarenta

Nódia: mancha, nódua

Pafuá: desarrumado ou bagunçado

Pajiá: vigiar animais ou pessoa

Peia: chicote

Parrudo: forte, grande

Pisa: surra

Pisadura: lesão na pele

Pistelento: pessoa sem respeito

Posa: dormir

Pouso: local para pernoitar

Pranto: choro ou queixa

Prosiá: bater papo

Punhado: uma quantidade de algo

Rabinha: espécie de panela

Rabutáio: resto, aquilo que sobrou.

Ralhar: brigar ou dar bronca

Ramona: espécie de grampo para os cabelos

Réis: antiga moeda

Refulefêgo: estradas com várias de curvas

Fefugo: sobra, resto.

Remeda: imitar

Ribuçar: cobrir

Ridico: sovino

Riguilido: sem vergonha, lerdo

Riquifoqui: festa, algazarra

Ripuná: sentir enjôo de alguma coisa

Sariadô: aquele que sai sem se preocupar com o tempo de voltar

Sarráfu: pedaço de pau

Sova: bater, socar

Suvino: avaro

Taiá: dar talhos em algo

Taipêru: grande quantidade de algo

Tange: tocar o animal

Terrêru: quintal

Ticar: fazer pequenos cortes

Trabisseiru: travesseiro

Trupicar: tropeçar

Tuia: espécie de baú feito de madeira

Urdir: falar

Venda: armazém

3.2.3 Léxico de origem indígena

Apura: andar de pressa

Binga: espécie de isqueiro

Bocó: bobo

Burundanga: misturas de várias coisas

Capina: limpa com enxada, capinação

Capuêra: mato

Coité: tipo de cabaça

Coivara: paus que restam da queimada na roça

Empuca: mato grosso

Gequitaya: tempero

Guacha/guasca: chicote

Itiquira: cachoeira (topônimo)

Jacuba: alimento que mistura farinha, água ou leite, toucinho e carnes

Jirau: estrado de varas

Jataí: abelha

Mucutáia: coisas sem valor ou bagunça

Mundé: armadilha para caça

Mutirão/muchiron: reunião do sertanejo para auxiliar um vizinho em trabalhos agrícolas

Pichuá: tipo de fumo forte

Piraím: tipo de chicote

Puba: mandioca fermentada

Pucumã: fuligem

Pururuca: couro torrado

Quiçaça: bagunça coisas sem valor

Sura/surucu: sem rabo, derrabado

Tapéra: casa velha, antiga

3.2.4 Léxico de origem africana

Assunga: retirar, puxar

Bandulaque: pequenas coisas usadas como ornamento

Bazé: cigarro

Cacunda: costas

Cafuné: carinho

Catira: dança goiana

Catira: fazer trocas

Ingambelar: mentir, enganar

Intangado: tecido bem trançado

Ganzé: fraco

Gunguná: resmungar

Mamparra: fazer algo com preguiça

Moxé: sapo

Munha: bucha

Piticongo: bagunça

3.3 - Concluindo

O léxico do português brasileiro encontrado neste trabalho não é apenas de origem lusitana, pois aparece como o resultado da ação continuada de empréstimos lexicais, no qual muitas palavras se perdem no tempo, se adequam a novos valores e ganham outro uso, da mesma forma que um novo léxico vai sendo periodicamente criado.

Ilari e Basso (2006:134) informam que ao analisar, do ponto de vista histórico, o léxico do português brasileiro, aparece como o resultado de um longo processo, muitas palavras antigas se perdem, ou apenas sobrevivem com novas funções e novos valores, ao mesmo tempo novas palavras vão sendo constantemente criadas. Por isso, é notório que vários vocábulos alteraram seus significados iniciais, como por exemplo, /suru/ que quer dizer ausência de rabo para o sertanejo, porém /zuro/ proveniente do castelhano, quer dizer rabo caído.

Existe uma relação entre comunicação e linguagem e Sapir (1985, p.15), em seu texto “A natureza da linguagem” diz que “a linguagem é uma grande força de socialização, provavelmente a maior que existe”. A pesquisa sobre as interações verbais entre os moradores da zona rural de Formosa-Go e adjacências, faz observar que os indivíduos que integram esta comunidade lingüística, identificam-se uns aos outros pelas expressões, léxico e estilo de falar. A partir da compreensão da solidariedade, do reforço das relações sociais, da acumulação cultural e da transmissão de histórias familiares, canções, orações, etc, torna-se essencial ratificá-la sob as palavras de Sapir (1985, p.16), o qual diz:

A extraordinária importância das mínimas diferenças lingüísticas para a simbolização dos grupos psicologicamente reais, em contraste com os grupos políticos ou sociologicamente oficiais. “Ele fala como nós” equivale a dizer “Ele é um dos nossos”.

A diversidade lexical encontrada nessa região é resultado do intenso contato lingüístico entre falantes de Português, de línguas nativas e de línguas africanas, a qual resultou nesse amálgama lexical, revelado na oralidade dessas comunidades de origem rural. Logo, as festas, músicas, trabalho, alimentação e religiosidade são elementos que reforçam a identidade grupal, conforme Milroy (1980). As comunidades tradicionais criam e recriam elementos mantenedores da presença desse léxico, decorrente de rota dos bandeirantes, no nordeste goiano.

IV - Considerações finais

Um dos principais objetivos desta pesquisa, a partir de uma proposta etnográfica, constituiu-se no registro da situação sociolingüística das comunidades que fazem uso do dialeto caipira em suas interações diversas no nordeste goiano. As festas religiosas, o mutirão, as danças, os causos e as redes sociais tradicionais (mutiplex) permeiam as interações das regiões rurais cortadas pelo rio Paranã.

Esta pesquisa mostra que a língua está atrelada às normas culturais compartilhadas e que a análise interacional possibilitou entendê-la como parte de situações vividas em um ambiente “*in natura*”. A variante pesquisada reflete o espaço físico, o tempo, os contatos de línguas, as manifestações culturais próprias ou aglutinadas e a não utilização do polimento lingüístico próprio da norma padrão. Por fim, esse dialeto caipira trouxe uma história sociolingüística rica em características dos períodos da formação do português do Brasil, especificamente as relativas ao léxico dos bandeirantes e tropeiros e as línguas indígenas e por fim, a língua geral paulista, que foi distribuída entre os estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, deixando suas marcas lexicais nas áreas pesquisadas.

O respaldo teórico permitiu a realização desta pesquisa sob a visão da Sociolingüística Interacional, o que possibilitou fundamentar a identidade sociocultural firmada e conservada pela linguagem do caipira. Desse modo, esta pesquisa desenvolveu-se nos municípios de Formosa, áreas adjacentes e, especificamente, na região rural localizada no nordeste goiano, cuja comunidade é composta, em sua maioria, de trabalhadores rurais iletrados.

A observação da comunidade de fala permitiu vislumbrar a pluralidade de formações discursivas. O conteúdo teórico favoreceu a compreensão dos vários aspectos sociolingüísticos, os quais ainda ocorrem em face à busca de fortalecimento de suas raízes.

É perceptível que o dialeto caipira conseguiu sobreviver às transformações, devido às relações multiplex cultivadas. Esse falar nunca teve reconhecimento, pois o foco de poder sempre esteve direcionado à elite conservadora, a qual exigiu bajulações e benefícios ardilosos, uma vez que detinha a tradição do bem falar, ou seja, a competência comunicativa sistematizada.

Esta pesquisa insere-se na reflexão sobre a situação sociolingüística de uma comunidade rural que ainda sobrevive sob as intempéries do novo, o que foi constatado pela análise do léxico das trilhas das bandeiras, presente até hoje no repertório ligüístico dessa comunidade. O registro desse dialeto é alento para os seus falantes, manifesto sobre as atitudes ardis contra a simplicidade caipira, e uma contribuição para os estudos sociolingüísticos, ao demonstrar a resistência às normas urbanas e a força que a tradição exerce nessa comunidade.

Segundo Amaral (1976, p.9), este dialeto caipira está condenado a desaparecer em um período breve, confirmando o processo de evolução, o qual é guiado por determinantes e leis particulares, por essa razão esta pesquisa traz uma contribuição importante ao registrar um léxico inserido em um contexto rural específico, o que demonstra a manutenção da identidade de um povo que resiste. Estar com o sertanejo do vale do Paranã é ser recebido com um aperto de mãos verdadeiro, mas notar sua mão grossa e calejada pelo trabalho pesado, é perceber a tristeza da desigualdade, as rugas e a pele queimada pelo sol, mas, acima de tudo isso, um olhar de coragem, uma resistência cultural e um sorriso alegre de uma boca que já não conserva suas verdadeiras vozes.

VI – REFERÊNCIAS

ALINCOURT, Luís d`. **Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.

AMARAL, Amaral. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec. Apoio Instituto Nacional do Livro, Ministério de Educação e Cultura, Brasília. 1976

BAGNO, Marcos. **O preconceito linguístico**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 6ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BORTONE, Márcia Elizabeth. Comunicação interdialetoal: um retrato de diversidades culturais. In: MAGALHÃES, **Izabel (org.) As múltiplas faces da linguagem**. Brasília: ed. Universidade de Brasília, 1996, p386-399.

_____. Língua e identidade social. Letras. **Revista do Instituto de Letras da PUC**. Campinas, PUCCAMP, v15 n°s 1 e 2, 1996, p22-42.

BORTONI-RICARDO, S.M. **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil**. Cambridge: CUP, 1985.

_____. O Professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e Culturas brasileiras. In _____. **Dialética da colonização**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 308-345.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa**. 26ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHAUVET, Gustavo. **Brasília e Formosa: 4.500 anos de História**. Goiânia: Kelps, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7ª.ed. ver. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

COUTO, Hildo Honório do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: UNB, 1996.

_____. **Anticrioulo: Manifestação Lingüística de Resistência Cultural**. Brasília: Thesaurus, 2002.

_____. **Ecolingüística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.

CROWLEY, Terry. **Na introduction to historical linguistics**. 3^a.ed. Auckland: Oxford University Press,1997.

CUNHA, Luciana Márquez. **Sobre a competência comunicativa**: uma descrição das práticas interacionais de uma comunidade rural brasileira. 130p. il. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Brasília, 2000.

DIETRICH, W; NOLL. V (Org.). **O Português do Brasil**. 1^a.ed. Iberoamericana-Vervuert.2004.

DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília. Instituto de Letras, 2008.

ERICKSON, F.Ethnographic description. In: U. Ammon, N. Dittmar and K. Matthier(eds). **An international handbook of the science of language and society 2** Berlin/New York:Walter de Gruyter. 1983. P.1081-1085.

FAIRCLOUGH,Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GNERRE, M. **Linguagem Escrita e Poder**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

GOODY, John. **Literacy in Traditional Societies**. Cambridge. Cambridge University Press. 1968.

GRAEBIN, Geruza de Souza. A fala de Formosa/Go: a pronúncia das vogais médias pretônicas. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília. Instituto de Letras, 2008.

GUMPERZ, John. **Language and social identity**. In: Studies in interational sociolinguistic. 2. New York: Cambridge University Press, 1988.

_____. **Discourse strategies**.New York: Cambridge University Press,2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26^a.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Revan,1992.

_____. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua portuguesa**, 1.0. Objetiva, 2001.

HYMES, DELL. **On communicative competence**. In: J.B. Pride e J. Holmes (eds) Sociolinguistics, Harmondsworth, Penguin, 1974.

_____. (org.) **Language in Culture and Society: A Reader in Linguistics and Anthropology**. New York: Harper & Row, 1964.

ILARI,Rodolfo. **Lingüística românica**. 3^a.ed. São Paulo: editora Ática,2000.

ILARI, Rodolfo.;BASSO,Renato. **O português da gente:** a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto,2006.

JACINTHO, Olynpio. **Esboço Histórico de Formosa.** 2^a. ed. Brasília: Editora Independência, 1979.

KLEIMAN, Ângela (org). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas. Mercado de Letras. 1995.

LEAL, Oscar. **Viagem às terras goyanas (Brazil Central).** Goiânia: Ed.da Universidade Federal de Goiás, 1980.

LEME, Maria Luísa de Almeida. **Dio, Che Brut estudá:** Um estudo lingüístico da comunidade tirolino-trentina da cidade de Piracicaba.

LEMLE, M. **Heterogeneidade dialetal:** um apelo à pesquisa. Rio de janeiro: Tempo Brasileiro. 959/4: 60-94: abril/setembro, 1978.

MARY, Del Priore.;VENÂCIO,Renato.**Uma história da vida rural no Brasil.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MEGALE, Heitor (org.) **Filologia bandeirante.** São Paulo: Humanitas FFLCH/USP,2000.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil.** 3^a. ed. Rio de Janeiro: FGV,1975

MILROY, **Language and social networks:** language in society. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

OLSON, D. R. & TORRANCE, N. **Literacy and orality.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

ORLANDI, E. P., GUIMARÃES, E. & TARALLO, F. **Vozes e Contrastes:** O discurso na cidade e no campo. São Paulo: Cortez, 1989.

PÁDUA, Hosamis Ramos de. **Lingüística e História em Acaba Vida.** Brasília: UFG, 2002.

QUEIROZ, Sônia. **Pé Preto no Barro Branco:** a língua dos negros Tabatinga. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

RIBEIRO, Branca Telles (org). Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE,1998.

ROCHA, Deusdedith Alves; VIEIRA JUNIOR,Wilson & CARDOSO, Rafael Carvalho C. **Viagem pela Estrada Real dos Goyazes.** Brasília: Paralelo 15,2006.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas Brasileiras:** para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. 27^a.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SHERRE, M. Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics**. UK: Elsevier, 2006,p. 716-722.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

TANNEN, D. (ed.). (1982). **Spoken and written language: exploring orality and Literacy**. NJ: Ablex.

TARALLO, F. e ALKMIN, T. **Falares Crioulos**. São Paulo: Ática, 1987.

_____ TARALLO, Fernando. **Pesquisa Sociolingüística**. SP: Ática, 1985.

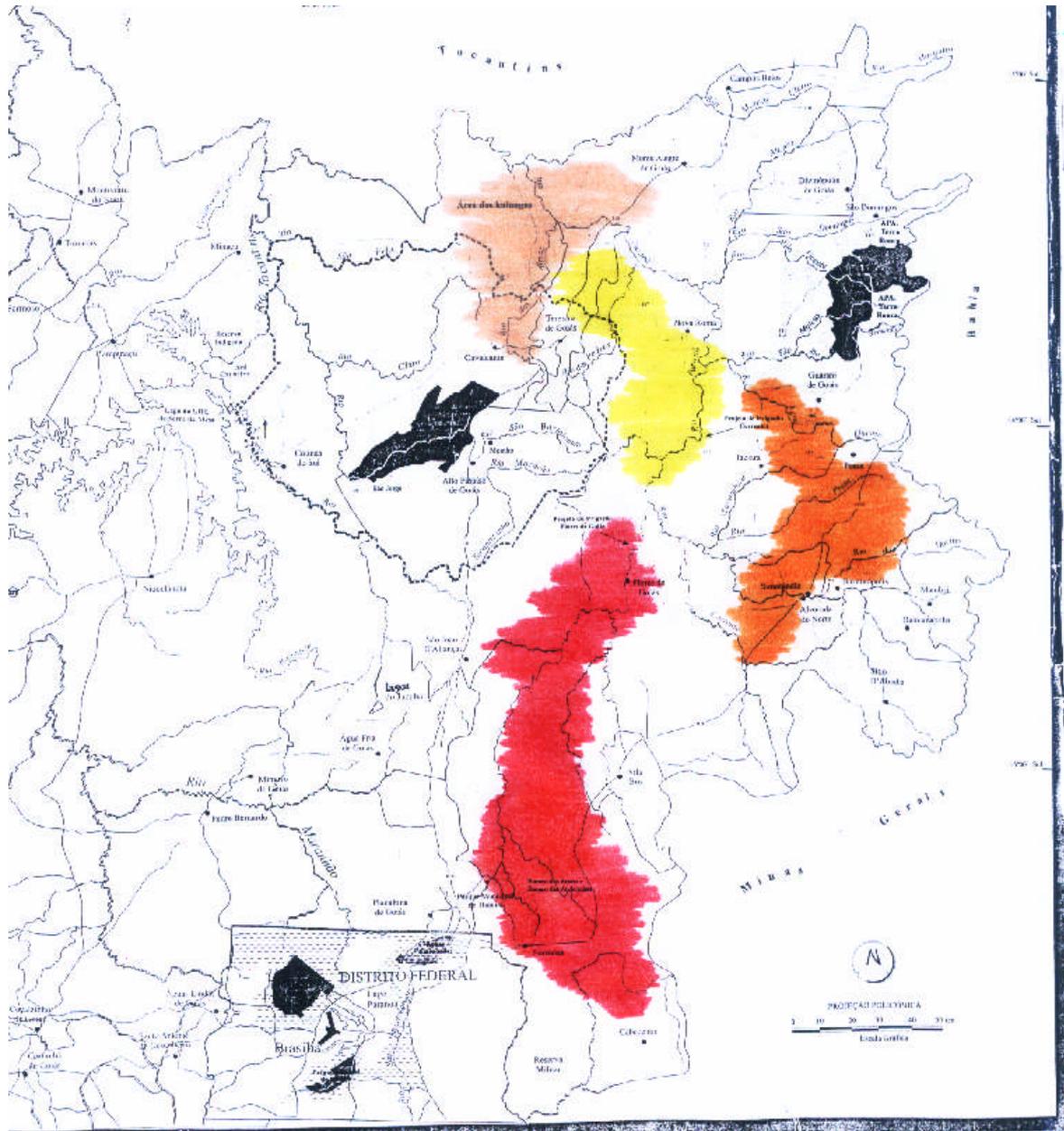
Intituto Histórico e Geographico brasileiro e retirado do Google pesquisa.

ANEXOS

ANEXO A**Mapa de Goiás e em destaque região pesquisada.**

ANEXO B

Mapa da região pesquisada e em destaque áreas rurais visitadas.



— 487 —

NOTÍCIAS PRÁTICAS

Das minas do Cuiabá e Goyazes, na Capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Soares, o Capitão João Antonio Cabral Camello, sobre a viagem que fez ás Minas do Cuiabá no anno de 1727.

(MS. offerecido ao Instituto pelo seu Socio correspondente o Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen.)

Muito Rev. Padre e Sr.—Não poderei informar a V. Rev. com a individuação que pretende, e eu desejo, sobre a viagem que fiz ás minas do Cuyabá, mas o farei na melhor forma que me fôr possível; porque os continuos perigos e riscos d'esta derrota não dão lugar a se attender a nada.

1. Pela cidade de S. Paulo passa um rio, a que chamam *Theaté*: este, segundo a sua natural corrente, se vê passar tres leguas, pouco mais ou menos, afastado da villa de Itú, distante de S. Paulo dous dias e meio de viagem: tres leguas abaixo da dita villa está o porto da *Aritaguaba*, que é o primeiro e principal dos tres em que communmente embarcam os que vão a estas minas. D'este, ainda que conhecido, é de seis dias unicos de viagem até ao sitio em que desagua no dito *Theaté* o *Sorocaba*, não darei noticia alguma, porque não embarquei n'elle, e só por informação de alguns mineiros, que n'elle se embarcaram, sei que tem varias cachoeiras, e algumas perigosas, e entre ellas um salto *Abaremanduaba*, por cahir n'elle o veneravel Padre José de Anchieta, e ser achado dos Indios debaixo da agua rezando no Briviario.

2. Do primeiro porto é *Sorocaba* distante um só dia de viagem ao lado esquerdo de Itú: direi o que vi e experimentei n'elle, porque aqui embarquei. Depois de passar algumas *Itaypavas* cheguei no quarto dia a um salto a que chamam *Jurumirim*, que na lingua da terra quer dizer boca pequena; e na verdade assim o é, porque o rio se mette n'elle e sahe por um canal tão estreito, que parece um funil: este salto, que consta de varias cachoeiras e *itaypavas*, terá de distancia meia legua: aqui se passam por terra as cargas ás cabeças dos negros, e as canoas em

parte vão á sirga, e em parte por terra, e por cima de innumeraveis pedras : logo á vista d'este está outro salto, porém mais pequeno, a que chamam *Gequitaya*, ou sal pimenta; e abaixo d'elle uma cachoeira com o mesmo nome : no salto se passam as canoas por cima de pedras, e d'este para baixo, até passarem a cachoeira, vão a remos. Em passar cargas e varar canoas nos saltos de *Jurumirim* e *Gequitaya* se gastam 3 ou 4 dias, e alguns mais, conforme a disposição e diligencia dos capitães e pilotos, porque em uns e outros está a brevidade ou demora das viagens, assim nas navegações pelos rios, como nas passagens das correntes, itaipavas e cachoeiras; porque os bons passam a maior parte d'ellas a remo, e com toda, ou só com meia carga; quando os que o não são, as levam quasi á sirga, e em muitas sem carga alguma, e assim andam mais uns em um dia que os outros, e finalmente nem em todas são iguaes os remeiros, nem as forças, motivo porque não direi fixamente os dias que gastam em cada um dos rios d'esta viagem, mas só pouco mais ou menos. Eugastei da *Gequitaya* até o sitio em que o Sorocaba faz barra no Theaté cinco dias, passando varias itaipavas. E' todo este rio cercado de matos, mas não tem roças.

3. Da barra do Sorocaba á do *Piracicaba* serão dous dias. Entra este rio no Theaté pela parte direita; tem o seu porto acima, como direi a seu tempo, e serve só na volta do Cuyabá, por ser mais facil em tempos de cheias. Abaixo do rio *Piracicaba*, dia e meio de viagem, estão dous moradores com suas roças, em que colhem milho e feijão, e tem criações de porcos e gallinhas, que vendem aos Cuyabanos; d'estas roças ao *Rio Grande* serão doze ou treze dias de viagem, n'estes se passam com bastante risco e perigo muitas itaipavas e cachoeiras: o primeiro salto dos tres que n'elle se topam, chamado *Panhandabá* (*Avenhandavaba*), é um despenhadouro bastantemente alto, n'elle se varam as canoas por terra pela parte direita e com ellas as cargas em distancia de um quarto de legua, pouco menos. O segundo salto, a que chamam *Araracanguaba*, é menos alto, e se passa pelo lado esquerdo na mesma distancia. O terceiro, que está perto da barra, em que entra o

ANEXO C

Dicionário Houaiss eletrônico

Léxicos e etimologia

Abom: lat. *bonus*, a, um 'bom'; ver *bon-*; f.hist. sXIII *bom*, sXIII *boa*, sXIII *boo(s)*, sXIII *búú(s)*, 1325 *boons*, sXIV *boom*

Adeporna: não encontrado

Alvejado : 1562 cf.JC. Que se tornou alvo, branqueado. Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem. part. de *alvejar*; ver ²*alv(i)*- antepositivo, do lat. *albus*, a, um 'branco, claro, puro', f.vern. mas erudita do cultismo latinizante *albi-*, ver, e do lat.tar. *albor, óris* 'brancura, alvura, clara (de ovo)', ocorrente em compostos do Renascimento em diante: *alva* 'aurora', *alvação*, *alvacentar*, *alvacento*, *alvadio*, *alvar*, *alveador*, *alveiro*, *alvejante*, *alvejar* 'clarear'; *alvicerúleo*, *alvidúlcido*, *alviflorido*, *alvilactescente/alvilatescente*, *alvilumíneo*, *alviluzente*, *alvinegro*, *alvinitência*, *alvinitente*, *alvirrosto*, *alvirrubro*, *alvitorácico*, *alvitórax*, *alviverde*; *alvo* 'branco', *alvor*, *alvorada*, *alvoradense*, *alvorado*, *alvorar*, *alvorário*, *alvoreado*, *alvoreamento*, *alvorear*, *alvorecer*, *alvorecido*, *alvoredado*, *alvorejamento*, *alvorejar*, *alvorejo*; *alvura*; *dealvar*

Alvo: lat. *album*, i 'cor branca, brancura, alvura; parte branca de alguma coisa; clara do ovo; belida do olho, mancha branca no olho'; ver ²*alv(i)*-

Alpendre: 1267cf.IVPM. 3-varanda coberta. 6-regionalismo: Alentejo, casa, nas habitações das herdades, onde se cozinha e onde comem os trabalhadores da lavoura. orig.duv.; prov. relacionado com o v. *pender* do lat. *pendere* 'ser suspenso, estar suspenso'; ver *alpend-* e *pend-*; f.hist. 1267 *alpendere*, 1378 *alpendere*, sXIV *alpenderes*

Alpend- □ elemento de composição

antepositivo, do port. *alpendre*, que A. Nascentes diz ser de orig. controversa, lembrando a f. arc. *alpendre* (sem dizer se oxítone ou paroxítone); J.P. Machado averba *alpendre*, remetendo-o para *alpendre*; "*alpendrada*, s. Está por *alpendrada*, q.v."; "*alpendorar*, v. Está por *alpendrar*, q.v."; "*alpendrada*, s. De *alpendre* (segundo D.V.). A var. *alpendorada* no mesmo séc. (id.)"; "*alpendrar*, v. De *alpendre*. Em Filinto Elísio, segundo D.V.", e, enfim, "*alpendre*, s. Segundo parece, a forma arc. mais corrente era *alpendre*. Deve relacionar-se com o lat. *pendere* 'pendere'; em cast. *alpende*, gal. *alpendre*. Em 1339: '...no adro da Igreja de ssam jujhião sso o *Alpendre* dos seus pááços...', em *Desc.*, I, p. 60. No séc. XVI documentam-se as duas formas: '...entrã em hu páteo de *alpenderes*...', *Déc.*, I, IV, cap. 8, p.149; '...fezeram todos jurameto aho Príncipe nas mãos delrei seu pai, no *alpedre* do mosteiro de S. Domingos...', *Góis*, I, cap. 34, pp.65-66.'" Corominas, s.v. *alpende*, diz ser "provavelmente tomado do lat. *appendix* 'apêndice', 'anexo', derivado de *pendere* 'pendere', 1ª doc. 1846."; citando documento medieval em que aparecem as var. *alpienda* e *alpendio*, reconhece sua pequena extensão em cast., limitando às Canárias e a alguma localidade próxima ao galego-português, o que já a 1ª doc. 1846 deixa supor; trata-se, assim, de um étimo sobre o qual há uma hipótese de base comum sem, porém, uma história satisfatória; a cognação port. deve ressaltar a presença viva no Brasil da f. *alpendre*, ademais das f. menos freqüentes na língua em geral de *alpendra*, *alpendrada*, *alpendrado*, *alpendrar*, *alpendroadada*, *alpendroadado*, *alpendroar*, *alpendorada*, *alpendorar*, havendo, sobre as f. com -o- maior dúvida quanto à cognação

Andadura: s.XIV cf.IVPM. Tipo de passo de cavalgadura. Se admite sobre o v.lat. ambulo. Rad.de andado+ura;ver and-.

Arribada: 1602 cf.DA.5- rebanho disperso,fugido; fem.substv.do part.arribado; ver (rib-), rib-
□ elemento de composição

antepositivo, do lat. *rípa,ae* 'margem (em geral de rio); costa, litoral'; antigo, clássico; panromânico, com numerosos der.: romn. *rîpà*, it.ant. *ripa*, it.setentrional (> it.) *riva*, logd. *riba*, engad. *riva*, friul.fr. *rive*, provç.cat.esp.port. *riba*; derivados: it. *rivellino* (> fr. *revelin*, esp. *rebellín*, port. *revelim*); fr. *rivage*, provç. *ribatge* (> it.ant. *rivaggio*), fr. *ribeira* (> it. *riviera*), cat.esp. *ribera*, port. *ribeira*; esp. *vera*, port. *beira*; esp.port. *arriba*, lomb.ant. *derrivar*, esp.port. *derribar*; a co gnacção lat. inclui *ripùla,ae* 'pequena ribanceira', *riparius,a,um* 'que se mantém nas margens', donde *ripariòlus,a,um* 'id.', *ripensis,e* 'vizinho das margens (do Danúbio)'; a co gnacção vern. apresenta vulgarismos (rad. *rib-*) doc. desde as orig. da língua e cultismos (rad. *rip-*) atestados do Renascimento para cá: *arriba*, *arribaça*, *arribaçaõ*, *arriba-coelha*, *arribada*, *arribadeiro*, *arribadiço*, *arribado*, *arribanceirado*, *arribanceiro*, *arribante*, *arribar*; *derriba*, *derribaçaõ*, *derribada*, *derribadinha*, *derribadinhense*, *derribado*, *derribador*, *derribamento*, *derribante*, *derribar*, *derribativo*, *derribatório*, *derribável*; *inderribável*; *revelim*; *riba*, *ribaçaõ*, *ribada*, *ribaduriense*, *ribaldio*, *ribamar*, *ribamareense*, *ribaminhoto*, *ribança*, *ribanceira*, *ribar*, *ribas-rio-pardense*, *ribatejano*, *ribatejense*, *ribatejo*, *ribeira*, *ribeirada*, *ribeirão* (e uma série de comp. com *ribeirão-*), *ribeirar*, *ribeirense*, *ribeiresco*, *ribeirinha*, *ribeirinho*; *ribeirista*, *ribeiro*, *ribeiró*, *ribeironense*; *ripa* 'riba, ribanceira', *ripário*, *ripícola*, *ripuário*
Arriba : latim.1188 cf. *leges*. *Acima*, *para cima*; *a + riba*; *ver rib-*

Armonca: *variação de Almôndega*, ár. *Al-bundqâ*. *bolinha* 1566 MAfon 165.Y

Estambo: *variação de estômago*. Gr. *Stomakhos*,pelo lat. *Stom!chus*, *f.hist.* sXIV *estamago*, sXV *estamago*, sXV *stamago*, sXVI *estomago*.

Enriba: *variação de arriba*. 1188 cf.*leges*. *prep. a com o subst. riba*; *ver rib-* ; *f.hist.* 1188 *ad ribam*, sXIII *arriba*, sXIII *ariba*.

Rib- □ elemento de composição

antepositivo, do lat. *rípa,ae* 'margem (em geral de rio); costa, litoral'; antigo, clássico; panromânico, com numerosos der.: romn. *rîpà*, it.ant. *ripa*, it.setentrional (> it.) *riva*, logd. *riba*, engad. *riva*, friul.fr. *rive*, provç.cat.esp.port. *riba*; derivados: it. *rivellino* (> fr. *revelin*, esp. *rebellín*, port. *revelim*); fr. *rivage*, provç. *ribatge* (> it.ant. *rivaggio*), fr. *ribeira* (> it. *riviera*), cat.esp. *ribera*, port. *ribeira*; esp. *vera*, port. *beira*; esp.port. *arriba*, lomb.ant. *derrivar*, esp.port. *derribar*; a co gnacção lat. inclui *ripùla,ae* 'pequena ribanceira', *riparius,a,um* 'que se mantém nas margens', donde *ripariòlus,a,um* 'id.', *ripensis,e* 'vizinho das margens (do Danúbio)'; a co gnacção vern. apresenta vulgarismos (rad. *rib-*) doc. desde as orig. da língua e cultismos (rad. *rip-*) atestados do Renascimento para cá: *arriba*, *arribaça*, *arribaçaõ*, *arriba-coelha*, *arribada*, *arribadeiro*, *arribadiço*, *arribado*, *arribanceirado*, *arribanceiro*, *arribante*, *arribar*; *derriba*, *derribaçaõ*, *derribada*, *derribadinha*, *derribadinhense*, *derribado*, *derribador*, *derribamento*, *derribante*, *derribar*, *derribativo*, *derribatório*, *derribável*; *inderribável*; *revelim*; *riba*, *ribaçaõ*, *ribada*, *ribaduriense*, *ribaldio*, *ribamar*, *ribamareense*, *ribaminhoto*, *ribança*, *ribanceira*, *ribar*, *ribas-rio-pardense*,

ribatejano, ribatejense, ribatejo, ribeira, ribeirada, ribeirão (e uma série de comp. com *ribeirão-*), *ribeirar, ribeirense, ribeiresco, ribeirinha, ribeirinho; ribeirista, ribeiro, ribeiró, ribeironense; ripa* 'riba, ribanceira', *ripário, ripícola, ripuário*

Aluir ou aluí: *s XV cf. IVPM; lat. F.hist.sXV alloyr, sXV luyr, regionalismo: Brasil, mexer-se, sair do lugar.*

Apiançadu: *orig.onom. sXV cf.fichIVPM, part de apiançar, regionalismo: nordeste do Brasil, Minas Gerais. 1-que sofre de asma; asmático; agoniado. Prov. de piaço, der.de piar, pio+ar*

Apisoado: *latim. 1548 cf.DA. compactar,socar. A-+pisoar; ver pis-; f.hist. 1548 apisoado, 1562 apisoar. Antepositivo,do lat. Pinso, is,pistum, 'pilar (o grão)' etc...*

Apividi: Não encontrado. O miolo da abóbora

Arreda: prov. do lat. *ad rêtro* 'para trás' + *-ar* (suf. verbal); ver *re-*; XIII *arredar*, sXIII *redrar*, sXIV *aradar*, sXV *arrendar*
recuar ou provocar o recuo de; afastar(-se), desviar(-se)

Atarentado: cheio de coisa para fazer. Não encontrado no Houaiss.

Tarefa: certo trabalho que se faz no campo; tarefa sova, surra, tunda.

alt. de *tarefa* ou ár.vulg.*taríha* 'quantidade de trabalho que se impõe a alguém', pelo esp. *tarea* 'tarefa'; f.hist. 1821-1875 *taréa*; a datação é para a acp. 'sova'

Acoitá: *acoitar, latim sXIV cf.IVPM, dar proteção ou amparo a; acolher, agasalhar, esconder(alguém perseguido por infração à lei); favorecer(atos criminosos) a- +coitar ou coutar, viterbo (eluc) registra "forma protética de coitar(coutar),der. Coito (couto) <lat. Cautu"; donde,tb.acoutar, ver caut-; f.hist. sXV acoytar.*

Caut- □ elemento de composição

antepositivo, do v.lat. *cavèò,es,cávi,cautum (cavitum),cavére* 'acautelar-se, tomar cuidado, tomar precauções contra, precaver-se; olhar por, cuidar de, olhar pelos interesses de, tomar providências para; aparar, desviar, furtar-se a (um golpe ou pancada); caucionar, dar uma garantia; regular (por uma lei); prover; dispor em testamento'; antigo, usual; não român.; der. e compostos: *cautus,a,um* 'precatado, circunspecto, prudente; esperto, matreiro; caucionado, afiançado; seguro, certo, protegido', *cautum,i* 'precaução' (friul. *kot*,esp. *coto*,port. *couto*,galg.ant. *couto*), *incautus,a,um* (antônimo de *cautus*), *cautéla,ae* 'cautela, precaução, cuidado, desconfiança; caução, segurança', *cautiò,ónis* 'precaução, cautela; caução, fiança, penhor; promessa, empenho'; *cautor,óris* 'homem precatado; fiador', **cavitáre* (romn. *càutà*,calb. *gavitarè*,siciliano *gavitari*, port. *cavidar*), *discavèò,es* 'acautelar-se bem; guardar-se de', *recavèò,es* (lat. jurídico, raro), *precavèò,es* (frequente e clássico) 'acautelar-se, precaver-se, prevenir-se contra; tomar precauções pela segurança de alguém', donde *praecautiò,ónis* 'precaução'; a cognação vern. está representada por cultismos do sXIV em diante: *acautelabilidade, acautelado, acautelador, acautelamento, acautelar, acautelatório, acautelatório, acautelável; acoutadiço/acoitadiço, acoutado/acoitado, acoutador/acoitador,*

acoutadura/acoitadura, acoutar/acoitar, acouteza/acoiteza, acouto/acoito; caução, caucionado, caucionador, caucionamento, caucionante, caucionar, caucionário, caucionável; cautela, cautelado, cautelamento, cautelar, cautelatório, cauteleiro, cauteloso, cauto; coutar/coitar 'proteger uma propriedade', couto/coito 'refúgio'; desacoutado/desacoitado, desacoutar/desacoitar; desacauteado, desacauteamento, desacautealar; descauteado, descauteado; desprecaução, desprecaver, desprecavido, desprecavimento, desprecavível; imprecaução; incauteza, incauto; precaução, precaucional, precaucionar, precaucioso, precautelar, precautório, precaver, precavido; no sXVI aparece o v. precatar(-se), que, aparentando afinidade morfológica com acatar, catar, desacatar, recatar (ver seus étimos), tem sensível influência semântica de precaver-se

Acuar: 1527. latim cf. GVicum- Regionalismo: Brasil, não sair do lugar, recusar-se a andar (ger. Cavalgadura ou animais de carga); empacar, estacar. A-+cu+ar, há quem postule um lat.vulg. acculare, de culus.

Arage: 1777 ABNv 103 150- vento brando e intermitente. Ar-+agem; f.hist. 1777 arages. Azulêgo: Regionalismo: sul do Brasil. Cavalo com pequenas pintas pretas e brancas.

Baita: 1899.cf.CF.supl. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Muito grande, crescido, corajoso, valente, apreciável, excelente. Orig. Obsc. Segundo Nascente, é voc.expressivo.

Baio: 1043 cf.PMH. que tem cor castanha ou amarelo-torrado. Lat. badius,f.hist. sXIV bayo.

Barrela: 1562 cf.JC. 1- caldo coado de cinzas vegetais, ou de soda, us. Para clarear roupas; cenrada, coada, decoada, lixívia. Orig. controv.; ou barra+-ela, dim.de barra, ou der. De barro+-ela; tem sido tb. Ligado a barrilha; ver barrel-; antepositivo do port.barrela(sXVI), anterior a barrilha (ver barrilh-) antepositivo, do port. Barrilha (esp. Barrilla, que Corominas define 'sosa, espécie de pedra que se hace com las cenizas de la planta llamada barrilla, empleada para fabricar jabón'), não excluindo, porém, a possibilidade de ser de barro (ver barr-), o esp.barrilla é o étimo do port. Barilha (1712).

Bajulado: bajular; latim.1789 cf.MS – adular,lisonjear. Lat. Bajulo,as,are.atum 'levar nos braços' ver bajul- antepositivo, do bajulus,i; 'carregador,homem de fretes,mariola.(de orig.desc.) de seus der. Bajulare e bajoliare(por bajolare), donde, no port., vocábulos sob as f. bajul- e bajoul-, formados no próprio lat. Ou no vern.: abojoujado, abajoujamento,bajoujo,bajulado, bajulador,...

Bandô: Rubrica: decoração.

peça decorativa, rígida, feita de madeira ou substituto, pintada ou coberta de tecido, que arremata a parte superior de portas e janelas, ger. para esconder trilho de cortinas

fr. bandeau do fr.ant. bendel (c1167), dim. formado de bande 'banda, faixa, tira' + -eau; no fr. é de 1676 a acp. 'tira decorativa de remate usada na parte superior de janelas e portas'; cp. bandó; ver ²band-

Barrão: latim, varrão: lat. *vérres, is* 'varrasco, porco por capar, voc. para expr. pej.', der. do v. *verrère* 'levar de rasto, varrer'; alt. -e- > -a- atribuída à infl. da líquida -rr-; var. *barrão*; ver *varr-*; f.hist. sXIII *uerrões*, 1516 *varrão*

Bassôra: Uso: informal. Diacronismo: antigo.

m.q. *vassoura* ('utensílio')

lat. **versoria* der. de *versus*, part.pas. do. v. *verro, is, í* ou *si, versum, verrère* 'arrastar pelo chão, varrer, ajuntar ou apanhar varrendo'; o esp. *escoba* (c1400), it. *scopa* (sXV-XVI) < lat. *scopa* 'vassoura'; ver *escova*; o fr. *balai* (sXII), ing. *broom* (sXV), e o al. *Besen* traduzem o port. *vassoura* e seus correspondentes em esp. e it.; ver *varr-*

Baxuliado: não encontrado.

Beberão: *alimento formado de farinha, raspa de rapadura, água quente ou café quente e pedaços de queijo, todos ingredientes reunidos em um copo. não encontrado no Houaiss. Beber: sXIII cf.IVPM lat.bibo, is, i.*

Bêju: *biju, Culinária. Regionalismo: Brasil. F.hist.c.1698 bijú.cronMar.*

Beçudo: *s XIII. IVPM. Quem tem beijos grossos. Beijo + udo; f.hist. sXIII beyçudo 1562 cf.JC. Orig.controv.; tem sido ligado ao celt. Baykkyon 'boca de lábio grosso'; ver beij-; f.hist. sXIII beijo, sXIII beyço, sXV beco.*

Bitélo: *sXVIII – grande, vistoso. Etimologia. Prov.lat. Vitellus 'vitelo', de área dial. Lusitana. Prov. Como arcaísmo consentâneo como o linguajar da área. Pessoa, animal ou coisa de tamanho avantajado; butelo, brutelo. Rubrica: termo de garimpo.Regionalismo: Centro-Oeste do Brasil, m.q.Xibio('pequeno diamante').*

Bistunto: *Bestunto: antepositivo do lat. Bestia, ae, 'besta'/ê/; termo antigo. 1771cf.CGOp. Uso: informal, pejorativo. Capacidade mental limitada, inteligência curta. Besta/ê/ +-unto; term.que, no caso, tem valor mais expressivo do que referencial; ver best(i)- .*

Bistonto: Regionalismo: Alentejo.

que ou aquele que é atoleimado; apalermado, apatetado

orig.contrv.; para Corominas, prov. voc. expressivo; há contudo as hipóteses de der. do lat. *attonitus, a, um* 'assombrado; estupefacto; espantado' ou do lat. *tontum* < *tondère* 'tosquiar', dado o hábito de rasparem o cabelo dos loucos e delinquentes; a datação é para o subst.

Borlé: *Borla 1532.PLMH 1484. Rubrica: adorno. Obra de passamanaria que consta de uma base(esférica, discóide etc.), pompom, bolota. Lat. Vulg. *burrula, ae 'floco de lã'. Do lat. burra, ae 'lã grosseira'.*

Bodôqui: gr. *pontikón (káruon)* '(noz) pôntica', através do ár. *bunduq* 'noz, avelã, bolota, bala de pedra ou barro para espingarda ou atiradeira', e desenvolvimento de novos signif. p.metf. e p.met.

Brabu: var. de *bravo*, a f. *brabo* (sXVII) tem, ao que parece, conotação pej. que se estende a seus der.; ver *brav-*; f.hist. 1124 *brauo*, sXIII *bravo*, sXIV *brabo* 'corajoso', 1555 *brabo*

Briquitar: 1913 cf. *Pelejar.Regionalismo: Centro-Oeste do Brasil, Minas Gerais, São Paulo.orig. controv.segundo Nascente*

Brioso: ¹*brio* + *-oso*; f.hist. sXIII *brioso*, sXIV *bryoso*
céltico **brígos* 'força, coragem', por infl. do esp. *brio* e do provç. *briu*, de mesmo sentido; ver *brig-*; f.hist. sXIII *brio*, sXIII *briu*, sXIII *bryo*

Butelo: Regionalismo: Norte do Brasil, Centro-Oeste do Brasil.

m.q. **bitelo** ('pessoa', 'animal', 'coisa grande')

prov. lat. *vitellus* 'vitelo', de área dial. lusitana (Meyer-Lübke *vitellus*, it. *vitello*, engad. *vide*, friul. *vidiel*, fr. *veau*, provç. *vedel*, cat. *vedell*, fr. *viau*); semicultismo port., com *-t*-intervocálico não sonorizado e signf. referente ao aspecto dimensional 'grande/pequeno'; *bitelo*, *butelo* e *brutelo*, tidos como brasileirismos, são lusismos enraizados nessas ou em formas anteriores; a f. orig. brasileira deve ser *bitelo*, a f. em *bu-* explica-se por prolongamento fonético vocálico da bilabial inicial e a f. em *bru-* teria infl. formal e semântica de *bruto*; o voc. é registrado em MS¹⁰ e LF (1949) como adj.; Waldomiro Bariani Ortênsio, *Dicionário do Brasil Central*, 2ª ed. (1983), dá as acp. *butelo* 'muito grande, coisa de horror' e (gar) 'xibiu, pequeno diamante'; Edilberto Trigueiros, *A Língua e o Folclore da Bacia do São Francisco* (1977) diz que o adj. *bitelo* 'grande, desenvolvido' aplica-se tanto a pessoas como a coisas e animais; definições e ex. levam a crer, porém, tratar-se de subst. tornado genérico, us. apositivamente junto a subst., para fins magnificantes, prov. como arcaísmo consentâneo com o linguajar da área

Bucadu: *bocado*. 1258cf.P.M.H. *pequena quantidade de algo*. *Boca+ -ado*, ver *boc(a)-*; *bouche*, *proveç.cat.esp.port.boca*; *der.latinos: buccula,ae*.

Boc(a) - □ elemento de composição

antepositivo, do lat. *bucca,ae* 'boca', sinônimo familiar de *os,oris* [ver ²*or(i/o)-*]; no pl. designa sobretudo 'as bochechas, os maxilares'; antigo, usual; panromânico: romn. *bucà*, it. *bocca*, logd. *bukka*, engad. *buoká*, friul. *buke*, fr. *bouche*, provç.cat.esp.port. *boca*; *der.latinos: buccula,ae* 'boca pequena; bocado que se mete na boca; parte do capacete que defende as faces; objeto em forma de bochecha; convexidade do escudo; barra de ferro da catapulta; pl. bochechas', representado nas línguas român.: provç. *bocla*, *bloca* (> it. *borchia*), fr. *boucle* (> romn. *buclà*, it. *bucchio*, *sbrucchio*, venez. *bukolo*, friul. *búkul*, logd. *búkkulu*, cat.esp. *bucle*, esp.ant. *bloca*, port.ant. *broca*), com os der. fr.ant. *bocler*, fr. *bouclier* (> provç. *bloquier*, *broquier*, it. *brocchiere*, *brocchiero*, friul. *brukulir*, esp.port. *broquel*); b.-lat. *buccella,ae* 'boca pequena; bocado pequeno'; *buccelágo,inis*; *buccellarius,ii* 'que come biscoito; soldado a serviço de um particular', *buccelláris,e* 'de biscoito'; *bucco,ónis* 'palrador; estúpido, tolo; boca grande', donde o v. *bucco,as,ávi,átum,áre* 'tagarelar'; **imbuccare* (romn. *îmbuca*, it. *imboccare*, fr. *emboucher*, esp.port. *embocar*); a cognação vern. apresenta vulgarismos doc. desde as orig. do idioma: *aboca*, *abocadada*, *abocadar*, *abocado*, *abocador*, *abocadura*, *abocamento*, *abocanhado*, *abocanhador*, *abocanhamento*, *abocanhar*, *abocar*, *aboco*, *aboquejado*, *aboquejar*, *aboquejo*, *aboquilhado*, *aboquilhar*, *aboquelado*, *aboquelar*; *boca* (e vários comp. com *boca-* como primeiro el.), *bocaça*, *bocada*, *bocadinho*, *bocado*,

bocadura, bocagem, bocaina, bocal, bocalrão, bocalvo, bocanha, bocanhar, bocanheira, bocanho, bocanhudo, bocar, bocarejar, bocarra, bocca-chiusa (it.), bocejado, bocejador, bocejante, bocejar, bocejo, bochecha e derivados (ver **bochech-**); *bocodelicado, bocuda, bocudo; boquiaberto, boquiabrir, boquialvo, boquiardente, boquicheio, boquiduro, boquifendido, boquifranzido, boquifresco, boquilargo, boquilavado, boquimole, boquinegro, boquirrasgado, boquirroto, boquisseco, boquissumido, boquitorto; broca* 'saliência na parte central do escudo', *broquel* (e seus der. *abroquelado* e *abroquelar*); *bucelário, bucle; desabocado, desbocação, desbocado, desbocador, desbocamento, desbocante, desbocar, desbocável; desembocado, desembocador, desembocadura, desembocante, desembocar, desembocável; emboca, emboca-bola, embocada, embocado, embocadura, embocamento, embocar*; os etimólogos não reconhecem a mesma base para os v. *rebocar* 'pôr revestimento' e *rebocar* 'puxar corda ou carro'; ver o rad. culto em **buco-**

Cambito : orig.contrv.; prov. de *camb-* + *-ito*; JM parte de ²*cambar*; há quem veja infl. do it. *gambetta*, dim. de *gamba* 'perna'; cp. ²*gambito*

Gamba: red. de *viola de gamba*, do it. *viola di gamba*; note-se que, ao ser tocado, o instrumento fica em posição vertical, preso entre os joelhos, donde a sua relação com o it. *gamba* 'perna', o qual, por sua vez, deriva do lat.tar. *camba* ou *gamba* 'jarrete de quadrúpede'; ver *camb-*

Cambada:

Regionalismo: Brasil.

grupo de pessoas com alguma característica comum (p.ex., da mesma classe social ou família, ou que têm a mesma função etc.)

orig.contrv.; do lat.tar. *camba,ae* ou *gamba,ae* 'pata dos quadrúpedes, articulação de um membro', prov. tomado pela língua dos veterinários e criadores ao gr. *kampê* 'curvatura'; essa noção está presente no port. *camba*, que designa origin. 'peça curva da roda de veículos'; Nascentes, AGC e JM referem-se, no entanto, a uma raiz *camb-*, de orig celta, porém comentam Ernout e Meillet que esta hipótese não é comprovada (daí porque, segundo esses mesmos autores, não se deve associar *camba* ou *gamba* ao v. *cambiáre* ou *cambíre*); ver *camb-*

Cambota: prov. f.snc. de *cambalhotá*, talvez ligada a *cambalear*; ver *camb-*

□ elemento de composição

antepositivo, do lat.tar. *camba,ae* ou *gamba,ae* 'pata, jarrete do cavalo e, mais comumente, dos quadrúpedes', tomado prov., referem Ernout e Meillet, pela língua dos veterinários e criadores ao gr., onde *kampê* 'curvatura' designa particularmente a 'articulação de um membro', donde it. *gamba*, logd. *kamba*, engad. *kamma*, friul. *gambe*, fr. *jambe*, provç.cat. *camba*; comentam ainda Ernout e Meillet que a hipótese de uma orig. gaul. não é comprovada (daí por que não se deve associar *camba* ou *gamba* ao v. *cambiáre* ou *cambíre*); ocorre em voc. atestados desde as orig. da língua, entre os quais: *acambaiado, acambaiar, acambetado, acambetar, acamboado* 'preso ao cambão', *acamboar* 'prender no cambão', *acambulhado, acambulhar; camba* 'peça curva das rodas de um veículo', *cambada, cambadela, cambado* 'de pernas tortas', *cambaiar, cambaio, cambal, cambaleante, cambalear, cambaleio, cambalhotá, cambalhotada, cambalhotar, cambamento, cambão* 'peça de madeira para prender boi(s) a um carro', *cambar* 'cambalear', *cambeia, cambeira, cambeirada, cambeiral, cambeiras, cambeiro* 'de pernas tortas', *cambeta* 'de pernas tortas', *cambetear, cambicho, cambitar, cambiteira, cambiteiro, cambito, camboada, camboar, cambota; descambação, descambada, descambado, descambar; encambitação, encambitar; engambitar; gamba* 'instrumento

musical', *gambérria*, *gambeta*, *gambeteação*, *gambeteador*, *gambetear*, *gambeteiro*, *gâmbia*, *gambiarra*, *gambito*, *gamboína*, *gambota*; para contraste, ver **camb(i)-** e **chamb-**

Cisma: 1393. cf.ivPM. lat.ecl. *schisma*,àtis, adp. do gr. *skhísma* 'separação, divisão', der. do v. gr. *skhízó* 'separar, dividir, fender'; ver *esquist(o)-* e *esquiz(o)-*; f.hist. 1393 *çisma*, sXV *cisma*, sXV *scisma*

Chispa: orig. onom.; Nasc. sugere orig. onom., com base no ruído da crepitação, interpretação que está em consonância com a de Corominas para o esp. *chispa* (d1580) 'id'

Cheda: cada uma das pranchas que limitam lateralmente um carro de tração animal e onde se encaixam os fueiros; chazeiro

celta **cléta*; cp. fr. *claie* (< b.-lat. **cleta*, nome gaul.) e antigo provç. *cleda*; f.hist. 1813 *chèdas*

Campiá: campo + *-ear*; ver *camp-*

Camp- antepositivo, do lat. *campus*,i 'planície, terreno plano', p.opos. a *mons*,*montis* 'monte, serra', com der. em b.-lat. *campanèus* e *campósus*, donde 'terreno de exercício ou de batalha', p.ex., *campus Martius* 'campo de Marte [deus da guerra]', donde o germ. *kampf* e o der. *campiò*,*ónis* 'combativo, belicoso' (fr. *champion*, it.esp. *campione*); ou 'carreira (abrir um campo de)' no sentido físico e moral; desenvolvendo-se a cultura quase sempre na planície, *campus* tem tb. o sentido rural de 'campo de cultivo' e, tendo-se especializado neste sentido, opôs-se a *plána* 'chã, planície' e a *urbs*, como o campo à cidade; antigo, usual; panromânico: romn. *cîmp*, it. *campo*,logd. *kampu*,engad.friul. *kamp*,fr. *champ*,prov.cat. *camp*,esp.port. *campo*;der. latinos: *campétris* (*ter*),e 'da planície, do campo (de Marte)' (it. *campestre*,fr. *champêtre*,provç.cat. [esp.port.] *campestre*); *campéstris*,adj. confinado à linguagem literária, foi suprido por *campánus*, donde *campanèus*,*nìus* e *campanìa*:it. *campagna* (> fr. *campagne*), engad. *kampaña*,fr. *champagne*,provç. *campanha*,cat. *campanya*,esp. *campaña*,port. *campanha*; *campaniensis*, no pl. *campenses* 'espécie de heréticos', *campósus*, **campaniolus* (fr. *champignon*, port. *cogumelo*);diminutivos de baixa época: *campùlus*, *campellus*, *campicellus*;a cognação port. inclui: *acampado*, *acampamentense*, *acampamento*, *acampar*, *acampo*, *acamponesação*, *acamponesamento*, *acamponesar*; *campão*, *campar*, *campeação*, *campeada*, *campeador*, *campeana*, *campeanada*, *campeão*, *campear*, *campeio*, *campeira*, *campeiraço*, *campeirada*, *campeiragem*, *campeirar*, *campeireada*, *campeirear*, *campeirense*, *campeiro*, *campelevado* (< fr. *champlevé*), *campelevar*, *campelo*, *campense*, *campeonato*, *campereada/campeireada*, *camperear/campeirear*, *campesinado/campesinato*, *campesinho*, *campesino*, *campestrar*, *campestre*, *campestreense*, *campiano*, *campícola*, *campidoctor*, *campimetria*, *campimétrico*, *campímetro*, *campina*, *campinação*, *campinagem*, *campina-grandense*, *campinar*, *campinarana*, *campina-verdense*, *campine* (fr.), *campineiro*, *campinense*, *camping* (ing.), *campinhais*, *campinhal*, *campinhano*, *campino*, *campir* (it.), *campismo*, *campista*, *campístico*, *campo* (vários comp. de *campo-*), *campolina*, *camponês*, *camponesas*, *camponesismo*, *campônio*, *camponisco*, *camposino*, *camposo*, *campus* (lat.); *desacampado*, *desacampamento*, *desacampante*, *desacampar*, *desacampável*; *descampação*, *descampadense*, *descampado*, *descampador*, *descampamento*, *descampante*, *descampar*, *descampatória*, *descampatório*, *descampável*; *encampação*, *encampador*, *encampar*, *encampesinação*, *encampesinado*, *encampesinamento*, *encampesinar*; *escampado*, *escampar*, *escampe*, *escampo*

Chanfrar: orig.contrv.; talvez *chanfro* + *-ar*, considerando-se duv. a orig. do subst. base (ver etim. de *chanfro*); Nasc. propõe o fr. *chanfrer*, voc. que JM diz inexistir nesta língua, acrescentando, porém, que o voc. tem indubitavelmente orig. francesa: “creio tratar-se de der. de *chanfro*, este proveniente do fr. *chanfrein*”; mas, s.v. *chanfro*, o mesmo autor registra, contraditoriamente, “der. regr. de *chanfrar*”; AGC afirma ser incerta a orig. do v. e considera *chanfro* um deverbis; f.hist. 1508 *chanfrado*, a1583 *chanfradas*, 1712 *chanfrar*, 1712 *chanfrâr*, 1858 *xanfrâr*

Caxingano: segundo Nasc., var. de **coxingar* por *coxear*, de *coxo*
lat. *cóxus, i* 'manco'; ver *cox(o)*-

Capenga: Regionalismo: Brasil.
que ou aquele que capenga, puxa da perna; coxo, manco, pernetas

Canguim: Derivação: sentido figurado.

indivíduo avaro, sovina

¹*canga* + *-inha*; ver *cangac-*

□ elemento de composição

antepositivo, segundo A.G. Cunha, de *canga* 'armação de paus para se colocar sobre os tetos de palha; peça de madeira que liga os bois pelo pescoço e os liga ao carro ou ao arado', este do celta **cambica* 'madeira curva' < *cambus* 'curvo'; J.P. Machado, porém, liga-a ao lat. **canica*, fonte de várias pal. port. que se podem relacionar com uma orig. **canicus*, *canica*, constituindo uma verdadeira subfamília de *canis, is* 'cão', donde chega a *canica* para qualificar a cópula desses animais, dada a sua notável peculiaridade, donde *canga*; se nos ativermos a essa fonte de cognação - quer na hipótese de Cunha, quer nesta - limitaremos os cog. a *canga*, *cangaceirada*, *cangaceirismo*, *cangaceiro*, *cangaço*, *cangalha*, *cangalhão*, *cangalheiro*, *cangalheta*, *cangalho*, *cangueiro*, *cangar*; *escangalhação*, *escangalhadeira*, *escangalhado*, *escangalhamento*, *escangalhar*, *escangalho*, sendo *cangaço* só explicável como regressivo de *cangaceiro*

Colerina: cólera + *-ina*; ver *col(e)*-; f.hist. 1899 *cholerina*, 1913 *colerina*

Cotó: acutização expressiva de *coto* /ô/, segundo Nascentes

lat. *cùbitus, i* 'cotovelo' (< **cobto* < **cotto* < *coto* /ô/); divg. de *couto*, *côvado* e *cúbito*); f.hist. 1500 *couto* 'medida antiga de comprimento'

Culiado: colear: pronominal

Estatística: pouco usado.

introduzir-se de maneira sorrateira

¹*colo* + *-ear*

Deradero: lat. **der(r)etrárius* 'último, extremo', der. do lat. *de-* + lat.tar. *retrarius, a, um* (de *retro* 'para trás'); f.hist. sXIV *derradeiro*, sXIV *derradeyro*, sXIV *dirradeyro*

Diacho: 1728cf.RB. uso informal, eufemismo. m.q.Diabo.

Dicuada: vem de Decoado. Regionalismo: Portugal.

água fervida com cinzas, us. na lavagem de tecidos; barrela, lixívia

Derivação: por analogia. Regionalismo: Brasil.

água fervida com cinzas das fornalhas (barrela ou lixívia), us. para livrar de impurezas o caldo da cana nas caldeiras, tornando o açúcar mais forte

fem.subst. do part. *decoado*; ver *coa-*; f.hist. d.sXIV *decoado*, sXV *decoada*; datado a partir do part.

Disbandáio: bagunça.

Desbanda: Regionalismo: Portugal.

o que se encontra à banda, ao lado

Band- □ elemento de composição

antepositivo, como 'senha, sinal', port. *banda* (sXIV), do gót. **bandwa* 'id.' (it. *banda* 'tropa', cat. *banda* 'distintivo militar'), tendo em conta que o port.cast. *banda* 'tropa, multidão' procede do fr. *bande* 'bando' (sXIV), por sua vez do provç.; a f. *banda* como 'bandeira' provém do gót.tar. *manwjan*; há ainda a noção de 'lado de navio' (sXV) e a de 'lado, margem', de 1496 (com a var. *vanda* em 1474, arcaizada) de tal modo imbricadas que, como em outras línguas, é difícil, se não impossível, não admitir para os cog. seu étimo múltiplo ou interinfluyente; eis essa cognação: *abandado*, *abandalhação*, *abandalhado*, *abandalhamento*, *abandalhar*, *abandar* 'reunir em bando', *abandeado*, *abandear*, *abandeirado*, *abandeiramento*, *abandeirar*, *abandejado*, *abandejar*, *abandejo*, *abandidado*, *abandidamento*, *abandidar*; *abandoadado*, *abandoadar*; *banda* 'grupo, facção', *bandado*, *bandalheira*, *bandalhice*, *bandalhismo*, *bandalho*, *bandalhona*, *bandão*, *bandarilha/banderilha*, *bandarilhar/banderilhar*, *bandarilheiro/banderilheiro*, *bandarra*, *bandarrear*, *bandarrismo*, *bandarrista*, *bandear*, *bandeira*, *bandeirado*, *bandeiral*, *bandeirante*, *bandeirar*, *bandeireiro*, *bandeirista*, *bandeiro*, *bandeirola*, *bandeirologia*, *bandeirológico*, *bandeiroso*, *bandeja*, *bandeja-d'água*, *bandejão*, *bandejete*; *bandidismo*, *bandido*, *banditismo*, *bando* (lat.tar. *bandum*, do gót.); *contrabandeabilidade*, *contrabandeado*, *contrabandeador*, *contrabandeante*, *contrabandear*, *contrabandeável*, *contrabandismo*, *contrabandista*, *contrabandístico*, *contrabando*; *debandada*, *debandado*, *debandador*, *debandante*, *debandar*, *debandável*, *debandinha*; *desbanda*, *desbandada*, *desbandalhar*, *desbandar*, *desbandeira*, *desbandeirado*, *desbandeiramento*, *desbandeirar*, *desbando*; *desembandeiração*, *desembandeirado*, *desembandeiramento*, *desembandeirar*, *desembandeirável*; *embanda*, *embandar*, *embandeirado*, *embandeirador*, *embandeiramento*, *embandeirar*; *esbandalha*, *esbandalhado*, *esbandalhamento*, *esbandalhar*, *esbandeiramento*, *esbandeirar*, *esbandulha*, *esbandulhar*

Distibilado: meio doido, fadigado. bile: Derivação: por metonímia.

mau gênio, mau humor; irritabilidade, atrabílis

lat. *bílis, is* 'substância amarga e escura secretada pelo fígado', p.ext. 'mau humor'; ver *bili-*

Disarnar: sair do lugar, animar-se, ir pra luta.

Desainar: segundo Nascentes, prov. *de-* + *saina* (< lat. *sagina* 'gordura', cf. esp. do sXIII *saín* e *sainete*) + *-ar*; dizia-se do falcão que se privava de carne para amansar e adestrar; talvez seja cog. de *sanha*; var. *dessainar*, *desseinar*

□ verbo

Estatística: pouco usado.

transitivo direto

1 adestrar (o falcão), diminuindo-lhe a ração de carne para que perca a braveza

transitivo direto

1.1 Derivação: por extensão de sentido.
domesticar, amansar (animal arisco ou bravio)
intransitivo

2 soltar gritos raivosos, como o falcão privado de carne
transitivo direto e pronominal

3 Derivação: por extensão de sentido.
fazer agitar ou agitar-se, fazer zangar ou zangar-se; agastar(-se)

Discambar : des- + ¹*cambar*; ver *camb(i)-*
orig.contrv., prov. de uma raiz céltica **kamb*, com idéia de 'curvo'; ver *camb-*
camb- □ elemento de composição

antepositivo, do lat.tar. *camba,ae* ou *gamba,ae* 'pata, jarrete do cavalo e, mais comumente, dos quadrúpedes', tomado prov., referem Ernout e Meillet, pela língua dos veterinários e criadores ao gr., onde *kampê* 'curvatura' designa particularmente a 'articulação de um membro', donde it. *gamba*, logd. *kamba*, engad. *kamma*, friul. *gambe*, fr. *jambe*, provç.cat. *camba*; comentam ainda Ernout e Meillet que a hipótese de uma orig. gaul. não é comprovada (daí por que não se deve associar *camba* ou *gamba* ao v. *cambiáre* ou *cambíre*); ocorre em voc. atestados desde as orig. da língua, entre os quais: *acambaiado*, *acambaiar*, *acambetado*, *acambetar*, *acamboado* 'preso ao cambão', *acamboar* 'prender no cambão', *acambulhado*, *acambulhar*; *camba* 'peça curva das rodas de um veículo', *cambada*, *cambadela*, *cambado* 'de pernas tortas', *cambaiar*, *cambaio*, *cambal*, *cambaleante*, *cambalear*, *cambaleio*, *cambalhotá*, *cambalhotada*, *cambalhotar*, *cambamento*, *cambão* 'peça de madeira para prender boi(s) a um carro', *cambar* 'cambalear', *cambeia*, *cambeira*, *cambeirada*, *cambeiral*, *cambeiras*, *cambeiro* 'de pernas tortas', *cambeta* 'de pernas tortas', *cambetear*, *cambicho*, *cambitar*, *cambiteira*, *cambiteiro*, *cambito*, *camboada*, *camboar*, *camgota*; *descambação*, *descambada*, *descambado*, *descambar*; *encambitação*, *encambitar*; *engambitar*; *gamba* 'instrumento musical', *gambéria*, *gambeta*, *gambeteação*, *gambeteador*, *gambetear*, *gambeteiro*, *gâmbia*, *gambiarra*, *gambito*, *gamboína*, *gambota*; para contraste, ver *camb(i)-* e *chamb-*

Discalquiado: não encontrado no Houaiss. Pessoas que está sem foco, sem rumo, preocupado com algo.

Dêca: de- me isso. Entregue-me isso.

Destá: Deixa está!

Espadua: sofrer deslocamento da espádua

espádua + -ar; ver *espad-*

Espádua: lat. *spathula* ou *spatula,ae* 'espátula; ramo de palmeira; espécie de marco em forma de *spatha*; omoplata', dim. de *spatha,ae* 'espada'; ver *espad-*; f.hist. 1192 *spadoam*, sXIII *spadoa*, sXIV *espadoa*, sXIV *espalda*

Espad- □ elemento de composição

antepositivo, do lat. *spatha,ae* 'instrumento de tear, para apertar o tecido; espátula; ramo de palmeira carregado de tâmaras, ramo novo de palmeira; espada larga' (it. *spada*, logd. *ispada*, engad. *speda*, friul. *spade*, fr. *épée*, provç. *espaza*, cat. *espasa*, esp.port. *espada*), der. do gr. *spáthé,és*, pelo lat.vulg. - ver *espat(i/o)-*; ocorre em voc. documentados desde as orig. da língua: *espada*, *espadachim*, *espadachinar*, *espadada*, *espadadeira*, *espadado*, *espadagada*, *espadagão*, *espadagar*, *espadana*, *espadanada*, *espadanado*, *espadanar*, *espadarte*, *espadeirada*, *espadeiro*, *espadim* etc.

Espiculando: Segundo os moradores da região rural de Formosa: aquele que faz pergunta indiscreta, indagar, quer saber de tudo.

Espicular: a respeito da conj. deste verbo, ver *-ular*

Espig- □ elemento de composição

antepositivo, do lat. *spīca, ae*; o lat. teve o dobrete antigo *spīcus*; há tb. um neutro *spīcum* e uma f. rural *speca*; a variação de gên. provém por certo de uma flexão *spīcus*, pl. *spīca*: **1**) 'espiga', propriamente 'ponta', cf. *spicūlum*, aplicando-se, em seguida, a objetos de forma semelhante à espiga, 'vagem', 'tijolo oblongo', *spīca testacèa*, que servia para fazer soalhos que imitavam arranjos como grãos de trigo numa espiga; **2**) Espiga, estrela da constelação da Virgem; antigo, usual, panromânico; as f. român. remontam a *spīca* e *spīcum*, cf. Meyer-Lübke 8145: romn. *spicà*, it. *spiga*, logd. *ispiga*, engad. *spia*, provç.cat.esp.port. *espiga*; derivados: esp. *espiguilla* (> port. *espiguilha*, cat. *espigó*, esp. *espigón*, port. *espigão*, port. *respigar*); *spicàre*: it.ant. *spicare*, it. *spigare*, fr. *épier*, provç.cat.esp.port. *espigar* (e, entre os der. deste, o port. *espigueiro*): Bluteau (1713) registra *espicha* e *espicho*, que devem ser anteriores (embora A.G. Cunha os date de 1813 para toda a cognação de *espicho*); der. latinos: *spicó, -as*, donde *spicátus*; *spicèus* (lat.imp.); **spicárium* 'sementes de trigo'; *spicifer*; *spicilegium*, prov. termo técnico da linguagem rústica: *spicūlum* 'ferro farpado de flecha ou dardo; ponta de dardo', depois 'lança, espinho' (mas o fr. *épieu* provém do germ.) e *spiculus, -a, -um*; *spicūlo, as* 'tornar pontudo'; *spicūla* 'espiguinha, moscada'; *spicósus, spicella*; a esta cognação associa-se a de *spína*; mas, fora do lat., nada há claro; a cognação port. tem um rad. *espig-* culto, um rad. *espig-* vulg., um rad. *espich-* (a aceitar-lhe a cognação), a saber, *espicha, espicha-canivetes, espichadeira, espichadela, espichado, espichal, espichamento, espichão, espichar, espicharete, espicharético, espicharétur, espiche, espicheiro, espichelite/espichelita, espicho; espicífero, espicifloro, espiciforme, espicilégio, espicinardo, espiciondrífico, espícula, espiculado, espicular, espicúlea, espiculífero, espículo; espiga* (vários comp. com o primeiro el. *espiga-*), *espigadiço, espigado, espigador, espigadote, espigaitado, espigaitar, espigame, espigamento, espigão, espigar, espigas, espigatório, espigo, espigoada, espigoado, espigoso, espigue, espigueiro, espiguento, espigueta, espiguete, espigueto, espiguilha, espiguilhado, espiguilhar; respiga, respigadoira/respigadura, respigador, respigadura, respigão, respigável, respigo, respigueira, respigueiro*

Esbirrar: ²*esbirro* + *-ar*

□ verbo

Regionalismo: Brasil.

transitivo direto

pôr esbirro ('escora') em

orig.obsc.; cp. it. ²*sbirro* (1805) mar 'espécie de nó que mantém ligado o poleame a um mastro ou a um cabo', prov. der. de ¹*sbirro* 'guarda-costas, beleguim, policial', porque prende o poleame, como o ¹*esbirro* faz com um prisioneiro

Escanchar: separar ou afastar (as pernas) uma da outra, para montar a cavalo ou sentar-se sobre algo à maneira de quem monta

orig.contrv.; AGC considera obsc. a orig. do voc.; talvez se trate de alt. de *escachar*; há quem afirme que está por *esganchar*, de *gancho*; f.hist. 1516 *escãchado*, a1557 *escanchar*, 1562

escãchar. Gancho: celta **ganskio*, base do irl.ant. *gésca* 'ramo pequeno, galho de árvore'; f.hist. 1522 *ganchinho*, 1562 *gancho*

Estambu: gr. *stómakhos*, ou lit. 'orifício, abertura', daí, 'boca, esôfago, o orifício do estômago, estômago', pelo lat. *stomàchus*, i 'estômago, fig. ira, cólera, indignação'; ver *estom(at)-*; f.hist. sXIV *estamago*, sXV *estamaguo*, sXV *stamago*, sXV *stomago*, sXVI *estomago*

Estrupiadu: machucado. estropiar: prov. it. *estropiare* (a1503) 'id.'
cortar-se ou cortar algum membro a; aleijar(-se), mutilar(-se)

Estivado: Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil.
cheio, completo. part. de ¹*estivar* 'amontoar, carregar'; f.hist. sXIII *estivar*
estiva: it. *stiva* (a1347) 'local da nave no qual é armazenada a carga; carregamento; fundo interno da embarcação', regr. de *stivare* 'amontoar, estivar'; ver *estip-*; f.hist. sXV *estiba*

Escrafunchar: remexer em, ger. à procura de alguma coisa
lat. **scariphunculáre*, do lat. *scarífus* ou *scaríphus*, i 'instrumento cirúrgico para escarificar, sarjar; lanceta, bisturi', num dim. **scarifunculum* ou **scariphunculum*, donde o v.
escafandrar: investigar profundamente (algo); mergulhar num assunto (como um escafandrista); esmiuçar.

Embuçucado: part. de *embuçar*; em- por ¹*en-* + *buço* + *-ar*; ver *boc(a)-*; f.hist. sXV *embuçado*, 1540 *embuçar*
ver *boc(a)-*
embuçado.
que se embuçou
com o rosto tapado, deixando de fora apenas os olhos
Derivação: por extensão de sentido.
coberto com capa, capote ou similar
Derivação: por analogia.
que está disfarçado; encoberto, oculto

Embutido: aquele que se entromete em conversas alheias. orig obsc.

Embuste: mentira artilosa; logro, embustice, embusteirice
Embusteiro: embuste + *-eiro*; f.hist. 1709 *embustteiro*

Empanzinado: que se empanzinou. part. de *empanzinar*; ver *empanz-*
Empanz- □ elemento de composição
antepositivo, do port. *empanzinar* e derivados, sobre cuja form. há controvérsia: se de *pança*, se de *pão*; Silveira Bueno, citado por J.P. Machado, deriva-o de *pança*, posição tb. de A.G. Cunha, mas o próprio J.P. Machado declara que a primeira significação da pal. seria 'encher de pão'; na verdade, de *pança* (mesmo que sob influxo do esp. *panza*), o port. *empanzinar* teria o *-z-* dificilmente explicável, enquanto como der. de *pão* (na f. átona *pan-*) a consoante *-z-* de ligação é de regra (*panzaria/pãozaria*, *panzeiro/pãozeiro*); a alternância gráfica não parece alterar a natureza verb., donde *empanzinadela*, *empanzinado*, *empanzinador*, *empanzinamento*, *empanzinar*; note-se que Gonçalves Viana (*Voc.*) registra apenas *panzaria* e *panzeiro*, sem alternativas

Entufado: part. de *entufar*; ver *tif(o)-*; f.hist. 1817-1819 *entufar*. ¹*en-* + port.ant. *tufu* (<lat.vulg. *tufu*, do lat. *typhus*, 'intumescimento, inchação; orgulho' <gr. *tuphos*) + *-ar*, cp. ¹*tufar*; ver *tif(o)-*

□ adjetivo

que se entufou

que aumentou de volume, que está inchado

Regionalismo: Brasil.

que sente amuo, enfado; amuado, zangado

Estanhado: lat. *stagnum* 'estanho', forma antiga e clássica, prov. gaul., coexiste com o lat. *stannum*, vulgarização da época clássica muito usada na Idade Média, que é a origem do port. *estanho*, do sXIV, esp. *estaño*, c1250, it. *stagno*, do sXIII, fr.ant. *estain*, do sXII, fr. mod. *étain*; a possível fonte gaulesa da palavra liga-se à afirmação de Plínio (23-79 d.C) que diz ser a estanhadura invenção daquele povo; o ing. *tin*, do sIX, al. *Zinn*, hol. *tin*, sueco *tenn* são de origem teutônica; ver *estanh-*; f.hist. sXV *stanho*

Estanh- □ elemento de composição

antepositivo, do lat. *stagnum* ou *stannum*, *i* 'liga de prata e de chumbo; estanho (acp. mais tardia)', emprt. de orig. incerta só atestado a partir de Plínio (sI); a f. *stagnum* é mais bem doc. do que *stannum* e confirmada pelas línguas român.: it. *stagno* (> logd. *istañu*), engad. *stañi*, *steñ*, fr. *étain*, provç. *estanh*, cat. *estany*, esp. *estaño*, port. *estanho*; der. latinos: *stagnèus* ou *stannèus*, *a,um* 'de estanho', o v. *stagno*, *as,ávi,átum,áre* 'cobrir de estanho, soldar', *stagnátor*, *óris* 'estanhador'; a cognação vern. apresenta o rad.vulg. *estanh-* (doc. desde o sXIII) e o rad. culto *estan-* (voc. da terminologia química e mineralógica, de fins do sXIX em diante): *desestanhado*, *desestanhador*, *desestanhagem*, *desestanhante*, *desestanhando*, *desestanhável*; *estanhado*, *estanhador*, *estanhadura*, *estanhagem*, *estanhamento*, *estanhante*, *estanhando*, *estanharia*, *estanhável*, *estanhadeira*, *estanhete*, *estanhodietilo*, *estanhometilo*, *estanhopéia*, *estanhoso*, *estanhodietilo*, *estanhodietilo*; *estanato*, *estânico*, *estanífero*, *estanina*, *estanita*, *estanito*, *estanodietilo*, *estanoetilo*, *estanolita*, *estanometilo*, *estanopéia*, *estanoso*, *estanodietilo*, *estanodietilo*

Feche: não encontrado no Houaiss.

Feição: sXIII cf. *fich IVPM*. *Configuração física; aparência, apecto,feitio*. Lat. *factio*. F.hist. sXIII *faiçon*, sXIX *feição*.

Fiá: confeccionar (tecido, trama) com fios. lat. *fílo*, *as,ávi,átum,áre* 'fiar, fazer em fio, entrelaçar fios'; ver *fí(l)-*

Fuá : Regionalismo: Brasil.

que age com valentia; valentão

bagunça, orig obsc.

Fuminar: procurar algo, descobrir algo. Não encontrado no Houaiss.

Fumigar: provocar vapor, fumaça, gás etc.

lat. *fumigo*, *as,ávi,átum,áre* 'id.', de *fúmus*, *i* 'fumo, fumaça, vapor' + rad. do v.lat. *agère* 'levar, conduzir'; divg. de *fumegar*; ver *fum-*

Fuminanu: está procurando algo. Não encontrado no Houaiss.

Gaitada: Regionalismo: Norte do Brasil, Nordeste do Brasil, Minas Gerais, Goiás, Açores.
Uso: informal. risada ruidosa; gargalhada.

gaita + *-ada*; ver *gait-*

gait- □ elemento de composição

antepositivo, der. prov., segundo Corominas, do gót. *gaits* 'cabra' (cf. ing. *goat*), "porque el fuelle de la gaita se hace de un pellejo de este animal"; observa ainda o mesmo autor que o esp. *gaita* (de meados do sXIV), é "Voz oriunda del castellano y el gallego portugués, extendida desde la Península Ibérica por el África hasta Turquía y el Oriente europeo."; em port., *gaita* é atestado em 1534, mas, como pondera J.P. Machado, "é provável que o voc. seja mais antigo, pois, como antr., o der. *gaiteiro* já aparece em 1390"; a cognação vern. inclui *agaitado*, *agaitar*; *gaitada*, *gaita-de-beiços*, *gaita-de-boca*, *gaita-de-capador*, *gaita-de-fole(s)*, *gaitado*, *gaita-galega*, *gaitar*, *gaitas*, *gaitear*, *gaiteira*, *gaiteirada*, *gaiteirice*, *gaiteiro*, *gaitejo*, *gaitona*; *engaitado*; é provável que em *entupigaitado*, *entupigaitação*, *entupigaitar*, *entupigaitador*, *entupigaitamento* haja a base de *gaita*; ver *entup-*

Gambira: ¹*gamba* + *-ista*; ver *camb-*

Gamba: red. de *viola de gamba*, do it. *viola di gamba*; note-se que, ao ser tocado, o instrumento fica em posição vertical, preso entre os joelhos, donde a sua relação com o it. *gamba* 'perna', o qual, por sua vez, deriva do lat.tar. *camba* ou *gamba* 'jarrete de quadrúpede'; ver *camb-*

Camb- antepositivo, do lat.tar. *camba,ae* ou *gamba,ae* 'pata, jarrete do cavalo e, mais comumente, dos quadrúpedes', tomado prov., referem Ernout e Meillet, pela língua dos veterinários e criadores ao gr., onde *kampê* 'curvatura' designa particularmente a 'articulação de um membro', donde it. *gamba*, logd. *kamba*, engad. *kamma*, friul. *gambe*, fr. *jambe*, provç.cat. *camba*; comentam ainda Ernout e Meillet que a hipótese de uma orig. gaul. não é comprovada (daí por que não se deve associar *camba* ou *gamba* ao v. *cambiäre* ou *cambíre*); ocorre em voc. atestados desde as orig. da língua, entre os quais: *acambaiado*, *acambaiar*, *acambetado*, *acambetar*, *acamboado* 'preso ao cambão', *acamboar* 'prender no cambão', *acambulhado*, *acambulhar*; *camba* 'peça curva das rodas de um veículo', *cambada*, *cambadela*, *cambado* 'de pernas tortas', *cambaiar*, *cambaio*, *cambal*, *cambaleante*, *cambaleiar*, *cambaleio*, *cambalhota*, *cambalhotada*, *cambalhotar*, *cambamento*, *cambão* 'peça de madeira para prender boi(s) a um carro', *cambar* 'cambaleiar', *cambeia*, *cambeira*, *cambeirada*, *cambeiral*, *cambeiras*, *cambeiro* 'de pernas tortas', *cambeta* 'de pernas tortas', *cambetear*, *cambicho*, *cambitar*, *cambiteira*, *cambiteiro*, *cambito*, *camboada*, *camboar*, *camбота*; *descambação*, *descambada*, *descambado*, *descambar*; *encambitação*, *encambitar*; *engambitar*; *gamba* 'instrumento musical', *gambérria*, *gambeta*, *gambeteação*, *gambeteador*, *gambetear*, *gambeteiro*, *gâmbia*, *gambiarra*, *gambito*, *gamboína*, *gambota*; para contraste, ver *camb(i)-* e *chamb-*

Gavá: uso informal, Gabar: enaltecer as qualidades de; louvar, celebrar; incensar
f.hist. a1858 *gavár*

orig.contrv.; muitos o tomam do fr. *gaber* (1100) 'zombar, escarnecer', der. de *gab* 'zombaria, escárnio', este, por sua vez, do ant. nórd. *gabb* 'escárnio'; para JM e Nasc.; é prov. que o voc. tenha chegado ao port. não do fr. *gaber*, mas do provç. *gabar*, de mesmo sentido

Garitó: caixa grande feita de madeira para guardar arroz. Não encontrado no Houaiss.

Gasapiá: roubar ou pegar algo escondido. Não encontrado no Houaiss.

Grimpa ou Copa (árvores): segundo A.G. Cunha e JM, prov. regr. de *grimpar*, embora as datas encontradas não corroborem tal hipótese; ver *grimp-*; f.hist. 1537 *grinpa*

Grimp- □ elemento de composição

antepositivo, prov. do fr. *grimper* 'trepar, subir, elevar-se com o auxílio das mãos e dos pés, estender-se progressivamente para cima', f. nasalizada de *gripper* - ver ¹*grip-*; ocorre em vocábulos do sXIX em diante (salvo *grimpa*, doc. desde o Renascimento): *desengrimpado*, *desengrimpar*, *desengrimpinado*, *desengrimpinar*, *desengrimponado*, *desengrimponar*; *engrimpado*, *engrimpar*, *engrimpinado*, *engrimpinar*; *engrimponado*, *engrimponar*; *grimpação*, *grimpado*, *grimpador*, *grimpagem*, *grimpamento*, *grimpante*, *grimpar*, *grimpo*; para as f. desnasaladas, ver ²*grip-*; ver tb. *garimp-*

Rubrica: termo de marinha.

nas embarcações, bandeira pequena ou placa de metal ou de outro material, que se coloca no topo do mastro a fim de indicar a direção do vento

Derivação: por extensão de sentido.

o ponto mais alto de uma edificação; cocuruto, cume

Derivação: por extensão de sentido.

a ponta, o cume de qualquer coisa

Ispía: Regionalismo: Brasil. olhar, ver.

prov. do gót. *spathôn*; há quem veja a orig. no a.-al.ant. *speha* 'observação atenta' (o frânc. apresenta um v. **spehôn* 'observar'), der. de uma raiz indo-européia, **spec-* 'olhar com atenção, contemplar, observar', com provável interveniência do fr. *épier* (1155 sob a f. ant. *espier*) 'observar atentamente; tentar descobrir alguma coisa, (1160-1174) observar atenta e secretamente (uma pessoa ou um animal), este do ant. baixo frânc. **spehôn* 'observar atentamente'; JM e AGC derivam de ¹*espia*; ver ¹*espi-*; f.hist. sXV *spyar*

Ispiticado: não encontrado no dicionário Houaiss. Cortado em vários pedaços, algo jogado ou distribuído por uma grande área.

Espicaçado: part. de *espicaçar*; ver *pic-*; f.hist. 1713 *espicaçar*, 1813 *espicaçado*

Espicaçar: orig.contrv.; Nascentes deriva de *pico*, este, segundo ele, regr. de *picar*; JM e AGC preferem derivar diretamente de *picar*; ver o que se diz em *pic-* e na term. *-açar*

Pic- elemento de composição

antepositivo, do lat.vulg. **piccáre* - form. expressiva do lat. *pícus,i* 'picanço (ave), grifo (ave fabulosa)', em alusão aos golpes empregados por essa ave -, que, com o redobro expressivo do *-cc-* significou 'ferir ou furar com objeto pontiagudo ou perfurante, moralmente espicaçar; ferir ou morder com o bico ou o ferrão' (sXIV); a cognação port. inclui *espicoiçar/espicoçar*; *pica-amoras*, *pica-boi*, *pica-bois*, *pica-burro*, *pica-chouriços*, *picada*, *picadão*, *picadeira*, *picadeiro*, *picadelo*, *pica-del-rei*, *picadense*, *picadete*, *picadilho*, *picadinhense*, *picadinho*, *picado*, *picadoiro/picadouro*, *picador*, *picadora*, *picador-sugador*, *pica-figo*, *pica-flor*, *pica-folha*, *pica-fumo*, *picagem*, *picamento*, *pica-milho*, *pica-nariz*, *picanca*, *picança*, *picancilha*, *picancilho*, *picanço*, *picanço-bacoreiro*, *picanço-real*, *picancudo*, *picanear*, *picanha*, *picantaria*, *picante*, *picão* (e diversos comp. com *picão-* como primeiro el.), *pica-osso*, *picãozeira*, *pica-pau*, *pica-pauzinho*, *pica-peixe*, *pica-polho*, *pica-ponto*, *pica-porco*, *pica-porta*, *picar*, *picareta*, *picaretagem*, *pica-triga*, *pico*, *picoso*, *picotador*, *picotadora*, *picotagem*, *picotar*, *picote* 'seqüência de pequenas perfurações', *pique* 'pequeno corte', *piqueiro*, *piqueta*, *piquetar*, *piquete*, *piquetear*, *piqueteiro*; *espicaçar*, tido como der. de *picar* por vários etimólogos, mas com ausência de motivação, donde *espicaçadela*, *espicaçado*, *espicaçador*, *espicaçamento*, *espicaçante*, *espicaçável*, *espicaçoar*; *repicada*, *repicado*,

repicador, repicadora, repicagem, repica-ponto, repicar, repique, repiquetar, repiquete; diretamente do lat. *pícus, i* ocorrem os cultismos *pícida, picídea, picídeo* e *piciforme* 'relativo aos piciformes'; para contraste, ver *pic(i/o)-* e *pisc(i)-*

Imbirrado: insistir com obstinação ou enfado; teimar

em- por ¹*en-* + *birrar*

esp. e leonês *birria* < prov. lat.vulg. **verrèa* de *verres, is* 'porco não capado, barrão', com evolução de sentido para 'capricho, teimosia' pelas características do animal.

Esbirrar:

□ verbo

Regionalismo: Brasil.

transitivo direto

pôr esbirro ('escora') em

orig.obsc.; cp. it. ²*sbirro* (1805) mar 'espécie de nó que mantém ligado o poleame a um mastro ou a um cabo', prov. der. de ¹*sbirro* 'guarda-costas, beleguim, policial', porque prende o poleame, como o ¹*esbirro* faz com um prisioneiro

Indez: lat. *indicii* (*sc. ovum*) 'ovo de chamariz', genit. sing. de *indicium, ii* 'sinal, indicação, denúncia, acusação'; ligado ao v. *indíco, is, díxi, dictum, ère* 'dar a saber, anunciar, denunciar'; cp. *indício*; ver *diz-*

Diz- □ elemento de composição

antepositivo, conexo com o lat. *dix, dicis* fem., *dex, dicis* masc. e com os v.lat. *díco, is, dixi, dictum, dicère* e *dico, as, ávi, átum, áre, f.* alternantes da raiz **deik-/dik* 'mostrar'; o osco e o úmbrio têm igualmente essa alternância; o parentesco com o gr. (v. *deiknumi* 'mostrar, fazer ver, fazer conhecer' e subst. *díké* 'costume, uso, direito, justiça') foi visto pelos latinos; 1) **dix* subst. fem., nome de ação, só us. na ant. fórmula jurídica e religiosa *dicis causa* ou *dicis gratia* 'por causa da fórmula', donde 'por maneira de dizer, pela forma'; 2) *dex, dicis* masc., nome de agente, us. como segundo el.comp. (conforme *-spex, -ceps, -fex* em *index, icis; judex, icis, vindex, icis; index* 'o que mostra, o que indica' (que serviu em particular para designar um dedo da mão, 'o que serve para mostrar', donde *indicium, indicáre*: it. *endice*, port. *endez*; port. *inçar*; *indicíva* 'preço de uma denúncia'; *judex, icis* 'o que mostra o direito, o juiz' (ver *jur-*), donde *judicium, judicáre* (romn. *judet*, it. *giudizio*, fr.ant. *juis(e)*, provç. *judici*, cat. *juhí*, esp. *juicio*, port. *juízo*; romn. *judeca*, it. *giudicare* [> logd. *dzudigare*], fr. *juger*, provç.cat. *jutjar*, esp. *juzgar*, port. *julgar*); *vindex, icis* 'garante, que reivindica, vingador', donde *vindiciae, vindicáre* (romn. *vindeca*, it. *vendicare* [> engad. *svendiker*, friul. *zvindikasi*], fr. *venger* [> cat. *venjar*], provç. *venjar*, esp. *vengar*, port. *vingar*); *díco, is, díxi, dictum, dicère* 'dizer', us. em todas as épocas; panromânico: romn. *zice*, it. *dire*, engad. *dir*, friul. *di*, fr.provç. *dire*, cat. *dir*, esp. *decir*, port. *dizer*); o v. *dicère*, que significa 'mostrar' nas outras línguas conexas, especializou-se em lat. no sentido de 'mostrar, fazer conhecer pela palavra, dizer'; *abdíco, is* 'recusar-se a reconhecer', cujo contrário é *addíco, is* 'julgar, concordar'; *condíco, is* 'concluir um arranjo', donde *condictio, ónis* 'acordo das partes em fixar dia em presença do magistrado para comparecerem diante do juiz'; *condicticius; edíco, is* 'proclamar um édito, publicar, ordenar', donde *edictum, i* 'edito'; *indíco, is* 'proclamar, declarar, impor'; *indictio, ónis* 'ação de *indicère*'; *interdíco, is* 'interdizer'; *praedíco, is* 'predizer, fixar com antecedência; recomendar ou ordenar, advertir'; *prodíco, is* 'fixar com antecedência, diferir, adiar'; *benedíco, is* 'pronunciar palavras de bom augúrio', *maledíco, is* 'pronunciar palavras de mau augúrio' (donde *benedícens, entis, benedictum; maledícens, entis; maledictum*); *díco, as* 'dizer solenemente, proclamar'; na linguagem religiosa, 'assumir um compromisso solene, dedicar, consagrar'; *dicatio, ónis* 'declaração formal pela qual alguém se engaja a fazer-se cidadão de uma cidade'; *dicátor; abdíco, as* 'recusar-se a reconhecer', donde

'excluir da família, deserdar'; **addico,as, dedico,as* 'consagrar aos deuses em termos solenes, declarar solenemente', daí, na linguagem comum, 'declarar, indicar'; *dedicatio, dedicativus; praedico,as* 'proclamar, publicar', depois 'gabar', na língua comum 'anunciar' e, por enfraquecimento, 'dizer'; na linguagem da Igreja, 'pregar' (it. *predicare*, genovês ant. *prichar*, logd. *preigare*, fr.ant. *preechier*, fr. *prêcher*, provç. *prezicar*, esp. *predicar*, port. *pregar*); *praedicatio, praedicátor, praedicativus* 'afirmativo, denunciativo'; *indíco, judíco, vindíco* servem de v. denominativos para *index, judex, vindex; indicariùs, diciò,ónis*, termo de direito, 'palavra, fórmula de ordem, de comando', donde 'comando, autoridade'; *condiciò,ónis* 'fórmula de entendimento entre duas pessoas, condição fixada reciprocamente; arranjo, pacto, condição, convenção, esp. de casamento', donde 'partido', 'situação resultante de um pacto e, em geral, situação, condição', não raro, pejorativo, donde o sentido de 'escravidão', na linguagem da Igreja; *condicionális,e* termo técnico da gramática e do direito: 'condicional; de escravo', substv. 'escravo', na linguagem da Igreja; *dicus,a,um* adj. e *-dicusí* subst.masc.: segundo el.comp.: *causidicus* 'advogado', *juridicus* 'relativo à justiça, jurídico'; *fatidicus* 'fatídico'; *veridicus* 'verídico'; *maledicus* 'maldizente'; *dicax* 'zombador, pilheriador'; *dicacitas* 'pilhéria', *dicaculus* 'brincalhão, mordaz'; *dictio,ónis* 'fato de dizer' (raro e tardio); *dictúra* 'o que foi dito'; *dicteria,órum* neutro pl. 'pilhérias', raro; *dicto,as*, freqüentativo e intensivo de *dico* 'dizer em voz alta, repetir, ditar'; *dictáta* neutro pl.; *dictátum; dictámen; dictatio; dictito,as* 'dizer repetidamente, repetir'; a *dictáre* se ligam etimologicamente *dictátor* 'ditador', donde *dictátúra, dictatorius*; a coação port. é rica de vulgarismos e cultismos: *abdicabilidade, abdição, abdicacionismo, abdicacionista, abdicacionístico, abdicado, abdicador, abdicante, abdicar, abdicatório, abdicativo, abdicatório, abdicatriz, abdicável; abença, abenção, abênção, abençoadeira, abençoadeiro, abençoado, abençoador, abençoamento, abençoante, abençoar, abençoável, abendiçoado, abendiçoante, abendiçoar; acondicionabilidade, acondicionação, acondicionado, acondicionador, acondicionamento, acondicionar, acondicionável, acondiçoado, acondiçoador, acondiçoar; adicar, adicente, adicto, aditar* 'tornar ditoso'; *amalçoar, amaldiçoado, amaldiçoador, amaldiçoar; bênção, benção, bendição, bendicionário, benção/abendiçoar, bendidela, benditismo, benditista, bendito, bendizente, bendizer, benção, benedicionário, benédite, benedí(c)tia, benedita, beneditense, beneditinense, beneditino, benedicionário/benedicionário, beneditismo, beneditista, benedito; benedicência, benedicentíssimo, benédico; benzer e derivados (ver **benz-**); *causídico; condição (condiçõ 1288, condiçã e condição já no XV), condiceiro, condicente, condiciar, condicionabilidade, condicionado, condicionador, condicional, condicionalidade, condicionalismo, condicionalista, condicionalístico, condicionamento, condicionante, condicionar, condicionável, condiçoar; condizente, condizer, condizibilidade, condizível; contradita, contraditado, contraditador, contraditante, contraditar, contraditável, contradito, contraditor, contraditória, contraditório, contradizador, contradizente, contradizer, contradizível; dedica, dedicabilidade, dedicação, dedicado, dedicador, dedicante, dedicar, dedicatório, dedicatório, dedicável; descondicionar; desdichado; desdita, desditado, desdito, desditoso, desdizador, desdizente, desdizer, desdizimento, desdizível, desindicação, desindicado, desindicar, desindicável; desindiciação, desindiciado, desindiciador, desindiciamento, desindiciante, desindiciar, desindiciável; dicação, dicacidade, dicacídeo, dicacíssimo, dicáculo, dicaz, di(c)ção; dicha, dichote, dichotesco; dicionariação, dicionariado, dicionarizar, dicionariável, dicionário, dicionariófilia, dicionariófilo, dicionarístico, dicionarizado, dicionarizador, dicionarizar, dicionarizável, dictriz, dictum (lat.), di(c)tério, di(c)tura, disse-me-disse, disse-não-disse, disse-que-disse, ditabilidade, ditado, ditador, ditadura; ditafonia, ditafônico, ditafono/ditafone, ditame, ditar, ditatorial, ditatorialismo, ditatorialista, ditatorialístico, ditatório, ditável, diteiro, ditinho, dito, dito-cujo, ditografia, ditográfico, ditologia, ditológico, ditoso, ditote; dixé, dixé-me, dixé-me-dixé; dizedela, dizedor, dizente, dizer (dico > digo, dicis > dizes, dicit > diz, dicimus**

> *dizemos, dicitis* > *dizedes* > *dizeis, dicent* > *dizem*; *dixi* > *disse*, donde *dissera, dissesse, disser*; *dictu(m)* > *dito*), *dizonho, diz-que, diz-que-diz, diz-que-diz-que, dize-tu-direi-eu, dizível*; *endecha, endechador, endechar, endechoso, edital* 'relativo a edito', *edito*; *endez/indez*; *fatídico*; *impredicatividade, impredicativo*; *inçar*; *incondicionabilidade, incondicionado, incondicional, incondicionalidade, incondicionalismo, incondicionalista, incondicionalístico, incondicionável*; *indicação, indicado, indicador, indicante, indicar, indicatário, indicatividade, indicativo, indicator, indicatorídeo, indicatorínea, indicatório, indicatriz, indicação, índice, indicição, indiciado, indiciador, indiciamento, indiciante, indiciar, indiciário, indícias, indiciativo, indicificação, indicificar, indício, indicionarizado, indicionarizável, indicioso, indicível/indizível, indictado, indictibilidade, indictivo, indículo*; *malcondizer, maldição, maldiciente, maldiçoar, maldita, maldito, malditoso, maldizador, maldizente, maldizer*; *maledicência, maledicente, maledicentíssimo, maléico*; *perdita, prédica, predicabilidade, predicação, predicado, predador, predical, predicamental, predicamentar, predicamento, predicante, predição, predicar, predicativo, predicatório, predicável, predito, preditor, predizer, predizibilidade, predizível*; *pregação* (no sentido de 'predicar', não conexo com *pregar* [< lat. *plicare*] 'pôr prego'), *pregado, pregador, pregamento, pregante*; para *pregão* e derivados, ver **prego(a)-**; *prodição, pródico, pródigo, proditor, proditório*; *recondicionado, recondicionador, recondicionamento, recondicionante, recondicionar, recondicionável*; *veracidade/veridicidade, verídico*; *vindicar* e derivados, ver **vindic-**

Vindic- □ elemento de composição

antepositivo, do lat. *vindex,icis* 'caução (em juízo), abonador, fiador; defensor, patrono, advogado, protetor; vingador', cujo segundo el., aparentado a *dicere* (ver **diz-**), é o mesmo que se encontra em *judex,icis*; a cognação lat. inclui o v. *vindico,as,ávi, átum,áre* 'reclamar (em juízo), reivindicar (em juízo), reclamação, usurpação; defesa, proteção; vingança, punição, castigo'; panromânico: romn. *vindeca*, it. *vindicare* (> engad. *svendiker*, friul. *zvindikasi*), fr. *venger* (> cat. *venjar*), provç. *venjar*, esp. *vengar*, port. *vingar*; *vindicátus,a,um* (part.pas. de *vindicáre*) 'libertado, salvo; arrogado, usurpado; punido, castigado; vingado', *vindicta,ae* 'varinha com que o lictor tocava a cabeça do escravo enquanto o pretor pronunciava a fórmula de alforria; defesa, proteção; vindita, castigo, punição', *vindicia,ae* 'causa em litígio perante o pretor; ação de dar andamento a uma causa posta em litígio; pedido de posse provisional de uma coisa que está em litígio; reclamação em juízo'; a cognação vern. desenvolve-se desde as orig. da língua, apresentando rad. cultos, semicultos e vulg.: **1**) rad.vulg. *ving-* (sXIII): *vinga, vingação, vingado, vingador, vingamento, vingança, vingante, vingar, vingativo, vingável, vingue; desvingado; revingado, revingar*; **2**) rad. culto *vindic-* (sXVI): *vindicação, vindicado, vindicador, vindicamento, vindicante, vindicar, vindicativo, vindicável, vídice, vindícia, vindi(c)ta; revindi(c)ta*; **3**) rad. semiculto *reivindic-* (sXVI): *reivindicabilidade, reivindicação* (do lat.jur. *rei vindicatio* 'reclamação de uma coisa', alterado por influxo do pref. *re-*), *reivindicado, reivindicador, reivindicamento, reivindicante, reivindicar, reivindicativo, reivindicatório, reivindicável* (as f. *reivindicado, reivindicador* e *reivindicar*, esta doc. na flexão *reivindiquemos*, no sXVI, em Duarte Nunes de Leão, são tidas como não-preferenciais); **4**) rad. semiculto *revanch-* (sXX): *revancha/revanche* (< *revanche*, sXVI, do fr.ant. *revancher*, de *vencher*, do v.lat. *vindicáre*), *revanchismo, revanchista, revanchístico*

Ixalô: dissipar-se ao tornar-se volátil; evaporar-se.

Exalar: lat. *exhálo,as,ávi,átum,áre* 'id.'; ver *hal-*

Hal- □ elemento de composição

antepositivo. do v.lat. *hálo,as,áre* 'assoprar, bafejar, respirar, exalar', o qual, ensinam Ernout e Meillet, "não parece atestado no *perfectum*: os der. *halitus,halito* supõem talvez um perfeito

**halùì*, um supn. **halitum*, mas são mais prov. cunhados segundo o modelo de *spíro,spírìtus; exhalávi,exhalátum* devem ser recentes"; a coação lat. inclui *halitus,us* 'sopro, bafo, hálito, exalação, vapor, emanação', o v.freq. *halito,as,ávi,átum,áre* 'deitar cheiro, exalar', *exhálo,as* 'exalar, assoprar, bafejar; expirar, falecer', *exhalatìo,ónis* 'exalação', *inhálo,as* 'soprar, bafejar sobre; exalar', lat.tar. *inhalatìo,ónis* 'ação de introduzir um aroma', lat.imp. *inhalátus,a,um* 'alcançado por um sopro'; a coação vern. data do Renascimento para cá: *exalação, exalado, exalante, exalar; halitar, hálito, halitose; inalção, inalado, inalador, inalante, inalar, inalatório*

Jofá : que sai ou aparece na superfície de algo.não encontrado no Houaiss.

Gofrar: fr. *gaufre* (1565) 'imprimir em tecido, couro ou papel, motivos ornamentais em relevo', (1947) 'fixar', de *gaufre* (c1185)

Gofrado: □ adjetivo

que se mostra com a superfície em relevo pelo processo de gofragem

Jambrô: não encontrado no Houaiss.

Japona: Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: vestuário.

agasalho esportivo, de lã grossa ou tecido sintético, de feio semelhante ao da japona (acp. substv. de *japona*, fem. ant. de *japão* ('japonês'), este sob a f. rad. *japon-* com desenvolvimento de consoante nasal dental + *-a*, desin. de fem.; segundo Nascentes, a acp. 'alcunha dos portugueses' se deve ao fato de os imigrantes usarem *japonas*

Labuta: orig.obsc.; ger. considerada cog. de *laborar, lavrar*; AGC lembra prov. cruzamento com *luta*; f.hist. 1450-1516 *labytar*, c1560 *labuta*, a1583 *lavutão* trabalho árduo e penoso, lida, cansada

Ladino: lat. *latínus,a,um* 'latino'; divg. vulg. de *latino*; ver *latin(i)-*; f.hist. sXV *ladinho*, 1644 *ladino*

diz-se de ou indivíduo que revela inteligência, vivacidade de espírito; esperto (sXV)

diz-se de ou indivíduo cheio de manhas e astúcias; espertalhão, finório

Regionalismo: Brasil.

dizia-se do índio ou do escravo negro que já apresentava certo grau de aculturação.

Latada: espécie de grade horizontal, ou um tanto inclinada, constituída de paus roliços, varas ou caniços, que, disposta ao longo de uma parede, oferece suporte para videiras ou quaisquer outras plantas trepadeiras; caniçado

Lata: orig.contrv.; segundo Nasc., b.-lat. *latta,ae* 'vara comprida', de orig. céltica ou germ.; para JM e AGC, it. *latta* (1333) 'lâmina de ferro, recoberta de leve camada de estanho, us. para fabricar recipientes', do lat.tar. *latta* 'pau ou vara comprida', donde 'vara transversal de planta (esp. parreira), cerca ou grade de suporte de plantas', depois 'tira, viga, chapa ou lâmina de metal (esp. ferro), *p.ext.* 'caixa ou outros recipientes feitos desse material'; segundo Corominas (DELCast), a doc. mais ant. da acp. 'lâmina estanhada de ferro ou aço' ocorre no it. e no fr., tendo prov. influenciado o esp. *lata* (sXV) 'id.'; f.hist. 1134 *Vale de Latas* top., 1562 *lata* acp. de carp, sXVI *lata* 'folha-de-flandres' e 'caixa de ferro estanhado'

Légua,Légoas: lat.tar. *leúca* ou *leúga,ae* 'medida de extensão', us. pelos gauleses para registrar itinerário ou distância percorridos, prov. do celta *leak* 'pedra'; segundo Corominas, ger. doc.

em lat. *leuga*, depois *leuva* > *lewa* com labialização e do -g- precedido da vogal -u-; de *lewa* deve ter passado a *légua*, do mesmo modo que o germ. *wardan* > *guardar* ou *treuwa* > *trégua*; f.hist. sXIII *leguas*, sXV *leegoa*, 1500 *leguoas*, sXV *llegoa*

Rubrica: metrologia.

medida de distância em vigor antes da adoção do sistema métrico, cujo valor varia de acordo com a época, país ou região; no Brasil, vale aproximadamente 6.600 m, em Portugal, 5.572 m

Derivação: por extensão de sentido.

distância não especificada que se imagina grande ou muito grande; grande comprimento ou distância (mais us. no pl.)

Macega: orig.obsc. almácea: esp. *almaciga* (1513) 'sementeira', este do ár. *al-máxdjara* 'sementeira'

substantivo feminino

Diacronismo: antigo.

pequeno tanque destinado a receber a água da ²nora ou da chuva; almácea, alverca

Rubrica: viticultura.

m.q. **malvasia-do-bairro**

erva daninha que nasce em terras cultivadas

campina suja, com capim alto e seco, a ponto de dificultar a passagem

Regionalismo: Rio Grande do Sul.

arbusto rasteiro que cresce ger. em terreno de baixa qualidade

Regionalismo: Sudeste do Brasil. Uso: informal.

conjunto de coisas embaralhadas, mal ordenadas; maçarocada, confusão

Mazaroi: orig.obsc.

usado para designar um molho de chaves, talher, couve, etc. orig.obsc. □ substantivo masculino

Regionalismo: Rio Grande do Norte.

grande porção.

Maçaroca: bagunça. Ex: Seu cabelo esta uma maçaroca.

conexo com o esp. *mazorca* (sXV) 'fio de linho, lã ou crina que se enrola no fuso', p.ana. de forma 'espiga de milho', depois 'emaranhado de fios', de orig.contrv.; ora ligado ao basco *mazurka*, ora ao ár. *másura* 'canudo de lançadeira', sob suposta infl. do germ. **ròkko* ou *rukka* 'roca', e outras hipóteses, todas insuficientes para explicar os voc. esp. e port.; f.hist. a1789 *massaroca*

Malacafento: Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

que está com malaca; doente, enfermiço.

malaca + -ento, com el. de ligação arbitrário -f- (cp. *friorento*, *fumarento* etc., com -r-) ou, segundo Nascentes, de *malaca*, numa form. arbitrária; ver *mal-* e *malac(o)-*

malaca- orig.contrv.; tem sido ligado a *mal*, em der. arbitrária, ao gr. *malakós, ê, ón* 'mole, macio, doce, suave, brando', pelo lat. *malàcus, a, um* 'macio, brando, mole', às vezes tb. como red. de *malacia*, do gr. *malakía, as* 'moleza, fraqueza'; ver *mal-* e *malac(o)-*

malac(o)- □ elemento de composição

antepositivo, do gr. *malakós, ê, ón* 'mole, macio, doce, suave, brando', de uma raiz indo-européia **mel-*, ver ¹*mol-*; ocorre já em voc. origin. gregos, como *malacia* (*malakía*), *malácotrix/malacótrique* (*malakótriks*), *malacossarco* (*malakósarkos*), *malacóstraco* (*malakóstrakos*) e *maláctico* (*malaktikós*), já em vários cultismos da terminologia científica,

do sXIX em diante: *malacanta, malacântida, malacantídeo, malacanto, malacicte, malacícitis, malacina, malacino, malácio, malacitano, málaco, malacobdela, malacobdelídeo, malacocarpo, malacocéfalo, malacocotíleo, malacocoto, malacoderme, malacodermo, malacofilo, malacófono/malacofono, malacogamia, malacogáster, malacogastro, malacolite/malacolita, malacolitito, malacólito/malacolito, malacologia, malacológico, malacologista, malacólogo, malacônio, malaconite/malaconita, malaconito, malacoplasia, malacópode, malacopsila, malacopsilídeo, malacopterígeo, malacopterigiano, malacóptila, malacoptilínea, malacorrinco, malacose, malacosperma, malacossaco, malacossarcose, malacossarcósico, malacossoma, malacossomo, malacosteídeo, malacósteo, malacosteose, malacosteósico/malacosteótico, malacosteu, malacostráceo, malacóstraco, malacostracologia, malacostracólogo, malacotíleo, malacozoário, malacozoófago; ver -**malacia***

Malamanhado: mal amanhado, mal-arrumado.

part. de *amanhar*; ver *man(i/u)-*

amanhar- prov. *a-* + *manha* + *-ar*; ver *man(i/u)-*

man(a)- □ elemento de composição

antepositivo, do v.lat. *máno, as, ávi, átum, áre* 'correr em gotas, gotejar', e 'deixar porejar, destilar', depois 'escorrer(-se), difundir-se (sentido físico e moral); emanar de, decorrer de'; antigo, usual, clássico, mas assaz raro, salvo na linguagem poética, na época imperial; não popular; der. latinos: *mánális, e*, ligado a *Mánés* (deuses Manes, ger. interpretado como pl. do adj. *mánis* 'os Deuses bons', epíteto pelo qual se designavam por eufemismo os espíritos dos mortos, esp. dos antepassados - '*dí parentes*'), mas por prov. etim. popular (ver **manh(ã)-**); *manabilis, manátis, manámen; démáno, dimáno, as* 'espalhar-se, derramar-se, estender-se', *emáno, as* 'escorrer de, emanar, difundir-se'; *emanatio* (tardio); *intermáno; permáno* (usual, clássico); *permananter; mánasco; permánasco, is; prománo; remáno* 'escorrer para trás'; *summáno, as* 'escorrer por baixo, regar'; *manáre* e *manális* parecem der. de um subst. não atestado que seria aparentado ao irl. *móin, galês mawn* 'pântano, turfa'; a cognação port. é toda culta, incluindo *dimanação, dimanado, dimanador, dimanante, dimanar, dimanável; emanação, emanacionismo, emanacionista, emanacionístico, emanado, emanador, emanante, emanantismo, emanantista, emanantístico, emanatório; manação, manadeira, manadeiro, manado, manancial, manante, manantial* (esp.), *manar; promanação, promanado, promanante, promanar, promanável; sumanais, sumanal*

Amanhado: Uso: informal.

que se enfeitou; composto, ataviado

Ex.: traje a.

que se acomodou

Regionalismo: Portugal. Uso: linguagem de delinquentes.

trancafiado, preso

Regionalismo: Alentejo.

que se ajeitou; reparado, consertado

Ex.: sapatos a.

Mandraca: Regionalismo: Brasil.

intervenção ou trabalho de bruxo; bruxaria, feitiçaria, mandinga

beberagem empregada em feitiçaria

orig.contrv.; prov. alt. pop. do lat. *mandragòra* ou *mandragòras, ae* 'planta estupefaciente e soporífera, usada em rituais de magia'; ger. ligada a feitiçaria, em virtude de suas raízes

tuberosas às vezes se assemelharem a um ser humano; Nascentes vê orig. africana; Nei Lopes sugere o quimb. *ndaka* 'maldição'; ver *mandrágora*

Matula: Regionalismo: Brasil.

alforje, farnel

m.q. **matalotagem** ('provisão')

prov. alt. de *matalotagem*

matalote + *-agem*; cf. fr. *matelotage* 'arte de navegar; carga de navio'; f.hist. c1537-1583 *matalotagem*, c1537-1583 *matolagem*, 1858 *matalotáge*

1 Rubrica: termo de marinha. Diacronismo: antigo.

conjunto de matalotes; marujada

2 Rubrica: termo de marinha.

provisão de mantimentos e víveres, embarcados num navio para consumo da tripulação e, em navios de carreira, tb. para consumo dos passageiros

3 Derivação: por extensão de sentido.

qualquer provisão de mantimentos

4 Derivação: sentido figurado.

quantidade de coisas díspares e amontoadas

Michado: pouco.

fr. *miche* (1172-1190) 'pequeno pão branco', do lat.vulg. **micca*, forma reforçada de *míca,ae* 'parcela, migalha'; cp. *mica* e *miga*

Micha: pão feito da mistura de diversas farinhas. m.q. **migalha** ('fragmento de farináceo')

Murrinha: murrinha, que ou aquele que revela grande apego ao dinheiro, às riquezas; que ou quem é excessivamente econômico; avarento, sovina

orig.contrv.; ger. relacionado a *morrer*; Corominas, no entanto, propõe ligação com as acp. hsp. de *morro*; as diversas hipóteses não explicam satisfatoriamente a base etim.

Madorninha: sono. esp. *modorra* 'nome de doença, sonolência, prostração', de orig.contrv.; segundo Corominas, prov. voc. ibérico pré-român. conexo com *modorro*; f.hist. 1154 *Modorra* top., 1524-1585 *modorra*

m.q. **modorra**

madorra: sonolência causada por certos tipos de doença

2 Derivação: por extensão de sentido.

desejo irresistível de dormir, ainda que não provocado por doença

3 Derivação: por extensão de sentido.

grande desânimo ou prostração; apatia, indolência

4 Rubrica: veterinária.

doença que ataca o gado ovelhum

Malino: Regionalismo: Brasil.

que faz muita travessura, arte (diz-se esp. de criança); traquinas

ver em *maligno*; f.hist. sXIV *malínos*, sXIV *mallinos*, sXV *malino*

Mucunã: lat.cien. gên. *Mucuna* (1763); f.hist. 1903 *mucunan*, 1938 *mucunã*

Rubrica: angiospermas.

1 design. comum às plantas do gên. *Mucuna*, da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, tb. conhecidas como mucuna e mucuná

1.1 trepadeira de grande porte (*Mucuna altissima*), nativa das Guianas e Brasil (AMAZ a PI e RJ), de folhas com três folíolos oblongos e flores róseas, com carena amarela, em fascículos sobre longo pedúnculo; comandá-çu, olho-de-boi

1.2 trepadeira (*M. pruriens*) nativa de regiões tropicais, de flores avermelhadas, vagens com pêlos urticantes, dos quais se faz o pó-de-mico, e sementes pretas e luzidias, us. como sucedâneas do café; café-beirão, café-de-mato-grosso, café-do-pará, fava-café, fava-coceira, feijão-café, feijão-ínglês, olhos-de-burricão, olhos-de-burro, pó-de-mico, quicuta

1.3 trepadeira venenosa (*M. urens*), nativa das Guianas e Brasil (AMAZ a GO e SP) e us. como adubo verde, de folhas com três folíolos ovados e oblongos, flores pálidas, amareladas ou esverdeadas, e vagens grandes e grossas, com pêlos tb. urticantes, e poucas e grandes sementes; olho-de-boi, orelha-de-frade

Nódia: nódoa: lat. *notùla,ae* 'marquinha, malhazinha, pequena mancha', dim. de *nòta,ae*, f.divg. de *nótula*; ver ¹*not-*

Not- □ elemento de composição

antepositivo, do lat. *nòta,ae* 'marca de reconhecimento, sinal; inscrição, sinal de convenção, letra, abreviatura, sinal estenográfico, anotação; nódoa, labéu, infâmia, desonra'; der. latinos: *notarius,ii* 'secretário, estenógrafo, escrivão, escrevente, amanuense'; clássico, usual; *notùla,ae* 'marquinha' (port. *nódoa*); o v. lat *nòto,as,ávi, átum,áre* 'marcar, pôr um sinal em; escrever por abreviaturas, escrever por estenografia, escrever; dizer em poucas palavras, indicar; denominar; exprimir; anotar, comentar; censurar, repreender', *notabilis,e* 'notável, insigne, famoso; sensível à vista, que se pode distinguir; notado de infâmia, infamado', *notatiò,ónis* 'ação de marcar com um sinal; descrição, pintura de um caráter (termo de retórica); exame, inquirição, inquérito a respeito de uma pessoa; ação de observar, de notar; etimologia; censura, pena imposta pelo censor'; *annòto* (ou *adnòto*),*as* 'anotar, pôr nota ou observação, tomar nota; observar, notar', *annotatiò,ónis* 'anotação, nota, observação; adição a um escrito; inscrição de um nome no rol de acusados; etimologia', *annotátor,óris* 'o que observa, espia, anotador'; *denòto,as* 'indicar, notar com um sinal, marcar, designar', *denotátus,a,um* 'indicado, notado, marcado, conhecido' (esp.port. *denodado*); *enòto,as* 'notar, lançar em notas, tomar apontamentos'; *innòto,as* 'marcar, notar'; *praenòto,as* 'marcar de antemão, pôr marca em, notar; marcar no frontispício, pôr título em; designar antecipadamente, predizer', *praenotatiò,ónis* 'título'; *subnòto,as* 'marcar; anotar; assinar', *subnotatiò,ónis* 'assinatura'; sem parentesco com o v. (*g*)*nosco*, pois, como afirmam Ernout e Meillet, nenhuma f. normal da raiz deste v. explicaria o ò de *nota*, no qual, de resto, não há nada que indique a presença de um antigo *g* inicial; a cognação vern. apresenta el. cultos e vulgares: *adnotação, adnotado, adnotar; anotação, anotado, anotador, anotar; conotação, conotado, conotador, conotante, conotar, conotatividade, conotativo, conotável; denodabilidade, denodado* 'diz-se dos votos feitos por cavaleiros e/ou soldados', *denodador, denodamento* 'voto feito pelos cavaleiros ao serem armados', *denodatório, denodo; denotabilidade, denotação, denotado, denotador, denotante, denotar, denotatividade, denotatório, denotável; desnodoado, desnodoante, desnodoar; desnotar; noda/nódoa, nodoado, nodoante, nodoar; nota, notabilidade, notabilíssimo, notabilização, notabilizado, notabilizador, notabilizante, notabilizável, notação, notado, notador, notando, notariado/notariato, notarial, notário, notário-mor, notável, notista, nótua; prenotação, prenotado, prenotador, prenotante, prenotar; subnota*

Uso: informal. Diacronismo: antigo.

m.q. *nódoa*.

Ora: é a própria pal. *hora* 'divisão de tempo, tempo, duração' empr. já no sXIII em *agora* (do lat. *hac hora* 'esta hora') e a seguir com uso gramatical (nem sempre gráfico) de conj., adv. e interj.; f.hist. sXIII *ora*, sXIII *oura*, sXIV *hora* adv., sXIV *ora*, sXIV *hora* conj., sXIV *ora*, sXIV *hora* interj.

Pafuá: malamanhado. não encontrado no Houaiss.

Pajiá: Pajear: verbo
transitivo direto

1 m.q. **apajear**

transitivo direto

2 Regionalismo: Brasil.

cuidar de, vigiar (criança)

transitivo direto

3 Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Uso: ironia.

tomar conta de (adulto)

pajem sob a f.rad. *paj-* + *-ear*; f.hist. 1881 *pagear*

pajem: fr. *page* (c1225) 'jovem rapaz', (sXIV) 'moço fidalgo que acompanhava um senhor feudal ou príncipe', segundo TLF, de orig.contrv.: emprt. do it. *paggio* (sXIV) < gr. *paidíon,ou*, dim. de *país,paidós* 'criança', pouco prov., vista a anterioridade da f. fr., ou b.-lat. *pathicus,a,um* 'pederasta passivo' < gr. *páthos* [ver *pat(o)-*], hipótese difícil, do ponto de vista histórico; a datação é da f. inicial port. *paje*; f.hist. sXIV *paie*, sXV *paje*, sXV *pageis*

substantivo masculino

rapaz que, na Idade Média, acompanhava um príncipe, um senhor, uma dama, para prestar-lhes certos serviços e iniciar-se na carreira das armas

Regionalismo: Brasil.

empregado que acompanha alguém em viagem a cavalo

substantivo feminino

Regionalismo: Minas Gerais, São Paulo.

m.q. ¹**ama** ('babá')

Parrudu: *parra* + *-udo*; ver *parr-*

adjetivo

1 rasteiro como as parras

2 baixo e largo; atarracado

3 que tem musculatura desenvolvida; forte, robusto

substantivo masculino

Regionalismo: Brasil. Uso: pejorativo.

indivíduo português

Parr- elemento de composição

antepositivo, do port. *parra*, voc. da segunda metade do sXIII, 'vide ou videira levantada artificialmente', voz própria das três línguas român. da Península, de orig. incerta; como na língua de Oc, *parran* é 'cercado, horto', *parral* valia o mesmo que o aragonês, 1269, e o galg.-asturiano *parreiro* 'grãozeiro', e é provável que o sentido inicial de *parra* fosse 'caramanchão, cercado' e que o voc. seja aparentado com *parricus* 'grãozeiro, cercado' mencionado em *parque* (< fr. *parc*), ver *infra*; a procedência última desta família, comum ao romance e ao germ., é incerta; isso, não obstante, faz com que a f. do fem. occitânico *parran* só possa explicar-se por um gót. **parra,-ns* 'cercado, engradado, caramanchão' e é prov. que dessa mesma pal. venha o nosso *parra* (= esp. *parra*), donde a cogação *aparrado*, *aparreirado*,

aparrar; desparrar; emparrar, emparrear; parrado, parrana, parranda, parrar, parreira, parreira-brava, parreira-do-mato, parreiral, parrilha, parruda, parrudo; como referido anteriormente, o port. *parque* (sXVI) é do fr. *parc* (sXII), por sua vez do b.-lat. *parricus*, der. de **parra* 'vara' pré-latina, cuja cognação sofre em port. a infl. da cognação francesa e da inglesa no sXX (através do ing. *parking*, tomado ao fr. *parquer* 'estacionar [veículo]', do sXIV): *parque, parque, parqueação, parqueador, parqueamento, parqueante, parquear, parqueável, parquete, parqueteria, parquímetro, parquista*

Pisa: sova, surra

regr. de *pisar*; ver *pis-*

pis- □ elemento de composição

antepositivo, do v.lat. *pinso(píso),is,pistum,pinsère* 'pilar (o grão)'; em lat., ao lado do supn. *pistum*, registram-se *pinsum* e *pinsitum*; houve um divg. *pinsáre* ou *pisáre* (romn. *pisa*, engad. *pizer*, fr. *piser*, provç. *pizar*, esp. port. *pisar*), ao lado de um der. **pinsiáre* (it. *pigiare*) e *pistáre* (it. *pestare, pistare*, logd. *pistare*, friul. *pestá*, provç. *pestar*, esp. *pistar*) e *compistare*; são 'almofariz' *píso,ónis* e *píla,ae* (ver para este o el.comp. *pil-*); *pílum,i* 'pilão' e seu dim. *pistillum*; *pistor,óris* 'o que pila o trigo para fazer pão, padeiro'; moer com pedra era em lat. *moló,is,ui,molítum,molère*, ver *mo(l)-*; ter presente que o v. *oppílo, as,ávi,átum,áre* 'arrolhar, fechar (um vaso, uma porta)' é der. de *píla* ou *pílum* (ver *opil-*); no conjunto, prevaleceram as segg. bases: *pil-, pis-, pist-*: *apiloar, apisoar, apisteiro, apisto; despista, despistar; epistação, epistar; expilação, expilado, expilador, expilar; pilado, pilador, pilão, pilar, pilo, piloadada, pilorada, pilota; pisa, pisada, pisadela, pisado, pisador, pisadura, pisão, pisar, piso, pisoador, pisoagem, pisoamento, pisoar, piseiro, pisotear, pisoteio, pista, pistão, pistiláceo, pistilar, pistilo, pistiloso, pistom; recopilção, recopilador, recopilar; repisa, repisado, repisar*

Peia: corda ou peça de ferro que prende os pés dos animais, instrumento de açoite; chicote. lat.vulg. **pedèa*, do lat. *pedica,ae* 'laço que prende os pés, armadilha, grilhão para os pés', este der. de *pes,pèdis* 'pé'; ver *ped(i)-* e *pej-*; f.hist. 1111 *peia*, sXIV *peyoos*, 1602 *pea*

Pej- □ elemento de composição

antepositivo, do v.port. *pejar* (sXV) 'impedir, embaraçar, encher', der. do port. *peia* 'corda ou laço para atar o pé de animais, embargo, embaraço, impedimento, empecilho', de um lat.vulg. **pedèa*, der. do lat. *pes,pèdis* 'pé'; o esp. *despejar*, de 1564, é tomado de emprt. ao port.; o regr. port. *pejo* 'pudor, vergonha (por ser forma de coerção ou impedimento como se embaraço moral)' retorna semanticamente sobre o derivante *pejar*, dando a este a sua segunda linhagem significativa, de natureza não física, mas ética; Corominas, s.v. *despejar*, ressalta precedentemente que *peia*, doc. em 1156, i.e. muito antes de sobrevir o desfazimento do hiato *-ea* com o *-i-* anti-hiático, não pode senão provir do lat.vulg. **pedèa* e não do lat. *peda* 'pegada'; a cognação port. inclui: *apeaça, apeaçado, apeaçar, apeadeira, apeadeiro, apeado, apeadoiro/apeadouro, apeamento, apear, apedado, apedar, apedoso, apeia* (nesta primeira série, há prov. cruzamento morfossemântico de **pedèa > peia* com *peda > *pea* com *pede-* [de *pes,pèdis* 'pé'] > *pé* com o rad. culto de *pé* 'ped-'); *apejado, apejar; despejado, despejadoiro/despejadouro, despejamento, despejante, despejar, despejável, despejo; peja, pejada, pejado, pejadoiro/pejadouro, pejador, pejamento, pejar, pejeiro, pejo, pejoso*

Pistelento: pessoa que não obedece. não encontrado no Houaiss

Posá: pousar: (sXIII) hospedar-se por breve tempo; pernoitar, albergar-se <*vai p. na casa da tia*>.b.-lat. *pauso,as,ávi,átum,áre* 'cessar, parar, fazer parada; repousar, descansar'; cp. *pausar*;

ver *paus-*; f.hist. sXIII *pousar*, sXIII *posou*, sXIV *poussaoua*, sXV *possou*, sXV *pouzar*, 1836 *poisar* 'hospedar-se', sXIV *pousar* 'morar', sXIII *posou* 'assentar'

Pouso: Regionalismo: Brasil.

lugar onde se pernoita; pousada

telheiro ou choça à beira dos caminhos para abrigo de viandantes; rancho

Prosiá: prosa:lat. *prósa,ae* 'id.'; ver *pros(i)-*; f.hist. sXIII *prosas*, sXIV *posa* acp. de mús, 1720 *prosa* 'expressão natural da linguagem escrita ou falada'

Pros(i)- □ elemento de composição

antepositivo, do lat. *prosa,ae* 'prosa, discurso não medido'; ocorre já em voc. origin. latinos, como *prosa* (sXIII) e *prosaico*, já em cultismos formados à sua feição: *prosador*, *prosaísmo*, *prosaísta*, *prosaizar*, *prosar*, *proseado*, *proseador*, *prosear*, *proseio*, *proseirão*, *prosificação*, *prosificado*, *prosificador*, *prosificante*, *prosificar*, *prosificável*

Pranto: lat. *planctus,us* 'ação de bater com ruído, pancada, murro; lamentação, pranto'; cp. *chanto*; ver *plang-*; f.hist. sXIV *pranto*, sXIV *planto*, sXIV *plãto*, sXV *plancto*

ato de chorar; choro

ato de lastimar-se; queixa, lamentação

Rubrica: literatura.

antiga poesia elegíaca em que se lamentava a morte de pessoa querida ou ilustre

Punhado: quantidade de (qualquer coisa) contida numa mão

punho + *-ado*; ver *pugn-*

pung- □ elemento de composição

antepositivo, do v.lat. *pungo, is, pupùgi* (*pepùgi*; *-punxi* nos comp.), *punctum, pungère* 'picar, furar; atormentar, inquietar, fazer sofrer, pungir, mortificar, afligir'; antigo, clássico, usual; representado nas línguas român.: it.logd. *pungere*, friul. *spóndzi*, fr. *poindre*, provç. *ponher*, cat. *punyir*, esp.port. *pungir*; a cognação lat. inclui: *pugìo, ónis* 'punhal', *pugiuncùlus, i* 'punhal pequeno', *punctum, i* 'picada; pequeno buraco feito por uma picada; ponto (sinal de pontuação); parte de um todo, do tamanho de um ponto, pequeno espaço, pequena parcela; momento, instante, pequeno espaço de tempo; ponto (geométrico); ponto (no jogo de dados)', panromânico (salvo romn.): it. *punto*, logd. *puntu*, friul. *pont*, fr. *point*, provç. *ponch*, cat.esp. *punto*, port. *ponto*; do fem. *puncta, ae* 'estocada, golpe de ponta': it. *punta*, fr. *pointe*, provç. *poncha*, logd. *punta*, friul. *ponte*, port. *ponta*; *punctus, us* 'picada, ponto'; *punctio, ónis* 'picada, punção' (termo médico), donde *punctiuncùla, ae* 'pequena picada ou punção'; *punctúra, ae* 'picada', *punctillum, i* 'ponta pequena, pontinha', *punctulum, i* 'leve picada; pontinho, manchinha', *punctorium, ìi* 'instrumento para picar' (tardio), *punctiare* (Meyer-Lübke): it. *ponzare*, cat. *punxar*, esp. *punzar*, port. *punçar*; os v. *compungo, is, compunxi* ou *compùgi, compungère* 'picar; causar impressão desagradável em, ferir, ofender' (b.-lat.), donde *compunctio, ónis* 'compunção', *compunctus, a, um* 'picado em muitas partes; compungido'; *expungo, expunxi, expunctum, expungère* 'picar tudo, de um lado a outro; fazer desaparecer (um nome) com pontos, riscar, apagar, tirar da lista, riscar o nome de um devedor; descarregar, dar quitação a; fazer a barba a; terminar, acabar', donde *expunctio, ónis* 'complemento, remate', *expunctor, óris* 'o que verifica, revisor'; *interpungo, is* 'pontuar, separar as palavras por meio de pontuação', donde *interpunctio, ónis* 'sinal de pontuação', *interpunctum, i* 'intervalo para tomar

fôlego, pausa'; *perpungo, is* 'atravessar totalmente', donde *perpunctus, a, um* 'picado profundamente'; *repungo, is* 'picar de novo'; a cognação vern. - que se enlaça à de **pugn-**, ver - documenta-se em formas vulg. ou semipopulares desde o sXIV, com os rad. *pont-*, *punc-/punç-*, *punt-/punct-*, *pung-*, ademais de cultismos dos v. prefixados acima referidos; a cognação vern. inclui: *apontar* 'fazer a ponta de', *apontar* 'marcar com ponto ou sinal' e os der. de ambos: *apontado*, *apontador*, *apontamento*, *apontável*; *aponteado*, *aponteador*, *apontamento*, *apontear*; *apontoar* 'coser com pontos largos', *apontoar* 'escorar por meio de pontaletes' e os der. de ambos: *apontuação*, *apontado*, *apontoamento*; *bispontar*; *compunção*, *compungido*, *compungidor*, *compungimento*, *compungir*, *compungitivo*, *compungível*; *contraponta*, *contrapontado*, *contrapontador*, *contrapontante*, *contrapontar*, *contrapontável*, *contraponteado*, *contraponteador*, *contraponteante*, *contrapontear*, *contraponteável*, *contrapontismo*, *contrapontista*, *contrapontístico*, *contraponto*; *desapontar* 'apontar mal', *desapontar* 'causar desapontamento' e os der. de ambos: *desapontado*, *desapontador*, *desapontamento*, *desapontante*, *desapontável*, *desaponte*, *desaponto*; *desponta*, *despontado*, *despontador*, *despontadora*, *despontante*, *despontar*, *despontável*, *desponte*, *despontear*; *despontilhado*; *despontuação*, *despontuado*, *despontuador*, *despontual*, *despontualidade*, *despontuante*, *despontuar*, *despontuável*; *empontão*, *empontar*; *esponta*, *espontar*, *espontear*, *esponteirar*, *esponto*, *espontoar*; *expunção*, *expungido*, *expungimento*, *expungível*; *impontão*, *impontar*, *imponteiro*, *impontual*, *impontualidade*; *impun(c)tuado*; *perpontar*, *perponte*, *perponto*, *perpun(c)to*; *pespontadeira*, *pespontado*, *pespontador*, *pespontar*, *pespontado*, *pespontear*, *pesponto*; *ponta*, *pontaço*, *pontada*, *ponta-de-diamante*, *ponta-de-eixo*, *ponta-de-lança*, *ponta-dentro*, *ponta-de-ouro*, *ponta-de-rama*, *ponta-de-sobrancelha*, *ponta-de-terra*, *ponta-direita*, *pontado*, *pontadora*, *ponta-embutida*, *ponta-esquerda*, *pontal*, *pontaletar*, *pontalete*, *pontaletear*, *pontão*, *pontapé*, *pontapear*, *ponta-preta*, *pontar*, *pontareco*, *pontarelo*, *pontaria*, *ponta-seca*, *pontavante*, *ponteação*, *ponteado*, *pontear*, *ponteio*, *ponteira*, *ponteiro*, *ponteiro-direito*, *ponteiro-esquerdo*, *pontelha*, *pontelhão*, *pontiagudo*, *pontilha*, *pontilhação*, *pontilhaço*, *pontilhada*, *pontilhado*, *pontilhar*, *pontilheiro*, *pontilhismo*, *pontilhista*, *pontilhístico*, *pontilho*, *pontilhoso*, *pontinha*, *pontinhar*, *pontinho*, *ponto*, *pontoação*, *pontoada*, *pontoado*, *pontoar*, *ponto-atrás*, *ponto-de-admiração*, *ponto-de-exclamação*, *ponto-de-interrogação*, *pontoeira*, *ponto-e-vírgula*, *ponto-falso*, *ponto-final*, *ponto-limite*, *pontoneiro*, *pontososo*, *ponto-vogal*, *pontuação*, *pontuada*, *pontuado*, *pontual*, *pontualidade*, *pontualização*, *pontuar*, *pontudo*, *pontuoso*, *pontusais*, *pontusal*; *pospontadeira*, *pospontador*, *pospontar*, *posponto*; *punção*, *punçar*, *punçar*, *punceta*, *puncionagem*, *puncionar*, *puncionista*, *puncionístico*, *punçoar*, *punçonadeira*, *puncta*, *pun(c)tação*, *pun(c)tado*, *pun(c)tador*, *pun(c)tante*, *pun(c)tar*, *punctária*, *punctariácea*, *punctariáceo*, *punctarial*, *punctariale*, *pun(c)tável*, *pun(c)ticular*, *pun(c)tiforme*, *pun(c)tilhismo*, *pun(c)tilhista*, *pun(c)tilhístico*, *pun(c)tilioso*, *pun(c)tual*, *pun(c)tura*, *pun(c)turela*; *pundonor*, *pundonoramento*, *pundonoroso*; *pungência*, *pungente*, *pungibarba*, *pungido*, *pungidor*, *pungimento*, *pungir*, *pungitivo*, *pungível*; *repona*, *reponado*, *reponador*, *reponamento*, *reponão*, *reponar*, *reponte*, *reponteado*, *reponice*, *reponista*, *reponona*, *reponuado*, *reponuar*; *repungente*, *repungir*

Pisadura: rad. do part. *pisado* + *-ura*; ver *pis-*
lesão produzida por golpe ou impacto, sem dilaceração ou rotura da pele; contusão
Regionalismo: Nordeste do Brasil.
qualquer ferida em lombo de animais

Rabutáio: não encontrado no Houaiss. Sobra de qualquer coisa.

Ralhar: lat.vulg. **ragulare* 'vociferar', der. do lat.tar. *ragere*

reprender severamente, com tom de voz elevado; admoestar

Refulefêgo: confuso, lugar com vários caminhos. Não encontrado no Houaiss.

Remeda: lat.vulg. **reimitare* (< lat. *re-* + lat. *imitare*, por *imitari* 'imitar'); cp. *arremedar*; ver *imag-*; f.hist. sXV *rremedar*

imitar (ave, como o papagaio) a voz humana ou outro som

Rabinha: pequena panela. Não encontrado no Houaiss.

Ribuçar: que se reбуçou; emбуçado, oculto, disfarçado part. de *reбуçar*; ver *boc(a)-*; f.hist. sXV *reboçado*

Ramona: tipo de grampo usado no cabelo. regionalismo goiano

Réis: pl. de ³*real*; ver *reg(i)-*; f.hist. a1580 *reis*

Rêfugo: latim lat. *refûgus, a, um* 'fugitivo'; ver *fug-*; f.hist. 1720 *refûgo*, 1789 *refugo*

Riguilido: orig.obsc orig.obsc.; há quem o veja como alt. de **reguinga*, regr. de *requingar*

Ripuná: não encontrado no dicionário eletrônico Houaiss.

arripunar: Regionalismo: Paraíba. Uso: informal.

sentir enjoô com a ingestão de iguarias muito doces

Riquifoque: origem obsc

Rídico: regionalismo goiano, Latim rídico + *-ar*

orig.duv., talvez de *ridículo*; ver *rid-*

Rid- antepositivo, do v.lat. *ridèò, es, risi, risum, ridére* 'rir, rir-se de; sorrir, gracejar; zombar'; us. em todas as épocas, panromânico: romn. *rîde*, it. *ridere*, logd. *riere*, engad. *arrir*, friul. *ridi*, fr.provç. *rire*, cat. *riurer*, esp. *reir*, port. *rir*; a coגnação lat. registra *risus, us* 'riso, risada; zombaria' (romn. *rîs*, it. *riso*, logd. *rizu*, fr.provç.cat. *ris*, esp.port. *riso*), *ridiculariûs, a, um* 'gracioso, divertido', *ridicularià, ùm* 'gracejos, jocosidades', *ridicùlum, i* 'coisa risível, que faz rir', *ridicùlus, a, um* 'risível, jocosos; absurdo, extravagante', *ridicùlus, i* 'bobo', além de f. prefixadas com *de-* e *sub-*: *deridèò, es* 'rir-se de, escarnecer, zombar de' e *subridèò, es* 'sorrir' (it. *sorridere*, engad. *sorrir*, fr.ant. *souzrire*, fr. *sourire*, esp. *sorrir*, port. *sorrir*); já no vern. como *reir* no sXIV, *riir* no sXV, quando se faz *rir*; da coגnação emergem cultismos com *rid-* e *ris-* (do supn.): *derisão/derrisão*, *deriso/derriso*, *derisor/derrisor*, *derisoriedade/derrisoriedade*, *derisório/derrisório*; *irrisão*, *irrisível*, *irrisor*, *irrisório*; *ridência*, *ridente*, *ridicularia*, *ridicularização*, *ridicularizado*, *ridicularizador*, *ridicularizante*, *ridicularizar*, *ridicularizável*, *ridiculez*, *ridiculeza*, *ridiculismo*, *ridiculização*, *ridiculizado*, *ridiculizante*, *ridiculizar*, *ridiculizável*, *ridículo*, *ridiculoso*; *risibilidade*, *risilóquio*, *risinho*, *risível*, *riso*, *riso-de-maria*, *riso-do-prado*, *risonho*, *risor*, *risório*, *risota*; *rir*, *risada*, *risadagem*, *risadaria*, *risadinha*, *risão*, *risoteiro*; *sorridelhar*, *sorridência*, *sorridenho*, *sorridente*, *sorrido*, *sorrifulgente*, *sorrir*, *sorriso*, *sorrisonho*, *sorrisoteiro*

Suvino: origem incerta, latim orig.obsc., embora associado por Nascentes ao esp. *sobina* 'torno de madeira', que acrescenta, "figuradamente, por metáfora difícil de induzir, passa a significar

'avaro, mesquinho, somítico, miserável' "; segundo Corominas, o esp. *sobina* 'clava de madeira', de orig. incerta, talvez seja der. da f.fem. do lat. *suinus, a, um* 'relativo a porco', p.ana. do torno de madeira com o membro desse animal; a acp. 'pessoa avara, mesquinha' é citada por Corominas como uso figurado

Sarráfu: orig. contr., para Nascentes, simplificação de *sarrafaçar*; para JM, orig.obsc.; a datação é para a acp. 'm.q. sarjar'

Sariadô: não encontrado. Saria: regionalismo português.

Sova: latim orig.contrv.; segundo Corominas, o voc. comum ao port. e ao esp. (*sobar*, 1050) é de orig. incerta, talvez contração do lat.vulg. *subagère*, que suplantou o lat.cl. *subìgo, is, égi, actum, igère* 'meter debaixo; subjugar; domar; amansar, amassar, apertar, moer, triturar'; Nascentes considera a orig. obsc.; JM cita, ainda, a hipótese de ser der. do lat. *supo, as, ávi, átum, áre* 'lançar, atirar', e Nei Lopes, de ser do umbd. *sova* 'espancar'

Taiá: latim lat.tar. *talio, as, ávi, átum, áre* 'talhar, cortar', por um *lat.vulg. *taleáre*; ver ¹*talh-*; f.hist. sXIII *talla*, sXIV *talhã*, sXIV *talhi*

Terrêru: latim lat. *terrariùs, a, um* 'relativo a terra, solo', depois substv. no neutro sing. *terrariùm, ìi* 'área de terra batida ou calçada, elevação de terra'; ver *terr-*; f.hist. sXV *terreyro*

Taipêru: taipa + *-eiro*

taipa: prov. do ár.-hsp. *tábyya*; cp. esp. *tapia* (sXIII) 'id.'; f.hist. sXIII *tapia*, sXIV *tapea*, sXV *taipas*, sXV *taypa*

Ticar: Regionalismo: Brasil.

ato ou efeito de ticar

sinal manuscrito, em forma de V, ger. feito à margem esquerda de cada um dos itens (palavras, parcelas de soma, listas etc.) que vão sendo conferidos; tico

³*tique* + *-ar*

ing. *tick* (1844) 'id.'

Trupicar: latim ver em *trôpego*

Trôpego: port.ant. *tropigo*, do lat. *hydropicus, i* 'doente de hidropisia', pelo andar vacilante; segundo Nasc., a alt. de *-dr-* para *tr-* deve-se ao fato de não haver *dr-* inicial em pal. propriamente lat.

Tange: latim lat. *tango, is, tetìgi, tactum, tangère* 'tocar (sentido físico e moral, transitivo e absoluto)'; ver *tact-*; não consta do desenvolvimento do verbete a acp. 'ferir; agitar' (sXIV), referida no IVP, por arcaica na língua; o emprego substantivo de *tanger* é tb. do sXIV; f.hist. sXIII *tanger*, sXIV *tãger*, sXIV *atangas*, sXIV *tãgã*, sXIV *tamgeu*, sXVI *tangue* 'atingir, roçar', sXV *tãgedo*, 1420 *tanjuda* 'fazer soar' sXIV *tanger* 'dizer respeito a'

Trabisseiro: travesso + *-eiro*; o nome advém do fato de ser uma espécie de almofada que se põe na cama atravessada em relação ao comprimento da mesma; ver *ver(t/s)-*; f.hist. sXIV *traueyseyro*, sXV *trauesseyros*, 1623 *travisseiro*

Travesso: lat. *transversus, a, um* 'que atravessa, posto de través; oblíquo, atravessado'; a pronúncia da vogal tônica etimologicamente esperada para este voc. seria /ê/, como *avesso* /ê/, do lat. *adversus*, (cf. Ed. Williams *Do Latim ao Português* 126.9), como, aliás, preconizava CA em 1881, diferentemente de MS 1813 e SC (1836) que explicitamente marcavam a diferença entre as f. *travesso* /é/ 'atravessado, transversal' e *travesso* /ê/ 'traquinas, buliçoso etc.', MS na edição de 1879 lembra, inclusive, que o fem. de *travesso* /é/ é *travessa* /é/, ao passo que o fem. de *travesso* /ê/ é *travessa* /ê/; tudo indica que a pronúncia *travesso* /é/ seja produto do fato de que na acp. 'atravessado, transversal etc.' este adjetivo tenha sido mais us. na forma feminina em expressões como *rua travessa*, *porta travessa*, *peça travessa*, expressões em que, por sinal, se tornou comum a silepse do subst. determinado, donde as diversas acp. do subst. fem. *travessa*; outro fator que certamente tb. influenciou ou reforçou o timbre aberto da vogal tônica deste voc. foi o fato de que aí pelo início do sXVIII o adj. *travesso* metaforicamente adquiriu mais uma acp. 'traquinas, levado, buliçoso', e nessa acp. o timbre da vogal tônica do voc. é sempre /ê/; registre-se enfim que a acp. do subst. fem. *travessa* 'rua secundária transversal' já ocorria em lat. na expressão *via transversa*; ver *ver(t/s)-*; f.hist. sXIV *atraveso*, sXIV *de trauesso*, sXV *travesso*, sXV *trauesos*

Tuia: lat.cien. gên. *Thuja* (1737), do lat. *thýa, ae* 'tipo de cedro' < gr. *thuía, as* 'cedro'; há tb. a f. *tuja*; f.hist. 1877 *thúia*

Urdir: latim lat. *ordior, íris, órsus sum, ordíri* 'urdir, fazer uma trama; começar, começar a falar', pelo vulg.; ver *urd(i)-*; f.hist. sXIII *ordian*, sXIII *urdida*

Venda: latim vulgar regr. de *vender*; o lat. vulg. **vendita* serve para o it. *vendita*, fr. *vente*, esp. *venta*; ver ¹*vend-*

Léxico de origem indígena

Apura: sXIV cf. *IVPM*, ver se em apuros, apurar, aligerar(*passo*), andar depressa, apressar(-se). A-+*puro*+*-ar*, ver *pur(i)*. Segundo Nascente, de orig. indígena. Rubrica: etnologia- grupo indígena, hoje considerado extinto, que habitava o Espírito Santo, Rio de Janeiro e Sudeste de Minas Gerais no sXIX; eram tb. Chamados coroados. Obs.: etnm.: br. *Puri*.

Burundanga: não encontrado no Houaiss. Meu conceito: qualquer coisa que se come, muitas coisas diferentes juntas. Buraçanga, 1913 cf. CF, regionalismo: Brasil, 1 cacete com que se sova o algodão ou a roupa, na lavagem. 2 Rubrica: pesca. M.q. Araçanga. Etimologia: Tupi, *imbiraisanga* 'pau grosso e larga' 'sang' 'estendido, alargado'.

Bocó: 1899cf.CF supl. *Regionalismo: Brasil. Bolsa ou assemelhado (alforje, embornal, etc.) feitos de couro rústico, ger. Ainda com o pêlo do animal, us. Para carregar objetos vários, como canivete, fumo, farnel. Etc. Segundo Macedo Soares, voc. de língua indígena *mbocog ‘segurar, guardar’.*

Binga: 1899 cf. CF – *isqueiro feito com a ponta de um chifre e uma lasca de pedra, que se atrita com uma lamina de ferro ou de aço (ger.um pedaço de lima), provocando uma faísca que inflama a bucha de algodão; artifício, fuzil, papa-fogo. Quimb. mbinga ‘chifre’.*

Coité: Rubrica: angiospermas, artesanato.

m.q. **cuia** ('fruto', 'recipiente')

tupi *cúi-etê* 'vasilha verdadeira', segundo Teodoro Sampaio; f.hist. 1875 *coité*

Empuca: mato fechado, moita não encontrado

Guácha ou guasca: 1881 cf.CF - *Regionalismo: Rio Grande do Sul. Tira ou correia de couro cru. Quích. Uaskha ‘ corda, laço’.*

Gequitáia: *de origem tupi. Segundo Amadeu Amaral, s.f. molho de pimenta.*

Imbira: 1618 CF.AFBrand. Rubrica: angiospermas. F.hist.1618 jmvira,sXVIII imbîra, sXIX imbira.

Itiquira: habitante,top itiquira.

Jacuba: Regionalismo: Brasil. 1889 cf.DVB- orig.duv; Pereira da costa(DVB) cita Rohan, que levanta a hipótese de o voc. provir do tupi jecuacuba e do guarn.jecoacu, significando ‘jejum’, pois, “ em falta de pão detrigo, é provável que os jesuítas sujeitassem seus penitentes, em dias, de jejum, ao uso da farinha de mandioca molhada em água fria”, há autores que vêem em jacuba uma alt.do tupi Y-acub; segundo o autor do DVB, para Veríssimo a palavra é de origem africana; f.hist.1889 jacúba.

Jataí: 1789 cf.DHPT 2-m.q. abelha-mosquito(Plebéia droryana) tupi yatei ‘espécie de abelha’, Teodoro Sampaio registra o tupi ya-ti o indivíduo branco,a branca, casta de abelhas. F.hist. 1789 gitaí,1817 getahy,1863 jatahi.

Jirau: Regionalismo: Brasil.

armação de madeira semelhante a estrado ou palanque, que pode ser us. como cama, depósito de utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando posta em cima de um fogão, como fumeiro de carne, toucinho, peixe etc.

armação de madeira sobre a qual se constrói uma casa de modo a evitar a água e a umidade (1831) Rubrica: agricultura.

palanque de madeira armado junto a árvores de tamanho avantajado do qual se serve o lenhador para serrá-las em segmentos

Mucutaia: segundo Nasc., tupi *muku'taya*. Usado na zona rural de formosa como :muita coisa.muito objetos,muita bagunça.

Pucumam ou picumam: indígena tupi *apeku'mã* 'fuligem, negro de fumo; teia de aranha enegrecida pela fuligem'; f.hist. 1872 *picuman*, 1918 *picumam*, 1946 *picumã*

Pichuá: indígena segundo Nascentes, do tupi *pixu'a*

Quiçaça: orig.obsc.

Mundé: indígena tupi *mu'nde* 'armadilha de caça'

Muchiron ou mutirão: indígena voc. tupi não definido; Nascentes propõe um tupi *moti'rõ*, étimo, entretanto, que permanece como um desafio aos pesquisadores etnodialetais, já que a palavra apresenta enorme gama de f.var. e só se documenta graficamente pelos inícios do sXX ou, no máximo, fins do sXIX, embora, na hipótese do tupi, deva ter vida oral desde sempre no Brasil; ainda não se caracterizaram as áreas dialectológicas relativas às var., cujo fonema inicial é em todas uma bilabial, já a sonora nasal *m-*, já a surda oral *p-*, já a sonora oral *-b*, inclusive, nas notações menos infieis, o fonema nasal-oral *mb-*, com ocorrências da parte final ensurdecida *mp-*; esse componente fonético comum presume serem as f. em *mb-* e *mp-* mais arcaizantes, o que, porém, não dirime quanto à origem, se indígena, se africana, pois aparece tanto em pal. brasílicas quanto em africanas, sobretudo do grupo banto; de outro lado, as term. em *-um* e *-om*, que perduram em f. locais, revelam, nesse caso, substrato lingüístico ainda atuante, enquanto a term. em *-ão* indica f. aculturadas ao padrão normal do port. comum do Brasil; com respeito a *mutirão*, a base indígena, prov. tupi, deve ser prioritariamente retida, mas a realidade referencial instituída pode advir, nas f. vigentes no Brasil, de convergência cultural; f.hist. 1872 *moquirão*, 1899 *mutirão*

Puba: indígena segundo A.G. Cunha (DHPT), *puba* ou *pubo*, do tupi *'puwa* 'mole, cansado, podre, imprestável'; para Nascentes, do tupi *pubae* 'fermentado'

Pururuca: indígena segundo Nascentes, alt. de ¹*pororoca*; para o autor, "é qualificativo do milho quebradiço"; f.hist. 1877 *pururúca*, 1877 *pururuca*
tupi *poro'roka* 'estrondo'; ver *-poca*; f.hist. 1636 *paroroca*, 1636 *porocroca*, 1763 *pororóca*, 1817 *póróróca* acp. de geo, 1771 *pororuca*, 1817 *perurúca* acp. de cul

Piraim:tupi **pira'i*; embora AGC registre este étimo no Dicionário Etimológico Nova Fronteira, em DHPT o mesmo autor põe em dúvida a orig. tupi; Teodoro Sampaio consigna *pirá-y* 'o rio do peixe'; f.hist. 1875 *pirahy*, 1946 *pirái*

Sura ou surucu: orig.obsc., ocorrem tb. *suri* e *suru*

Suri:ver sinonímia de *derrabado*, *regionalismo de São Paulo*.

Tapéra: tupi *ta'pera* 'aldeia indígena abandonada, habitação em ruínas' (< *tawa* 'taba' + *pwera* 'que foi'); f.hist. c1698 *tapéra*

Léxico de origem africana

Assunga: *a-* + *sungar*. quimb. *sunga* 'puxar'; Nascentes identifica o étimo como quimb. *kusunga*

Bandulaque: *não encontrado no Houaiss*

Bandulete: Regionalismo: Guiné-Bissau. afr.espécie de pente ou prendedor de cabelos

Bazé:africano orig.contrv.; afr., prov. f. desnasalizada de *banzé*, com o signif. 'má qualidade' estabelecendo a conexão semântica; note-se que há registro de *bazé* como var. de *rapé*

Cacunda: africano segundo Nei Lopes, do quimb. *kakunda* 'corcova, giba'; cp. *carcunda*

Cafuné: orig.contrv.; segundo Nei Lopes, do quimb. *kifune*, sing. de *ifune* 'estalidos produzidos com os dedos na cabeça'; para Nasc., do quimb. *kifunate* 'entorce, torcedura, torção'; segundo AGC, do quimb. *kafu'ndu* 'cravar, enterrar'

Catirar: orig.contrv. Africano orig.duv.; talvez red. de *cateretê*, pronunciado *catiretê*

Cateretê: orig.contrv.; segundo AGC, de prov. orig. africana, mas de étimo indeterminado; segundo JM, orig. onom.

Catira: dança rural típica de regiões goianas.

Entangado: africana ¹*en-* + *tanga* + *-ar*

Tanga: quimb. *tanga* ou *ntanga* 'pano, capa'

Inganbelar: enganar ou seduzir por meio de adulação

orig.duv.; João Ribeiro e Renato de Mendonça supõem orig. afr., no quimb. *ngmbular* 'fazer adivinhações', hipótese perfilhada por Nasc.; Silveira Bueno (*apud* JM) vincula o voc. a *gamba* 'perna', aduzindo: "A própria perífrase correntíssima em português *passar a perna* está demonstrando que esta é a formação da palavra..."; CF filia o voc. a *gamela* (na acp. de 'mentira'); há ainda uma hipótese (consentânea com o tardio da datação): as noções 'ser agradável ou dar alguma coisa em troca, para seduzir' levam a associar o voc. ao v. *cambiar* em cruzamento com *enganar*, a que se atribui a passagem de *c-* a *g-*; em qualquer das hipóteses precedentes, é palpável a influência semântica de *enganar*

Ganzé: africano orig.obsc.

Gunguna: quimb. *ngunguma* 'produzir som cavo e profundo; roncar'

Mamparra: orig.contrv. relaciona ao rongga(moçambique) africanismo orig.contrv.; AF relaciona ao rongga (Moçambique); f.hist. 1899 *mamparra*, 1899 *mampárria*

Moxé: sapo. não encontrado no dicionário Houaiss

Munha: afro Moçambique orig.obsc.

Mucuta: quicg. *mukuta* 'cesta que se carrega nas costas' usado na zona rural de Formosa,ex. Pega suas mucuta! Equivale a pega suas coisas,suas bagunças.mucutaia: segundo Nasc., tupi *muku'taya*.